



PUC
RIO

RAPHAEL ZAREMBA

ESCREVENDO (OU SERIA 'TECLANDO'?!) O HOMEM DO SÉCULO XXI

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, 11 de abril de 2001.

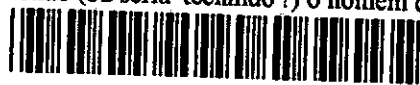
**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO**

**Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>**

N.Cham. 150 Z36 TESE UC

Autor Zaremba, Raphael

Titulo Escrevendo (ou seria 'teclando') o homem do século XX



Ex.1 PUC-Rio - PUCB

00195074

RAPHAEL ZAREMBA

ESCREVENDO (OU SERIA 'TECLANDO'?!) O HOMEM DO SÉCULO XXI

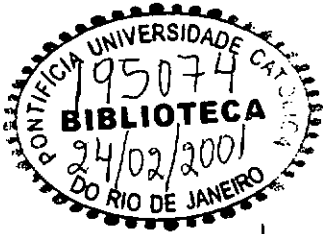
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Ana Maria Nicolaci-da-Costa

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, 11 de abril de 2001.

112209



EC 17V
d

150
736
teste UC

"Esse trabalho é dedicado àqueles sem os quais eu, literalmente, não estaria aqui: meu pai, Victor, minha mãe, Ana Maria, e meus avós, Angelina, Wilson, Zélia e Estanislau. Tudo o que eu sou, devo a vocês. E não poderia esquecer também de Bruno e Sabrina, meus queridos irmãos. Vocês não fazem idéia da felicidade e do orgulho que eu sinto por poder fazer parte dessa família. Amo vocês."

"Para Sara, minha Penty, que tanta paciência teve para aturar as muitas 'crises existenciais' que vivi nos últimos anos. Sem você ao meu lado, não sei se teria sido capaz de chegar ao final dessa jornada. Que possamos viver ainda muitas outras aventuras juntos... Te amo muito."

AGRADECIMENTOS

Sempre fui fascinado por provérbios. Me impressiona o enorme conhecimento contido em tão poucas palavras. Foi esse meu fascínio por provérbios que me levou a tomar a decisão de utilizar alguns dos meus favoritos para fazer os agradecimentos.

Começo com um ensinamento do grande mestre Confúcio. Dizia ele que: "aprender sem pensar é inútil, pensar sem aprender, perigoso".

Meu primeiro agradecimento vai para uma pessoa que sempre me incentivou a pensar. Posso dizer, com toda sinceridade, que eu talvez não estivesse aqui hoje caso não a tivesse conhecido ainda no início do meu percurso na graduação em Psicologia. De lá para cá, alguns bons anos de convivência se passaram e muito conhecimento foi adquirido. Se hoje chego ao final do meu Mestrado em Psicologia, muito devo à minha "eterna orientadora". Muito obrigado, Ana. Por tudo.

Outra importante mestra, que tive o prazer e a sorte de encontrar ao longo do caminho, também merece o meu muito obrigado. Seu apoio constante e a confiança que sempre depositou em mim me deram forças para seguir em frente naqueles momentos em que cheguei a pensar em desistir dos meus sonhos. Por sua positividade e pelas inúmeras portas que abriu, e continua abrindo, para mim, te agradeço enormemente, Regina.

Seguindo em frente, pego emprestada agora uma frase de Elmer G. Letterman: "Só existe uma coisa melhor do que fazer novos amigos: conservar os velhos".

Ao longo de nossas vidas, conhecemos muitas pessoas. Algumas poucas vêm a se tornar nossas amigas. Um número ainda menor, aquelas com que sabemos poder sempre contar, acaba integrando o seleto grupo dos "amigos

verdadeiros". Para a minha felicidade, tenho algumas dessas pessoas em minha vida. A elas serei eternamente grato.

Dani, minha parceira em tantos empreendimentos, faz parte deste grupo. Me dando força nos períodos mais difíceis, rindo comigo nos momentos de alegria, me ensinando tanto com o seu brilhantismo... Sempre presente e uma amiga verdadeira. Obrigado, Dani.

José Roberto é outro que merece o meu muito obrigado. Presente em muitas das minhas conquistas recentes e, por que não dizer, responsável direto por muitas delas, sempre me apoiou e incentivou em minhas empreitadas. Mesmo nos períodos de confusão mental que vivi nos últimos dois anos, teve paciência e esteve ao meu lado. Rosane, uma pessoa fantástica, e Gabi, minha "afilhada" querida, que muitas vezes fizeram o trabalho de amansar a "fera" e, com isso, tornaram as nossas vidas mais felizes, também merecem a minha gratidão.

Amigos verdadeiros, porém, não são apenas aqueles que nós vemos todos os dias. Existem também os que mesmo fisicamente distantes de nós estão sempre presentes. Tenho alguns nessa situação: Bárbara, Bel, Carla, Cristiano, Daniela, Eduardo, Flávio, Geraldo, Jú, Paulo César, Ricardo, Ricardo e Vivien. Apesar de não nos vermos com tanta frequência, vocês são parte muito importante da minha vida. Obrigado a todos.

Queria agradecer, ainda, aos meus quatro casais favoritos: Paula e João, Juliana e André, Liege e Carlinhos, Dani e Júlio. Vocês oito foram responsáveis por inúmeros momentos de grande alegria e prazer. Sem estes, não teria sido fácil atravessar os muitos obstáculos que se apresentaram no caminho. Obrigado, amigos.

Entro na última parte dos meus agradecimentos com um provérbio sueco que diz que: "uma alegria compartilhada se transforma em dupla alegria; uma dor compartilhada, em meia dor".

Começo agradecendo àquelas que compartilharam comigo não apenas alegrias e dores, mas preocupações, idéias, dúvidas, soluções, dificuldades, opiniões, tardes de quinta-feira e tantas outras coisas. Ana Claudia, Beta, Carla, Dani e Rosane. O que seria de mim sem essa equipe fantástica? Muito obrigado a todas vocês.

Outra que muitas experiências compartilhou comigo ao longo dos últimos anos, e que merece a minha gratidão, é Maria Theresa. Acompanhando toda a minha trajetória e os muitos altos e baixos que atravessei, sempre me ajudou a encontrar os caminhos que eu não enxergava. Obrigado.

E o que dizer de Marise, que tanto me ajudou em tantas coisas? Não existem "obrigados" suficientes no mundo para agradecer tudo que você fez, e ainda faz, por mim. Quero que você saiba, porém, que todos os "obrigados" que eu tenho são seus.

Estendo minha gratidão à Verinha, Dudu, aos professores e aos demais funcionários do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Agradeço a todos por terem tornado essa experiência algo inesquecível. Espero reencontrá-los em breve...

Por fim, não poderia deixar de agradecer à CAPES, que financiou este estudo, e aos jovens brasileiros usuários de computador e da Internet que me concederam entrevistas. Sem a colaboração de vocês, esta pesquisa não existiria.

RESUMO

Realizado com sujeitos na faixa etária de 18 a 26 anos, o presente estudo teve o intuito de investigar a relação que jovens brasileiros vêm estabelecendo com um novo tipo de escrita: a "Escrita Digital". Como forma de coletar material, foram feitas quinze entrevistas via ICQ, tendo sido entrevistados oito jovens do sexo feminino e sete do sexo masculino. Para se qualificar como sujeitos da pesquisa, os jovens deveriam fazer uso do computador e da Internet há pelo menos um ano, de forma a já ter adquirido alguma familiaridade com a escrita na tela e ser capazes de traçar comparações entre esta e a escrita "tradicional" com lápis/caneta e papel. As entrevistas foram analisadas através da técnica da análise de discurso. Como principais resultados, destacaram-se: a) a fusão computador-Internet, que parece tornar impossível pensá-los como "entidades" isoladas; b) a preferência desses jovens pela escrita no computador e o prazer que sentem ao teclar; e c) os diferentes tipos de raciocínio empregados na escrita à mão e na escrita na tela.

ABSTRACT

Carried out with subjects between eighteen and twenty six years of age, the present study aimed at investigating the relationship young Brazilians are establishing with a new form of writing, "Digital Writing". As a way of collecting information, fifteen young adults were interviewed via ICQ, eight having been women and seven having been men. In order to qualify as a subject for the research, the young adults should have been using a computer and the Internet for at least a year, so that they would already have acquired a degree of familiarity with writing on the screen, and would be capable of drawing comparisons between this and the "traditional" form of writing using a pencil/pen and paper. The interviews were analyzed using the speech analysis technique. The main results noted were: a) the computer-Internet merge, which seems to make impossible to think of them as isolated "entities"; b) the subjects' preference for writing on the computer and the pleasure they feel when typing; and c) the different types of logic employed when writing by hand and writing on the screen.

PALAVRAS-CHAVE

Computador, Internet, Escrita, Escrever x Teclar, Subjetividade

KEYWORDS

Computer, Internet, Writing, Writing x Typing, Subjectivity

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 1

1 - NOVAS TECNOLOGIAS E AS CIÊNCIAS HUMANAS: UM ENCONTRO NECESSÁRIO	6
1.1 - Da pedra ao papel: a escrita ao longo do tempo	7
1.2 - O desenvolvimento da imprensa	11
1.3 - A imprensa e a vida mental	14
1.4 - O que vem pela frente?	22
2 - ESCRITA DIGITAL: NASCE UMA NOVA TENDÊNCIA	31
2.1 - Escrever x Teclar	32
2.2 - Meio novo = Escrita nova?	36
2.3 - Reagindo ao novo: "Isto vai matar aquilo?"	38
2.4 - Teclando ou falando (?): A escrita enquanto fala no "universo virtual"	42
2.5 - Falando através do computador	43
2.6 - Mas, afinal, de onde vem o prazer do teclar?	49
3 - TECLANDO COM OS SUJEITOS	52
3.1 - Sujeitos	52
3.2 - Instrumento para a coleta de material	54
3.3 - Procedimento	55
3.4 - Análise dos dados	57
3.5 - Resultados	59
<i>Os sujeitos da pesquisa</i>	59
<i>Primeiro contato com o computador e com a Internet</i>	60
<i>O computador no "pós-Internet"</i>	68
<i>A questão da escrita I - O começo</i>	71
<i>A questão da escrita II - E agora?</i>	80
4 - DA GALÁXIA DE GUTENBERG À GALÁXIA DE GATES	95
4.1 - Conhecendo o jovem "internauta"	96
4.2 - Por que teclar é mais prazeroso do que escrever?	97
4.3 - "Homem tipográfico" x "Homem digital"	100
4.4 - Aonde podemos chegar?	104

5 - APÊNDICE	105
<i>O percurso da escrita ao longo do seu desenvolvimento</i>	105
<i>Quem foi Gutenberg?</i>	108
6 - BIBLIOGRAFIA	111
7 - FONTES DE PESQUISA NA INTERNET	114
8 - ANEXOS	115
<i>Roteiro de entrevistas</i>	115
<i>Dados de identificação dos sujeitos da pesquisa</i>	117

"Nunca ande pelo caminho traçado,
pois ele conduz somente até
onde os outros já foram"
(Alexandre Graham Bell)

"A fala conquista o pensamento,
mas a escrita o domina"
(Walter Benjamin)

INTRODUÇÃO

"Quais são os principais problemas sociais e oportunidades gerados pelos rápidos avanços na ciência e na tecnologia? Como planejamos lidar com estes problemas e explorar estas oportunidades? Que metas iremos traçar para nós mesmos? Não se sabe ao certo quanto tempo temos para responder estas perguntas, mas a prioridade número um é colocá-las. A tecnologia não pode fazer isso por nós. Nós vivemos em um mundo em que uma coisa é certa: mudanças fundamentais. Nós estamos saindo da era de 'apertar botões'. Atualmente os botões apertam a si mesmos" (minha tradução).¹

Durante a história de seu desenvolvimento, a humanidade deparou-se algumas vezes com grandes revoluções, revoluções estas que tiveram o poder de alterar a configuração da vida do homem nos seus mais diferentes aspectos. Algumas das maiores revoluções por nós conhecidas estiveram ligadas ao desenvolvimento tecnológico e ao surgimento de novas tecnologias.

A título de ilustração, poderíamos nos remeter àquela que foi talvez a maior das revoluções já vividas pela humanidade: a Revolução Industrial. Com todas as transformações que trouxe para a organização social e, por conseqüência, para a vida humana, a Revolução Industrial foi, em última análise, fruto de uma "simples" inovação tecnológica: a máquina a vapor.

Creio que muito poucos poderiam imaginar que a invenção de James Watt teria tanto impacto sobre a vida do homem. Foi a entrada em cena da

¹ "What are the major social problems and opportunities that flow from rapid advances in science and technology? How do we plan to meet these problems and exploit these opportunities? What goals are we going to set for ourselves? It is not clear how much time we have to answer these questions, but the first priority is to ask them. Technology cannot do that for us. We face a world in which one thing is certain: fundamental change. We are leaving the push-button age. Today the buttons push themselves". Diebold, John, *Man and the computer: technology as an agent of social change*, New York: Frederick A. Praeger, Publishers, 1969, pp. 22-23.

máquina a vapor, no entanto, que, ao diminuir distâncias e trazer os trabalhadores para perto das primeiras grandes indústrias, tornou possível, entre outras coisas, o surgimento das grandes metrópoles.

Penso ser desnecessário dizer que foi também a criação de Watt e o cenário por ela gerado que possibilitaram o nascimento e fortalecimento de duas das principais tendências dos últimos séculos: o capitalismo e o individualismo.

O leitor há de concordar que não poderia haver melhor berço para o capitalismo do que as "grandes" metrópoles, com seus parques industriais e as longas horas de trabalho repetitivo em suas linhas de produção.

Quanto ao individualismo, se sua semente talvez já tivesse sido plantada em uma revolução anterior - marcada pela grande disseminação da cultura alfabética possibilitada pela tecnologia da imprensa -, a mudança na organização social instaurada pela Revolução Industrial, e os impactos que esta mudança teve sobre a vida pessoal de todos aqueles por ela atingidos, certamente ajudou-o a desabrochar.

Diante deste quadro, e considerando que estudar o novo não constitui tarefa fácil - haja vista que entrar em contato com questões que nos obrigam a colocar em dúvida nossas "certezas" e repensar nossa realidade certamente não é algo cômodo -, coube a alguns poucos e corajosos estudiosos a tarefa de tentar compreender tantas transformações. Debruçar-se sobre o turbilhão gerado pela Revolução Industrial, e buscar respostas para as inúmeras perguntas que se colocavam por conta de tantas mudanças, foi o que procuraram fazer - e fizeram - pensadores como, entre outros, Sigmund Freud, Karl Marx, Emile Durkheim, Georg Simmel e Max Weber.

Todos esses nomes - hoje grandes - tiveram em comum precisamente a coragem de observar e registrar, em um primeiro momento, tudo de novo que acontecia diante de seus olhos. E foi a partir da interpretação de suas

observações que puderam criar novas formas de entender o mundo e seus habitantes, dando origem a teorias com as quais convivemos ainda nos dias de hoje.

Passados mais de dois séculos, vivemos agora outro período de transformações fundamentais. Uma nova revolução, por muitos chamada de "Revolução Digital", parece ter potencial comparável àquele das maiores revoluções vividas pela humanidade.

Fruto do computador pessoal e da Internet - talvez a maior inovação tecnológica surgida nos últimos tempos -, a "Revolução Digital" vem trazendo transformações que vão muito além do que inicialmente poderia se supor. Da organização política e econômica à organização do dia-a-dia e da subjetividade, mudanças em todas as esferas da vida do homem são esperadas dessa nova revolução. É precisamente nas transformações de que estão sendo alvo o cotidiano e a organização subjetiva do homem que reside meu interesse.

Penso que, como psicólogos, é nossa função buscar compreender os impactos que o avanço tecnológico terá sobre aquele que é a matéria-prima de nossa ciência: o ser humano. Desta maneira, há já algum tempo tenho me dedicado ao estudo da relação que o homem vem estabelecendo com o computador e com a Rede.

O cotidiano do homem e as transformações pelas quais ele vem passando a partir do surgimento da Internet têm sido meu principal foco de atenção nos últimos cinco anos. Pesquisas desenvolvidas desde o ano de 1996 pela equipe coordenada pela professora Ana Maria Nicolaci-da-Costa, da qual sou membro, vêm deixando cada vez mais nítidos os impactos que a Rede tem sobre aqueles que com ela travam contato. Novas formas de pensar, agir, sentir e se relacionar com o mundo e com os outros são algumas das características do homem que vem emergindo do contato com a Internet.

Diante de tantas mudanças, elegi como tema do presente estudo uma que me foi apresentada por crianças e adolescentes que participaram da pesquisa *As crianças estão bem (?): Um estudo sobre a Internet e a Nova Geração*, desenvolvida em parceria com minha colega Daniela Romão-Dias no ano de 1998: o surgimento de uma nova forma de escrita. Utilizando como ferramentas o teclado e a tela de um computador, esta nova escrita - por mim batizada de "Escrita Digital" - surge como algo divertido e prazeroso. Em oposição a ela aparece a tradicional escrita à mão, apontada pelos sujeitos como "chata" e entediante.

Será, portanto, a um estudo sobre a "Escrita Digital" e seus efeitos sobre aqueles que dela vêm fazendo uso que o leitor terá acesso a seguir. Contando com a colaboração de jovens brasileiros usuários de computadores e da Internet, que me concederam entrevistas, este estudo teve a intenção de procurar respostas para algumas das perguntas que se colocam em relação às características desse novo homem que vem surgindo no início de um também novo milênio.

Antes de abordarmos a pesquisa e seus resultados mais diretamente, porém, será feito um breve histórico do desenvolvimento da escrita ao longo do tempo, sendo traçado, ainda, um paralelo entre a revolução atualmente em curso e aquela que foi marcada pela invenção da imprensa. Através desse paralelo, ao qual será dedicado o primeiro capítulo, será apresentado ao leitor o raciocínio que conduzirá o presente estudo.

Posteriormente, será abordada a "Escrita Digital" propriamente dita, sendo o segundo capítulo destinado à exposição daquelas que são consideradas as principais características da escrita no computador. Como forma de introduzir o tema central do atual estudo, serão ainda apresentados alguns dos resultados da pesquisa *As crianças estão bem (?): Um estudo sobre a Internet e a Nova Geração*. Foi nesta pesquisa, já mencionada acima, que,

pela primeira vez, surgiu com destaque a oposição entre a escrita à mão e a escrita na tela.

Isto feito, será apresentado o estudo por mim realizado para a presente dissertação com jovens brasileiros usuários de computadores e da Internet. No terceiro capítulo o leitor terá a oportunidade de conhecer maiores detalhes acerca deste, sendo apresentados a metodologia adotada e os resultados alcançados.

Finalmente, no quarto capítulo o leitor encontrará uma discussão em que, tendo como pano de fundo a fundamentação teórica apresentada nos capítulos iniciais e as falas dos jovens entrevistados, será feita a tentativa de encontrar respostas para algumas das inúmeras perguntas com as quais sempre nos deparamos diante de revoluções como a atualmente em curso.

Infelizmente, no entanto, respostas não são o único saldo deste estudo. Ao que parece, restarão sempre perguntas a serem colocadas - como diz John Diebold na citação apresentada na abertura desta introdução. Mas isso fica para uma próxima pesquisa...

1 - NOVAS TECNOLOGIAS E AS CIÊNCIAS HUMANAS: UM ENCONTRO NECESSÁRIO

"A tecnologia é tão velha quanto o próprio homem, visto que quando lidamos com fósseis é apenas quando encontramos traços do uso de ferramentas fabricadas que nos sentimos seguros de estar lidando com homens" (minha tradução).²

A relação homem-tecnologia é algo tão antigo que não parece ser possível pensar em uma das partes sem imediatamente considerar a outra. O que percebemos, porém, é que as Ciências Humanas muitas vezes preferem abster-se de discussões que envolvem tecnologias e tudo mais que possa ser familiar às chamadas Ciências Exatas. Poucos são os autores que se dedicam à investigação das diversas transformações - de conceitos, valores e, por consequência, vidas de pessoas - que caminham junto com inovações tecnológicas. Mas eles existem.

Pierre Lévy, para citar um exemplo atual, é um dos autores que estuda, há já algum tempo, os impactos que as novas tecnologias digitais têm sobre o ser humano. Lévy está atento às transformações que podem resultar do uso destas:

"Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos".³

² "Technique is as old as man himself, for when we deal with fossil remains it is only when we come upon traces of the use of fabricated tools that we feel sure we are dealing with men". Gehlen, Arnold, *Man in the age of technology*, New York: Columbia University Press, 1980, p. 2.

³ Lévy, Pierre (1990), *As tecnologias da Inteligência - o futuro do pensamento na era da informática*, São Paulo: Editora 34, 1998, p. 7.

Com esta colocação, abre sua obra *As tecnologias da inteligência - o futuro do pensamento na era da informática*, livro em que aborda alguns aspectos das mudanças em curso em nossas vidas a partir da introdução de novas tecnologias em nosso cotidiano. Lévy ressalta, entre outros temas, que "escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada".⁴

É verdade que apenas poderemos conhecer os efeitos destas transformações dentro de alguns anos. Entretanto, uma das colocações do autor parece irrefutável: um novo tipo de homem emergirá do contato com tais tecnologias.

Buscar um maior conhecimento acerca desse novo homem é o objetivo principal do presente estudo. Com este propósito, será dada especial atenção ao primeiro item relacionado por Lévy na pequena "lista" apresentada acima: a escrita.

Antes de tratarmos de mudanças atualmente em curso, porém, creio ser interessante voltar um pouco no tempo e apresentar ao leitor um breve resumo da história do desenvolvimento da escrita. Nesta revisão será dado destaque à invenção da imprensa, revolução tecnológica que teve inquestionáveis impactos sobre o homem e que parece servir como bom parâmetro para compreendermos as transformações que ele vêm sofrendo no presente momento.

1.1 - Da pedra ao papel: a escrita ao longo do tempo

De acordo com definição apresentada por David Diringer, a escrita, rigorosamente definida, é "a contrapartida gráfica do discurso".⁵ Diringer

⁴ *Idem*, p. 7.

⁵ Diringer, David, *A escrita*, Rio de Janeiro: Editorial Verbo, 1985, p. 15.

destaca que, através dela, as condições ordinárias de tempo e lugar podem ser transcendidas pela linguagem:

"Sem a escrita, a cultura, definida como uma 'inteligência transmissível', não existiria (senão, talvez, numa forma tão rudimentar que mal se reconheceria). A lei, a religião, o comércio, a poesia, a filosofia e a história - todas aquelas atividades que dependem de certo grau de permanência e transmissão - seriam, se não impossíveis, incalculavelmente restritas".⁶

Tal concepção de escrita nos leva necessariamente à conclusão de que esta pressupõe a existência da linguagem falada. É fato que durante muito tempo a humanidade viveu sem qualquer espécie de escrita. Contudo, não existe qualquer dúvida de que, já nesta época, era utilizada alguma forma de língua articulada, ainda que esta não atingisse níveis de complexidade tão altos como os encontrados atualmente nas diferentes línguas. A escrita, por sua vez, surgiu em um passado não tão distante, se pensarmos no longo tempo pelo qual se estende o progresso intelectual da humanidade.

Segundo estudiosos do tema, a Pictografia,⁷ ou Escrita Figurativa, utilizada por muitos dos povos pré-históricos - como os da África, da América, da China, da Espanha, da Fenícia, de Creta, do Egito, da Mesopotâmia e do sul da França - teria representado a escrita em seu estágio mais rudimentar. Até alcançar a Escrita Alfabética - apontada por muitos como a forma mais desenvolvida atingida pela escrita -, o homem passou pela Escrita Ideográfica, pelas Escritas Analíticas ou de transição e pela Escrita Fonética, sendo importante ressaltar que este percurso esteve sempre ligado ao uso de diferentes ferramentas.

A utilização de pedras, argila, papiros, pergaminhos, códex e, finalmente, do papel, apresentaram ao homem diferentes espaços de escrita, cada um com suas características específicas.

⁶ *Idem*, p. 15.

⁷ O leitor interessado poderá encontrar no *Apêndice* maiores informações acerca desta e das demais formas de escrita abordadas na presente exposição.

Escrever em pedras, ou até mesmo em argila, era um processo bastante demorado. Todavia, é verdade que estes materiais possuíam uma grande vantagem sobre os outros: sua longevidade.

O papiro, contudo, também apresentava algumas vantagens em relação aos outros materiais, tendo sua flexibilidade e portabilidade o tornando mais apropriado para o uso cotidiano. Um dos resultados do uso do papiro foi o fato de, progressivamente, a escrita egípcia ir se tornando mais cursiva e, conseqüentemente, menos parecida com as tradicionais imagens hieroglíficas estilizadas que eram utilizadas para a escrita em pedras.

A folha de papiro foi também o material utilizado para a criação do antigo livro. Este livro, que tinha o formato de um rolo, consistia de várias folhas de papiro coladas umas as outras. Os textos eram escritos em colunas estreitas, perpendiculares ao comprimento do rolo.

O surgimento do códex⁸ - que começou a ser utilizado nos séculos I e II -, ao definir um espaço de escrita totalmente novo, abriu uma enorme gama de possibilidades tanto para autores quanto para leitores. Contudo, os primeiros livros deste tipo ainda apresentavam inúmeros problemas. A pontuação, por exemplo, era pouco utilizada, sendo uma palavra escrita ao lado da outra, sem qualquer tipo de separação. Cabia ao leitor decifrar o texto, a fim de que pudesse alcançar qualquer tipo de compreensão.

Na Idade Média, pergaminhos surgiram como uma opção mais atraente do que o papiro. Parece ter sido a partir da invenção do papel pelos chineses, porém, que a escrita sofreu sua revolução mais fundamental. Apesar de não ser tão resistente como o pergaminho, o papel, além de mais barato, podia ser produzido em maiores quantidades, o que tornava possível que a crescente demanda por materiais escritos fosse atendida.

⁸ Consistindo de folhas de papiro dispostas em cadernos, se assemelhava ao livro moderno. O tamanho comum era de cerca de 25 por 17 centímetros.

De posse destes novos materiais, escribas medievais partiram então para a criação de um novo espaço para a escrita, passando a usar a separação entre as palavras, pontuação e uma organização visual que facilitasse a tarefa do leitor.

Como se pode concluir, o surgimento de novos materiais desempenhou um papel muito importante no que concerne ao desenvolvimento da escrita propriamente dita. Todavia, parece ser o surgimento do alfabeto fonético o grande marco na história do desenvolvimento da cultura escrita.

Como ressalta Marshall McLuhan, uma vez generalizado o alfabeto fonético e traduzido o som das palavras em um código visual, o homem se deparou com uma experiência totalmente nova e transformadora.

McLuhan aponta "que o homem letrado, desde seu aparecimento, quando o encontramos no mundo grego, é um homem dividido, partido, esquizofrênico, como todo letrado ou alfabetizado tem sido desde a invenção do alfabeto fonético".⁹ Afirma que nenhum dos tipos de escrita conhecidos até então teve a força destribilizante do alfabeto fonético, destacando que nenhum deles conseguiu desprender o homem do domínio possessivo de completa interdependência que está presente no mundo auditivo.

Segundo McLuhan, apenas com o aparecimento da escrita fonética foi estabelecida uma cisão entre visão e audição, entre o código visual e o significado semântico. Somente o alfabeto fonético teve o poder de substituir o ouvido do homem por sua vista, dessa forma tornando possível a passagem da esfera tribal para a esfera civilizada.¹⁰

⁹ McLuhan, Marshall (1962), *A galáxia de Gutenberg*, São Paulo: Editora Nacional, Editora da USP, 1972, p. 46.

¹⁰ Para McLuhan, "civilização" é o termo que devemos utilizar quando nos referirmos ao homem destribilizado, homem este que organiza seus pensamentos e ações com base nos valores visuais.

McLuhan defende que a invenção do alfabeto fonético teve impacto tão considerável sobre o homem, que poderíamos dizer que "por meio do sinal sem significação própria ligado ao som igualmente sem significado, construímos a forma e o sentido do homem ocidental".¹¹

Como nos diz Anísio Teixeira, contudo, foi um acontecimento posterior o maior responsável pela disseminação da cultura escrita - especialmente a alfabética:

"No século XIV, com a invenção da imprensa, essa cultura alfabética dá verdadeiro salto. Servida pela tecnologia da palavra impressa, ganha o homem impulso sem precedente, *constituindo-se a tipografia ou o prelo talvez a causa principal do que chamamos de civilização moderna*" (grifos meus).¹²

O trecho acima parece não deixar dúvidas a respeito do importante papel exercido pela invenção da imprensa na história da humanidade. Por acreditar ser a questão das transformações geradas pela tecnologia da impressão relevante para o raciocínio aqui exposto, a ela me dedicarei a seguir.

1.2 - O desenvolvimento da imprensa

Uma vez tendo sido criada por Johann Gensfleisch Gutenberg,¹³ por volta de 1436, não demorou para que a imprensa tipográfica se difundisse ao redor do mundo. Este rápido desenvolvimento provocou reações adversas naqueles que faziam da cultura do manuscrito seu "ganha-pão".

As visões, contudo eram até certo ponto ambivalentes, sendo a imprensa ora associada a poderes diabólicos, ora a poderes divinos. Tal ambivalência é tratada por Elizabeth Eisenstein em seu livro *A revolução da cultura impressa - Os primórdios da Europa Moderna*.

¹¹ McLuhan, Marshall (1962), 1972, p. 83.

¹² Teixeira, Anísio, *Cultura e Tecnologia*, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Documentação, 1971, p. 21.

¹³ O leitor curioso poderá conhecer mais sobre Gutenberg no *Apêndice*.

"Quer vissem a nova arte como a dádiva ou maldição, quer a atribuísem a Deus ou ao Diabo, o fato é que o aumento inicial de produção impressionou os observadores contemporâneos como sendo algo tão notável, a ponto de sugerir uma intervenção sobrenatural".¹⁴

As transformações trazidas pela imprensa, porém, não se limitaram ao aumento de produção de textos. Este foi apenas o ponto de partida. Em virtude do aumento de produção, o homem passou a ter acesso a edições sempre atualizadas dos textos, o que fez com que fosse suplantada a sabedoria dos antigos. Ao tornar o saber acessível a todos, a cultura tipográfica veio também pôr fim ao caráter aristocrático da cultura manuscrita.

Apesar de trazer para a organização da vida e para o pensamento humano altura sem precedentes, a tecnologia da escrita, limitada e praticada por poucos, acabara criando uma sociedade aristocrática e escravista, dividida de acordo com uma delimitação de funções e papéis. Tal sociedade, porém, não sobreviveu ao surgimento da tipografia, como destaca Anísio Teixeira:

"Esse século XIV aperfeiçoa a imprensa pela descoberta dos tipos móveis e com isto *universaliza* o saber. Liberta das limitações da cultura manuscrita, a cultura mecânica da tipografia iria ser o *fiat lux* para toda a civilização moderna. Jamais uma tecnologia, e das mais modestas que criara o homem, chegou, como já referimos, a constituir uma força tão revolucionária" (grifos do autor).¹⁵

As palavras de Teixeira apontam a relevância das transformações trazidas pela tipografia. Inúmeras áreas do conhecimento humano - se não todas - foram afetadas pelo advento da imprensa. Entre estas, poderíamos destacar todas as formas de levantamento de dados, os métodos de medição e os modos de registro das observações.

Tantas mudanças levaram Teixeira a afirmar que "a pequena invenção de Gutenberg iria (...) *transformar o pensamento humano* e a organização

¹⁴ Eisenstein, Elizabeth L., *A revolução da cultura impressa - Os primórdios da Europa Moderna*, São Paulo: Ática, 1998, p. 36.

¹⁵ Teixeira, Anísio, 1971, p. 31.

humana nos prodígios que marcaram a chamada civilização moderna” (grifos meus).¹⁶ Segundo Teixeira:

“A nossa civilização é a civilização do livro (...) O prelo multiplicou esse livro e difundiu a civilização pelo mundo. Enquanto o homem não chegou a essa pequena invenção que foi a impressão por tipos móveis - tão pequena que se pode perguntar: que afinal inventou Gutenberg? - o progresso humano foi lento e de certo modo estável. Mas, a diminuta alteração de Gutenberg (...) mudou a face da Terra”.¹⁷

Entre os principais impactos trazidos pela tipografia estariam o surgimento das culturas vernáculas, que, por sua vez, deram origem às nações, e a universalização da máquina, decorrente da produção em série da palavra impressa. Contudo, o principal fruto da entrada em cena da cultura tipográfica teria sido outro: o individualismo.

As transformações geradas pela tecnologia da palavra impressa foram tantas e de tão grande porte que levaram Teixeira a comparar a invenção da imprensa à criação do mundo. Aponta o autor:

“A tipografia criou o indivíduo e o individualismo, o cidadão e as nações, a democracia e a indústria, multiplicou a cultura pela variedade das culturas nacionais, e deu à ciência, à arte e às línguas vernáculas condições de desenvolvimento inesperadas e ilimitadas”.¹⁸

As palavras de Teixeira são contundentes. É possível, inclusive, que o leitor considere um certo exagero creditar tantas transformações - e transformações tão fundamentais para o mundo que conhecemos hoje - a uma “simples” inovação tecnológica.

Penso, porém, que, concordemos ou não com as palavras de Teixeira, é importante estarmos sempre atentos ao surgimento de novas tecnologias e às transformações que estas podem trazer para nossas vidas. E, como

¹⁶ *Idem*, p. 31.

¹⁷ *Idem*, p. 24.

¹⁸ *Idem*, p. 25.

psicólogos, creio que devemos estar especialmente atentos aos impactos que estas novas tecnologias têm sobre a vida mental do homem.

No que concerne aos impactos que a tecnologia da imprensa teve sobre a vida mental do homem, me parece ser em Eisenstein que encontramos o "veredicto" final: "Deve-se admitir que *os materiais impressos afetam os padrões de pensamento*, facilitam a solução dos problemas e, em geral, *penetram a 'vida da mente'*" (grifos meus).¹⁹ É precisamente à "vida da mente" do homem tipográfico que será dedicada a próxima seção.

1.3 - A imprensa e a vida mental

Segundo Platão - ou de acordo com Maurizio Gnerre, que relata tal caso em seu livro *Linguagem, Escrita e Poder* -, quando o deus egípcio Theuth, descobridor do jogo dos dados, da geometria, da aritmética, da astronomia e das letras, foi a Thebas apresentar sua invenção - a escrita - ao Rei Thamous, ele defendeu que sua criação iria trabalhar a serviço da memória do homem, fazendo com que este pudesse se lembrar de coisas que geralmente esqueceria. O Rei replicou, dizendo a Theuth que o efeito de sua invenção seria exatamente o oposto. O diálogo teria se dado da seguinte maneira:

"[Theuth]: Eis, ó Rei (...), um conhecimento que terá por efeito tornar os egípcios mais instruídos e mais aptos a memorizar: a memória e a sabedoria encontraram o seu remédio. Replicou o Rei: Incomparável e supremo artista, ó Theuth, aquele que é capaz de inventar uma arte, não sabe, porém, ver qual o maléfico ou a utilidade que tal invenção pode trazer aos homens que dela se vierem a aproveitar. Neste momento, eis que, na capacidade de progenitor das letras, a elas atribuis o contrário do seu verdadeiro efeito. Porque este conhecimento terá por resultado, naqueles que o adquirirem, tornar-lhes as almas esquecidas, pois deixarão de exercer a memória: pondo a confiança no escrito, graças às duradouras letras, será do exterior e não do interior e graças a si próprios que se lembrarão das coisas. Não foi, pois, para a memória, mas para a rememoração que tu encontraste um remédio".²⁰

¹⁹ Eisenstein, Elizabeth L., 1998, p. 284.

²⁰ Gnerre, Maurizio, *Linguagem, Escrita e Poder*, São Paulo: Martins Fontes, 1987, pp. 34-35.

Como podemos perceber pela colocação acima, o Rei Thamous temia que o uso da escrita pudesse pôr fim à capacidade de memorização humana, substituindo-a totalmente. Como sabemos, isto não aconteceu, ou, melhor dizendo, não parece ter acontecido...

O mesmo tipo de temor pode ser encontrado quando do surgimento da imprensa. A história se passa em Notre Dame, mais de mil anos mais tarde, onde um padre, Claude Frollo, apontando seu dedo para um livro e depois para as torres e imagens de sua querida catedral, diz: "ceci tuera cela", isto vai matar aquilo. O que Frollo dizia era que o alfabeto mataria as imagens, o livro assassinaria a catedral.²¹

Nas histórias acima, destaca-se a visão pessimista em relação a duas importantes inovações tecnológicas. Este tipo de reação parece ser bastante comum quando se entra em contato com o novo. Entretanto, corre-se um sério risco ao se adotar uma postura como essa: o risco de se ficar imobilizado diante das transformações, preferindo negá-las a vivê-las e pensá-las. Creio que podemos dizer que o temor do novo não é algo produtivo para aqueles que têm interesse em estudar as mudanças que este novo trará.

Há, todavia, sempre aqueles que se dispõem a realizar esta difícil tarefa de investigação, procurando conhecer melhor que "tipo" de homem resultará das transformações trazidas por inovações tecnológicas. Podemos destacar, entre outros, o trabalho de Marshall McLuhan.

McLuhan voltou sua atenção para os aspectos tecnológicos do desenvolvimento humano, destacando que a introdução e assimilação das novas tecnologias se encontram na base das transformações nos modos de percepção e visão da vida entre os homens. O autor aponta que as tecnologias funcionam como sistemas de extensão das faculdades e sentidos

²¹ Este episódio é narrado por Umberto Eco em "From Internet to Gutenberg" (partes I a VI), 1996.

humanos, trazendo para o homem novas formas de experimentar o mundo e organizar sua vida social, material e mental.

De acordo com McLuhan, qualquer nova tecnologia que estenda os sentidos e as faculdades humanas tem o poder de criar um novo ambiente cultural. Contudo, o homem muitas vezes parece cego quanto aos verdadeiros motivos por trás das transformações vividas, não procurando compreender tais mudanças. Esta questão também é abordada por Anísio Teixeira, que, referindo-se ao pensamento de McLuhan, coloca:

"McLuhan acentua que o homem sempre sofreu esses efeitos, mas não se deteve em estudá-los nos seus fatores causais, construindo suas culturas como formas de adaptação e de possível reação, sem ganhar, entretanto, consciência, pela análise e conhecimento, das causas reais das modificações operadas, as quais resultariam, na realidade, das próprias tecnologias introduzidas, aceitas e assimiladas automaticamente pelo homem em sua vida ordinária e comum".²²

McLuhan defende que as novas tecnologias não são simplesmente invenções de que as pessoas podem fazer uso, mas sim meios pelos quais o homem é reinventado. Em suas próprias palavras: "Ambientes tecnológicos não são recipientes puramente passivos de pessoas mas ativos processos que remodelam pessoas e igualmente outras tecnologias".²³ E McLuhan prossegue, afirmando que:

"Se se introduz uma tecnologia numa cultura, venha ela de fora, ou de dentro, isto é, seja ela adotada, ou inventada pela própria cultura, e se essa tecnologia der novo acento ou ascendência a um ou outro de nossos sentidos, altera-se a relação mútua entre todos eles. Não mais nos sentimos os mesmos, nem nossa vista e ouvido e demais sentidos permanecem os mesmos (...) Em termos mais simples, pode-se dizer que o surto de uma nova tecnologia, que estende ou prolonga um ou mais de nossos sentidos em sua ação exterior no mundo social, provoca, pelo seu próprio efeito, um novo relacionamento entre todos os nossos sentidos na cultura particular assim afetada. O fato é comparável ao que sucede ao acrescentar-se uma nova nota a uma melodia. E quando o equilíbrio de relações entre os sentidos se altera em qualquer cultura, então o

²² Teixeira, Anísio, 1971, p. 28.

²³ McLuhan, Marshall (1962), 1972, p. 15.

que antes parecia claro pode subitamente tornar-se confuso, e o que era vago ou opaco, transluzente".²⁴

Tal argumento é defendido em seu livro *A Galáxia de Gutenberg*, no qual procura investigar as características daquele que chama de "homem tipográfico", ou "homem de Gutenberg".

Nesta obra, após destacar inúmeras transformações geradas pela entrada em cena do alfabeto - transformações estas abordadas anteriormente -, McLuhan afirma ter sido a invenção dos tipos móveis a maior responsável pela disseminação da cultura escrita e pela propagação de seus impactos:

"(...) a partir da invenção do alfabeto, desenvolveu-se no Ocidente um contínuo movimento para a separação dos sentidos, de funções, estados emocionais e políticos, bem como de tarefas (...) Nada existe, porém, na fase manuscrita da tecnologia alfabética, que fosse suficientemente intenso para romper o globalismo sensorial e separar inteiramente do tátil, o visual (...) Foi somente com a experiência da produção em massa de tipo exatamente uniforme e repetível que a fissão dos sentidos ocorreu e a dimensão visual se separou dos outros sentidos".²⁵

Segundo McLuhan, é fundamental que seja dado destaque a tal separação de sentidos promovida pelas letras. Teria sido apenas com a elevação do comportamento visual do *sensorium* humano, processo resultante da intensa vida visual promovida e incentivada pela cultura alfabética, que se fez possível a destribalização do indivíduo. Até então, as comunidades haviam conhecido única e exclusivamente a estrutura tribal.

Com a cultura impressa, o sentido visual ganhou novo poder de isolamento e separação e total ascendência sobre os demais sentidos, rompendo o equilíbrio de relacionamento entre eles. Com isso houve uma completa modificação no aparelho perceptivo humano, o que trouxe enormes e radicais mudanças para o sentimento e pensamento do homem.

²⁴ *Idem*, pp. 48-49/70-71.

²⁵ *Idem*, pp. 73/88.

De fato, não foram poucos os impactos gerados pela tecnologia da palavra impressa. McLuhan defende, inclusive, que teria sido a criação da imprensa o momento decisivo no surgimento de uma nova cultura. Afirma que a palavra impressa seria o ápice da cultura alfabética, levando o poder de individualização do alfabeto fonético muito além do que poderia fazer a cultura manuscrita. McLuhan define a tecnologia da palavra impressa como a "tecnologia do individualismo".

O "homem tipográfico", mencionado anteriormente, é exatamente este homem produzido pela mudança na consciência gerada pelo advento do livro impresso.

A fim de compreendermos os impactos que a tecnologia da palavra impressa teve sobre a consciência do homem, porém, creio ser importante destacar algumas características peculiares à cultura tipográfica. Entre elas, podemos citar a homogeneidade e repetição, resultantes da grande capacidade de reprodução de textos presente na nova sociedade.

Tais características, segundo McLuhan, teriam dado início à primeira fase de consumo vivida pela Europa, levando-o a afirmar que "a palavra impressa não é só ela própria meio de consumo e artigo de comércio, como também ensinou aos homens como organizarem todas as outras atividades numa base linear sistemática".²⁶

McLuhan parece estar, com as palavras acima, introduzindo uma das principais características do homem produzido pela imprensa. A forma linear e mecanizada de raciocínio é apontada por ele como um dos resultados do impacto desta inovação tecnológica sobre a consciência humana:

"Porque, nunca será demais explicar que a mecanização do antigo ofício de copista foi em si mesmo um caso de conhecimento 'aplicado', de aplicação prática de antigos conhecimentos. E a aplicação consistiu em fixar e separar

²⁶ *Idem*, p. 194.

visualmente os passos da ação do copista. Foi esta a razão porque, assim que se achou a solução do problema da mecanização, pôde-se estendê-la à mecanização de toda sorte de atividades. Além disso, *a mera familiarização com os modelos repetitivos e lineares da página impressa dispôs fortemente o povo a aplicar o mesmo princípio a toda espécie de problemas (...)* com a tecnologia de Gutenberg entramos na era do surto da máquina. *O princípio da segmentação das ações e funções, dos papéis a desempenhar tornou-se sistematicamente aplicável a tudo que se desejasse*" (grifos meus).²⁷

Penso ser interessante, no momento, abordarmos mais profundamente a questão da "segmentação das ações e funções, dos papéis a desempenhar", destacada por McLuhan. Tal questão seria fruto da tendência da palavra impressa de separar em categorias nitidamente definidas o produtor e o consumidor, o escritor e o leitor, o governante e o governado. Esta separação não era possível antes do advento da imprensa, quando havia uma interpenetração considerável dessas funções: assim como o copista se via, como produtor, obrigado a ler, o estudante participava ativamente da feitura do livro que estivesse lendo.

Esta, porém, não parece ter sido a única - nem a mais importante - "separação" operada pela tipografia. Abordando o tema das transformações subjetivas vividas pelo homem a partir de seu contato com a tecnologia da palavra impressa, McLuhan destaca que, ao isolar o aspecto visual da palavra, o impresso pareceu provocar uma ruptura entre o espírito e o sentimento, a cabeça e o coração.

No intuito de buscar maior compreensão desta questão, tomo a liberdade de retornar momentaneamente a Anísio Teixeira:

"As conseqüências são as mais radicais: para começar, [a tecnologia da palavra impressa] separa o cérebro do coração, tornando o ato de pensar um artifício abstrato e racional, *pensamento puro*, sem dúvida de imensa eficácia no *estudo objetivo* da natureza física, criando a ciência como cultura *não humanística* e tornando o cérebro uma máquina de pensar tão fria como um computador. Pode-se considerar muito da violência e crueldade do mundo contemporâneo como resultante dessa radical separação. Mas a supremacia do visual não fica nisto. Reduzindo a cultura à vista, cria o *indivíduo* como algo

²⁷ *Idem*, pp. 211/216.

oposto ao corporativo e coletivo do período tribal-oral, a vida interior como oposta à vida exterior, o *ego* como uma totalidade a realizar-se em contraste com a vida existencial e com *outros* e, como tal, essencialmente esquizóide, senão esquizofrênico. Desenvolvendo, depois, pela tipografia, as línguas vernáculas, cria as nações em competição e luta, como o indivíduo e o *ego*, contra os *outros*, ou as *outras*" (grifos do autor).²⁸

Creio que as colocações acima nos mostram, mais uma vez, a importância de estarmos atentos aos impactos que caminham junto com a entrada em cena de novas tecnologias. Ao oferecerem ao homem novas formas de lidar com seus sentidos, estas nele operam profundas modificações, fazendo com que novos estilos de humanidade sejam criados a todo momento. Como nos diz McLuhan:

*"Parece que a extensão de um outro de nossos sentidos por meios mecânicos, tais como a escrita fonética, pode atuar como uma espécie de torção para o caleidoscópio do sensorio inteiro. Dá-se uma nova combinação ou uma nova razão ou proporção entre os componentes existentes, de onde resulta um novo mosaico de formas possíveis. É fácil ver, hoje em dia, que tal mudança de razão ou proporção entre os sentidos ocorre em cada caso de mudança de uma tecnologia exterior. Por que não fora isso notado antes? Talvez porque, no passado, as mudanças ocorressem um tanto gradativamente. Hoje experimentamos tal série de novas tecnologias em nosso próprio mundo e, além disso, temos meios de observar tantas outras culturas, que somente grande falta de atenção é que nos poderia agora ocultar o papel dos novos meios de informação na alteração de posição e de relações de nossos sentidos" (grifos meus).*²⁹

No trecho acima, McLuhan aponta o fato de estarmos constantemente entrando em contato com uma série de novas tecnologias, falando da necessidade de estarmos atentos às transformações que elas trarão. Tal posição é reforçada quando, tratando de conceitos como os de "autor", "público" e "nação", conceitos estes, que, segundo McLuhan, não poderiam ter existido antes da invenção de Gutenberg, introduz a idéia de uma nova e atual revolução:

"Qualquer nova tecnologia de transporte ou comunicação tende a criar seu respectivo meio ambiente humano (...) A impressão por tipos móveis criou novo ambiente inteiramente inesperado: criou o público. A tecnologia do

²⁸ Teixeira, Anísio, 1971, p. 34.

²⁹ McLuhan, Marshall (1962), 1972, pp. 88-89.

manuscrito não teve a intensidade do poder de difusão necessário para criar *públicos* em escala nacional. As nações, como viemos a chamá-las nos séculos recentes, não precederam nem podiam preceder o advento da tecnologia de Gutenberg, do mesmo modo que não poderão sobreviver ao advento do circuito elétrico com o poder de envolver totalmente todo o povo em todos os outros povos" (grifos do autor).³⁰

Apesar ter escrito sua obra há aproximadamente quarenta anos, McLuhan mostra extrema sensibilidade ao sugerir que chegaria um momento em que uma inovação tecnológica teria o "poder de envolver totalmente todo o povo em todos os outros povos".

É verdade que o autor fala em "circuito elétrico" e talvez não imaginasse, na época em que escreveu seu livro, que um dia seriam criados os computadores pessoais e a Internet. McLuhan baseia sua reflexão em tecnologias como o rádio, a televisão e outros aparelhos eletrônicos, mas sua idéia de "circuito elétrico" não me parece muito distante do que hoje chamamos de "redes digitais". Assim como propôs tendo como referência as tecnologias por ele estudadas, as atuais "redes digitais" parecem apresentar ao homem novas possibilidades de pensar o mundo, de percebê-lo de forma mais "global" - como talvez dissesse McLuhan.

Entre estas novas possibilidades, parece se incluir aquela de maior interesse para este estudo: a possibilidade de uma nova forma de escrita.

Depois da cultura do manuscrito e da cultura impressa, parece estar surgindo uma nova cultura, que, apesar de ainda não sabermos como chamar, talvez pudéssemos batizar de "Cultura da Escrita Digital".

Esta nova cultura, que começa a emergir a partir do surgimento dos computadores pessoais e, mais recentemente, da Internet, será abordada de forma aprofundada mais adiante.

³⁰ *Idem*, p. 15.

Antes, porém, creio ser interessante recordar outros momentos de transição vividos pela humanidade, momentos estes que podem lançar alguma luz sobre a realidade de transformação com a qual nos deparamos atualmente. É isto que procurarei fazer a seguir.

1.4 - O que vem pela frente?

Creio estarmos atravessando atualmente momento de transição comparável àquele experimentado quando do surgimento da imprensa. No intuito de melhor definir para o leitor o que considero um "momento de transição", retorno uma vez mais a McLuhan, que coloca:

"Época em rápida transição é aquela que transcorre na fronteira entre duas culturas e entre tecnologias conflitantes. Cada momento de sua consciência é ato de tradução de uma das culturas para a outra. Hoje em dia vivemos na fronteira entre cinco séculos de organização mecânica e a nova eletrônica, entre o homogêneo e o simultâneo".³¹

McLuhan compara a Renascença do século XVI, época que marcou a fronteira entre a nova técnica mecânica de quantificação e repetição de um lado e os dois milênios de cultura alfabética e manuscrita do outro, com outro recente momento de transição. Afirma que, após uma era baseada na organização mecânica e na homogeneidade, teria sido dado início a uma nova era, a era eletrônica, que teria como principal característica a simultaneidade. Anísio Teixeira reforça essa noção, ao afirmar:

"A transição entre a cultura manuscrita e a tipografia estende-se aproximadamente por dois séculos. Somente a partir do século XVII é que se pode afirmar haver-se chegado à nítida caracterização da cultura tipográfica, que atinge seu apogeu no século XIX. De 1905 em diante, podemos datar a nova era, em que Newton é ultrapassado e se inicia francamente a era eletrônica de hoje. Vivemos, em nosso século XX, período de transição semelhante ao do século XVI".³²

³¹ *Idem*, p. 197.

³² Teixeira, Anísio, 1971, p. 24.

Vale lembrar que McLuhan e Teixeira não tiveram acesso a muitas das tecnologias que conhecemos hoje. Desta forma, ao escreverem suas obras, talvez não pudessem supor que estaríamos iniciando, ainda no final do século XX, um novo período de transição. A era eletrônica, a que se referem, parece estar agora dando lugar à era "digital".

A "Revolução Digital" - como é chamada por alguns a revolução em curso - vem tendo impactos sobre o homem talvez apenas comparáveis àqueles que resultaram das maiores revoluções tecnológicas vividas pela humanidade. Tendo como seu maior expoente a Internet, esta nova revolução vem trazendo grandes transformações, e sua entrada em nosso cotidiano vem criando novas formas de pensar, sentir e se relacionar - com os outros e com o mundo.

Uma boa metáfora para compreendermos a maneira como se manifestam estes impactos é apresentada por John Dunlop. Em seu livro *Automation and technological change*, Dunlop compara os efeitos de revoluções tecnológicas, como a atual "Revolução Digital", ao ato de atirar uma pedra dentro de uma piscina:

"Mudanças tecnológicas têm sido o fator subjacente na criação de mudanças sociais na sociedade (...) se algo é certo, é o fato de o impacto da tecnologia não se limitar aos aspectos econômicos da sociedade. Muito mais profundo, e, a longo prazo, muito mais desestruturante é seu impacto no próprio habitat social. (...) Se compararmos a incursão da tecnologia ao ato de atirar uma pedra em uma piscina, poderíamos dizer que as perturbações econômicas nada mais são do que o 'splash' inicial, enquanto as alterações sociais são o final e permanente deslocamento de água ocorrido uma vez que a pedra tenha afundado" (minha tradução).³³

³³ "Technological change has been the underlying factor creating social changes in society (...) if anything is certain, it is that technology does not limit its impact to these economic aspects of society. Far more profound, and in the long run, far more disarranging is its impact on the social habitat itself (...) If we liken the incursion of technology to the dropping of a stone into a pool of water, we might say that its economic disturbances are but the initial splash, whereas the social alterations are the final and permanent displacement of water after the stone has sunk", Dunlop, John T., *Automation and technological change*, New Jersey: The American Assembly, 1962, pp. 5/16.

Reflexão análoga é traçada por Ana Maria Nicolaci-da-Costa, que relaciona a revolução atualmente em curso à Revolução Industrial, fruto de outra grande inovação tecnológica: a máquina a vapor. Nicolaci-da-Costa nos confronta com a seguinte pergunta:

"Quem, no final desse século distante, poderia prever que uma invenção tecnológica - a da máquina a vapor - teria o poder de desencadear uma revolução de tal porte que alteraria não somente os meios de produção, mas também as formas de viver, de se relacionar com o mundo, com os outros e consigo mesmos, além das formas de sentir, de progressivas levas da população mundial?".³⁴

Uma possível resposta para esta pergunta pode ser encontrada no livro *Man and the Computer: technology as an Agent of Social Change*, de John Diebold:

"Ninguém, muito menos (...) James Watt, acreditou estar transformando a civilização em si. Contudo, olhando para trás, poderíamos dizer que é este fato que torna *revolucionárias* suas invenções" (minha tradução - grifos do autor).³⁵

Diebold, porém, não pára por aí, destacando que a nova revolução tecnológica poderá trazer mudanças ainda maiores do que aquelas trazidas pela Revolução Industrial:

"A atual revolução tecnológica promete ter efeitos muito maiores do que meramente tecnológicos. Assim como James Watt (...), muitos dos inventores da atualidade não têm a menor intenção de remodelar nosso mundo por completo. No entanto, é exatamente isso o que estão fazendo. Atualmente lidamos com máquinas que têm o poder de trazer mudanças para a sociedade de maneira muito mais veloz e profunda do que aquelas que acompanharam a 'Revolução Industrial' no final do século XVIII e no século XIX, pois elas lidam com aquilo de que a sociedade é feita - informação e comunicação. (...) Não somente a produtividade do homem está aumentando, mas a nossa experiência de vida também está sendo afetada pelas novas máquinas. As máquinas de hoje são agentes de mudança social muito mais poderosos do que eram aquelas da primeira Revolução Industrial" (minha tradução).³⁶

³⁴ Nicolaci-da-Costa, Ana Maria, *Na Malha da Rede: os impactos íntimos da Internet*, Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 5.

³⁵ "No one, least of all (...) James Watt, thought that he was changing civilization itself. Yet, for us, looking back, that is precisely what was *revolutionary* about the inventions they made", Diebold, John, 1969, pp. 3-4.

³⁶ "The current technological revolution promises to have far wider effects than the merely technological. Like James Watt (...), many of our present-day inventors have no intention of reshaping

Nicolaci-da-Costa destaca a enorme velocidade com que as transformações mencionadas acima vêm acontecendo, o que faz com que o conceito de novo tenha que ser encarado e reformulado constantemente. Muitas são as perguntas:

"O século XIX presenciou, atônito, as transformações geradas pela revolução industrial, que, quase que da noite para o dia (pelos padrões da época) fizeram com que o tecido social feudal, comunitário, se esgarçasse dando lugar a uma nova ordem - a do capitalismo - e a uma nova organização subjetiva - a do individualismo. Foi uma transformação rápida e radical que, se no início gerou problemas sociais e individuais sérios, terminou por lançar as bases da visão de mundo que imperou praticamente durante todo o século XX.

Tomando a revolução industrial como parâmetro, o que podemos dizer a respeito desta outra revolução, agora cibernética, cuja rapidez excede em anos-luz todas aquelas que a precederam?

Quais são os novos modos de vida que estão por vir? O que acontecerá com os poderes políticos e econômicos vigentes? Quem deterá o poder num mundo sem fronteiras em que o tráfego de informações é ininterrupto, rápido, e, até o momento, em grande parte livre do controle e da censura de poderes centrais (aqueles que tantos pesadelos nos provocaram ao lermos o "1984" de George Orwell ou o "Admirável mundo novo" de Aldous Huxley)? O que acontecerá com a própria noção de poderes centrais, tão associados a fronteiras geográficas, políticas, econômicas e ideológicas? E, para colocar uma questão mais próxima dos nossos interesses, o que acontecerá conosco, nós que estamos vivendo tudo isso sem termos idéia de onde vamos chegar?".³⁷

Como uma tentativa de resposta a estas e outras perguntas que se fazem presentes nos dias de hoje, Nicolaci-da-Costa escreveu seu livro *Na malha da Rede: os impactos íntimos da Internet*, onde, a partir de uma pesquisa realizada com usuários brasileiros da Rede,³⁸ levanta algumas das características peculiares ao novo homem que vem emergindo do contato com esta nova tecnologia.

our entire world. Yet that is what they are doing. Today, we are dealing with machines that can change society much more rapidly and profoundly than the machines that accompanied the 'Industrial Revolution' of the late eighteenth and nineteenth centuries because they deal with the stuff of which society is made - information and its communication. (...) Not only is man's productivity being increased, but our experience of life is being affected by the new machines. Today's machines are a far more powerful agent for social change than were those of the first Industrial Revolution", *idem*, pp. 3-4/10.

³⁷ Nicolaci-da-Costa, Ana Maria e cols., "A Internet e os brasileiros: testemunhos de uma transformação", Relatório de pesquisa apresentado ao CNPq no ano de 1997.

³⁸ Pesquisa da qual tive oportunidade de participar e que recebeu o título de *A Internet e os brasileiros: testemunhos de uma transformação*.

Outra autora que tem se dedicado a estudar a maneira pela qual nossas vidas são transformadas pela inserção de novas tecnologias em nosso cotidiano é Sherry Turkle. Psicóloga clínica e professora de Sociologia da Ciência no *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), Turkle é autora de dois livros que se destinam à discussão dos impactos sofridos pelo homem a partir do surgimento de novas tecnologias: *The Second Self: Computers and the Human Spirit*,³⁹ e, mais recentemente, *Life on the screen: identity in the age of the Internet*.⁴⁰

Na introdução de seu segundo livro, aponta algumas das mudanças trazidas pela Internet:

"Uma década atrás, quando pela primeira vez eu denominei o computador como um segundo *self*, esses relacionamentos transformadores de identidade eram quase sempre um-a-um, uma pessoa sozinha com uma máquina. Este não é mais o caso. Um sistema de redes em rápida expansão, coletivamente conhecido como Internet, liga milhões de pessoas em novos espaços que estão modificando nossa forma de pensar, a natureza de nossa sexualidade, a forma de nossas comunidades, nossas próprias identidades" (minha tradução).⁴¹

Turkle, assim como Nicolaci-da-Costa, realizou entrevistas olho-no-olho com usuários da Internet durante a pesquisa que resultou no livro em questão. Em sua obra são apresentados depoimentos que considero bastante demonstrativos de como podem ser sentidas as experiências vividas na Rede: "Isso é mais real do que minha vida real",⁴² disse-lhe um personagem de um

³⁹ Turkle, Sherry, *The Second Self: Computers and the Human Spirit*, New York: Simon & Schuster, 1984.

⁴⁰ Turkle, Sherry, *Life on the screen: identity in the age of the Internet*, New York: Touchstone, 1997.

⁴¹ "A decade ago, when I first called the computer a second self, these identity-transforming relationships were almost always one-on-one, a person alone with a machine. This is no longer the case. A rapidly expanding system of networks, collectively known as the Internet, links millions of people in new spaces that are changing the way we think, the nature of our sexuality, the form of our communities, our very identities". Turkle, Sherry, *Life on the screen: identity in the age of the Internet*, New York: Touchstone, 1997, p. 9.

⁴² "This is more real than my real life". *Idem*, p. 10.

MUD,⁴³ que, como acabou sendo visto, era um homem interpretando uma mulher que fingia ser um homem (?!).

O interesse da atual exposição, contudo, não reside em aspectos relativos às diferentes vivências da "realidade" que nos são apresentadas pela Internet. Basta-nos, no presente momento, ter em mente que as novas tecnologias digitais vêm alterando, e muito, a vida do homem.

Pierre Lévy, mencionado anteriormente, revela a transformação que, a seu ver, a humanidade vem sofrendo a partir do advento das novas tecnologias:

"As tecnologias intelectuais e os dispositivos de comunicação conhecem neste fim de século XX mutações massivas e radicais. Em conseqüência, as ecologias cognitivas estão em via de reorganização rápida e irreversível. A brutalidade da desestabilização cultural não deve nos desencorajar de discernir as formas emergentes mais positivas socialmente e de favorecer seu desenvolvimento".⁴⁴

Mostrando grande sensibilidade, Lévy destaca que vivemos atualmente um momento especial:

"Vivemos um destes raros momentos em que, a partir de uma nova configuração técnica (...) um novo estilo de humanidade é inventado. Nenhuma reflexão séria sobre o devir da cultura contemporânea pode ignorar a enorme incidência das mídias eletrônicas (...) e da informática".⁴⁵

Como é possível perceber pela passagem acima, em oposição a alguns autores que possuem uma visão extremamente negativa a respeito das transformações vividas pela humanidade a partir da inserção de novas tecnologias em nosso cotidiano,⁴⁶ Lévy defende que não devemos ignorar ou negar tais transformações. Ao enfatizar o fato de estar surgindo "um novo

⁴³ *MUD* *Multi-User Dungeon (ou Dimensão, Domain ou Dialogue)* - Um programa, com simulação de ambientes multiusuários (mundos imaginários), geralmente com base em texto - que usa a linguagem *MOO*, ou o *MOO Code* - com uso no desenvolvimento de *groupwares*, na maioria das vezes com propósitos educacionais ou de simples diversão; uma variedade de IRC onde o participante assume uma identidade e interage com os outros em ações simuladas. *Dungeon*, literalmente calabouço ou masmorra, no jargão denomina qualquer espaço virtual.

⁴⁴ Lévy, Pierre, *O que é o virtual?*, São Paulo: Editora 34, 1996, p. 112.

⁴⁵ Lévy, Pierre (1990), 1998, p. 17.

⁴⁶ Ver, por exemplo, Baudrillard, Jean, *Tela Total: mito-ironias da era do virtual e da imagem*, Porto Alegre: Sulina, 1997.

estilo de humanidade", ressalta a importância de estarmos atentos às mudanças que estão ocorrendo.

Tal noção já havia sido exposta por McLuhan, que, em 1962, enfatizava a necessidade de sermos capazes de olhar para o novo com novos olhos:

"Essas mudanças nos modos de ver e de tomar consciência das coisas é sempre retardada pela persistência dos modelos mais velhos de percepção. Os elisabetanos, aos nossos olhos, parecem muito medievais. Mas o homem medieval tinha-se na conta de clássico, do mesmo modo que nós nos consideramos homens modernos. A nossos sucessores, no entanto, pareceremos como inteiramente Renascença em caráter e completamente inconscientes dos novos e importantes fatores que pusemos em ação durante os últimos cento e cinquenta anos".⁴⁷

As palavras de McLuhan me levam mais uma vez a Teixeira, que parece completar o raciocínio apresentado acima:

"Sempre foi de nosso hábito referirmo-nos às culturas como orais nos períodos tribais anteriores ao alfabeto fonético, como escritas, nos períodos do alfabeto fonético e da escrita, como literária, isto é, de letras, no período do prelo e da tipografia, como elétrica, no período de hoje dos meios eletrônicos de comunicação. Mas, embora assim as designássemos, não nos detínhamos, como já aludimos, em ver quanto as respectivas formas de organização e de experiência da vida dependiam intrinsecamente do caráter e natureza das tecnologias desses meios de comunicação. Assimilávamos as novas tecnologias sem indagar dos efeitos que elas próprias iriam ter na forma e organização da experiência humana. Sofríamos tais efeitos, mas, não os tendo estudado e aprendido em suas causalidades, não poderíamos ver como pudessem ser alterados e modificados".⁴⁸

Teixeira prossegue, reforçando a importância de utilizarmos novos métodos para compreender os impactos gerados pelas novas tecnologias:

"Não é necessário dizer aqui que estamos a viver, neste momento, período excepcional de transição nessa dramática história do homem, não nos bastando para vencê-lo o recurso às analogias de períodos similares anteriores, mas, exigindo, verdadeiramente, novos métodos de análise e estudo, a fim de podermos alcançar aqueles mínimos de aceitação e relativo equilíbrio e

⁴⁷ McLuhan, Marshall (1962), 1972, p. 19.

⁴⁸ Teixeira, Anísio, 1971, p. 29.

controle de *cultura* que a humanidade conseguiu em outras épocas" (grifo do autor).⁴⁹

Compartilho a visão apresentada por estes autores. É exatamente por acreditar, assim como Lévy, que vivemos "um destes raros momentos em que, a partir de uma nova configuração técnica (...) um novo estilo de humanidade é inventado", e por considerar, assim como Teixeira, que "o recurso às analogias de períodos similares anteriores" não é suficiente para explicar novos períodos de transição, que me interessei por estudar o impacto que as novas tecnologias estão tendo sobre o homem.

Mais especificamente, pretendo voltar meu olhar para o que estou chamando de "Cultura da Escrita Digital". Com este propósito, darei prosseguimento à investigação por mim iniciada em pesquisa realizada para meu trabalho de conclusão do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - estudo já mencionado anteriormente.

Nesta pesquisa, intitulada *As crianças estão bem (?): Um estudo sobre a Internet e a Nova Geração*, cujos resultados já foram apresentados em dois artigos - *Simple como uma torradeira: um estudo sobre o computador no cotidiano da Nova Geração*⁵⁰ e *"Escrita Digital": A nova pedra no sapato da escola*⁵¹ -, um dado se destacou mais do que os outros: a diferença entre escrever à mão e escrever no computador.

Essa diferença será discutida de forma mais aprofundada a seguir, sendo, inclusive, apresentados depoimentos de alguns dos sujeitos que participaram do estudo. Nestes, será possível perceber que as crianças e os adolescentes que colaboraram na pesquisa revelaram maciçamente preferir "teclar" - como eles próprios se referem à escrita no computador - a escrever à mão. Esta

⁴⁹ *Idem*, p. 29.

⁵⁰ Escrito em parceria com Daniela Romão-Dias e Ana Maria Nicolaci-da-Costa, encontra-se em fase de análise para publicação na revista "Psicologia: Ciência e Profissão".

⁵¹ Zaremba, Raphael; Abreu, Rosane de A. dos S. & Nicolaci-da-Costa, Ana Maria, "Escrita Digital: a nova pedra no sapato da escola", Anais do III Workshop de Fatores Humanos em Sistemas Computacionais, Porto Alegre: Impa Artes Gráficas Ltda, 2000 (pp. 196-202).

preferência parece, inclusive, ser uma das características de uma geração que cresceu usando o computador e que atualmente faz uso constante da Internet.

Minha intenção no momento, como mencionado acima, é dar continuidade à minha investigação, buscando verificar se a preferência pela "Escrita Digital" - como batizei a escrita no computador - é também uma característica de sujeitos mais velhos, e procurando alcançar maior compreensão das possíveis mudanças subjetivas que estariam por trás da marcada diferença entre escrever à mão e teclar.

Isto posto, creio ter enfim chegado o momento de tratarmos da questão central da presente pesquisa. Será, portanto, ao estudo daquelas que são apontadas como as principais características da "Escrita Digital" que me dedicarei a seguir.

2 - ESCRITA DIGITAL: NASCE UMA NOVA TENDÊNCIA

"Seria uma tolice, é claro, desconhecer que as tecnologias das comunicações continuam ainda hoje a transformar-se. Os tipos móveis podem ter em breve o mesmo fim que as prensas manuais, certas instituições do século XIX, ligadas às atividades editoriais, também estão sendo solapadas rapidamente (...) Enquanto as bibliotecas universitárias vão assumindo a função de centros copiadores, os professores começam a adquirir seus próprios processadores de texto, que os habilitam a dispensar as editoras universitárias e a produzir cópias padronizadas em suas próprias residências. Embora os atuais prelos e firmas editoras possam tornar-se um dia obsoletos, tudo indica que a moderna indústria do conhecimento continuará a expandir-se".⁵²

Estudar as transformações pelas quais o homem vem passando a partir da inserção de novas tecnologias em seu cotidiano é algo a que venho me dedicando desde de 1996, ano que marcou o início do *boom*, no Brasil, daquela que é talvez a maior inovação tecnológica surgida nos últimos tempos: a Internet. Na época, percebendo que a Rede traria grandes modificações nas formas de pensar, sentir e se relacionar do ser humano, a equipe de pesquisa da qual eu fazia parte realizou o estudo *A Internet e os brasileiros: testemunhos de uma transformação*,⁵³ onde foram abordadas várias das mudanças trazidas pela Internet para o cotidiano dos brasileiros.⁵⁴

Tendo este estudo como ponto de partida, Daniela Romão-Dias e eu procuramos voltar nosso olhar para as crianças e os adolescentes, a fim de

⁵² Eisenstein, Elizabeth L., 1998, p. 299.

⁵³ Este estudo teve a orientação da professora Ana Maria Nicolaci-da-Costa.

⁵⁴ Como destacado anteriormente, desta pesquisa resultou o livro *Na malha da Rede: os impactos íntimos da Internet*, onde Nicolaci-da-Costa apresenta e discute vários dos resultados por nós alcançados.

investigar como estes estão vivendo a inserção do computador e da Internet em suas vidas. Assim começou a ganhar corpo a pesquisa *As crianças estão bem (?) : Um estudo sobre a Internet e a Nova Geração*, estudo já mencionado anteriormente, que teve como sujeitos jovens na faixa etária de 10 a 15 anos e que tivessem acesso à Rede.

Como forma de coletar material, foram enviados, via *e-mail*, cerca de 90 questionários. Destes, 30 retornaram como resposta. Vale ressaltar que, analisando as repostas recebidas, foi possível constatar que muitos dos sujeitos não haviam recebido o questionário através de nós. Ao que parece, alguns dos jovens que colaboraram com a pesquisa foram ainda mais longe no auxílio que nos prestaram e, além de responderem as perguntas que lhes foram feitas, conseguiram outros sujeitos para o estudo.

Muitos foram os temas abordados no questionário. Questões como o dia-a-dia desses jovens, sua relação com o computador e o papel que ele desempenha na vida escolar, seu primeiro contato com a Internet e as mudanças que ela trouxe para suas vidas, sua relação atual com a Rede e definições de novos conceitos que surgiram com a entrada em cena da Internet foram alguns dos pontos levantados.

Foi exatamente das "falas" das crianças e dos adolescentes que participaram desta pesquisa que emergiu um resultado que se destacou mais do que os outros: a diferença entre escrever e teclar. É essa diferença que abordarei a seguir. Para isso, penso ser interessante apresentar ao leitor alguns depoimentos de sujeitos que colaboraram com o estudo.

2.1 - Escrever x Teclar

Como primeiro exemplo, cito uma entrevista piloto realizada com um menino de 13 anos. Falando sobre o papel que o computador desempenha em sua vida escolar, o sujeito relatou nunca ter feito um trabalho para a escola sem

usar o computador. Ao ser indagado se já havia escrito algum trabalho escolar à mão, o menino respondeu com simplicidade: "Não".

Apesar de dizer que não gostava de escrever, quando lhe perguntamos se escrevia *e-mails* e se gostava de escrever na Rede, sua resposta foi: "Escrevo. Gosto. *Aí eu gosto, eu gosto de teclar, aí eu gosto*". Tal colocação parecia deixar claro que, para este sujeito, escrever e teclar são coisas bastante distintas. Mas qual seria a diferença?

Foi com a intenção de investigar mais profundamente essa questão que, ao elaborarmos o questionário que seria enviado via *e-mail* com o propósito de coletar material, colocamos uma pergunta a respeito da diferença entre escrever e teclar. A pergunta era: *Você vê alguma diferença entre escrever à mão e digitar? Qual?*

Como resposta a essa pergunta, recebemos os mais interessantes depoimentos. Em primeiro lugar, vale ressaltar que das trinta crianças e adolescentes que responderam ao questionário apenas um disse não ver diferença entre escrever e digitar, o que significa dizer que os outros vinte e nove apontaram algum tipo de diferença.

Entre as diferenças mais citadas estava a maior velocidade e facilidade de teclar, mencionada por vinte sujeitos:

"Sim, escrever a mão vc demora mais e digitar é mais rápido, como se eu fosse responder este questionário a mão eu levaria mais tempo do que digitar" (sexo feminino, 13 anos, estudante da 7ª série, mora em Mato Grosso, usa computador desde os 7 anos de idade).⁵⁵

"Digitar é mais fácil e simples do q escrever (acho que futuramente escrever será "pré-histórico")" (sexo masculino, 15 anos, estudante do 1º ano do 2º grau, mora no Rio de Janeiro, usa computador desde os 12 anos de idade).

⁵⁵ Vale destacar que as transcrições mantêm as características com que chegaram a nós. Foram mantidos erros de Português e abreviações.

"Pra mim escrever a mão é muito cansativo, até porque a minha letra é muito desenhada; por isso eu prefiro 1000 vezes digitar, eu digito num minuto e escrevo em tres minutos, ja é alguma coisa, não acha?" (sexo feminino, 11 anos, estudante da 5ª série, mora no Rio de Janeiro, usa computador desde os 7 anos de idade).

"primeiro, tenho uma letra feia e segundo, digitar é prático e rápido paca... Estou respondendo essa questão faz 26 segundos e demoraria uns 40 pra escrever com uma caneta (quase aposentada)" (sexo masculino, 11 anos, estudante da 5ª série, mora no Rio de Janeiro, usa computador desde os 8 anos de idade).

Outro aspecto apontado por grande parte dos sujeitos dizia respeito à questão da estética. Segundo eles, um trabalho digitado ficaria "mais bem feito" do que um trabalho feito à mão:

"(...) ESCREVER À MÃO É MUITO MAIS CANSATIVO E ALÉM DO QUE, UM TRABALHO DIGITADO FICA MUITO MAIS BEM FEITO" (sexo feminino, 14 anos, estudante da 8ª série, mora no Rio de Janeiro, usa computador desde os 8 anos).

"(...) digitar é mais fácil, mais rápido e deixa o trabalho com uma 'cara' melhor" (sexo masculino, 15 anos, estudante da 8ª série, mora em Brasília (DF), usa computador desde os 12 anos de idade).

"(...) Minha letra não é lá das mais bonitas e eu acho que um trabalho feito no computador fica melhor apresentado" (sexo masculino, 14 anos, estudante da 8ª série, mora no Rio de Janeiro, usa computador desde os 10 anos).

"(...) a letra do computador é muito mais bonita e organizada doque escrever a mão" (sexo masculino, 13 anos, estudante da 6ª série, mora no Rio de Janeiro, usa computador desde os 9 anos de idade).

Penso que estes dois aspectos, em si mesmos, já levantam questões bastante relevantes. Creio, contudo, ser um terceiro aspecto mencionado pelos sujeitos aquele que merece maior atenção de nossa parte: a questão do "prazer" que estaria envolvido na digitação. Para as crianças e adolescentes que colaboraram na pesquisa, teclar é uma atividade divertida, ao contrário de escrever:

"(...) escrever a mão agente cança muito e a letra as vezes sai feia e escrevendo no computador não a letra sai sempre bonita e agente não cança e eu particulamente acho muito mais divertido" (sexo feminino, 11 anos,

estudante da 5ª série, mora no Rio de Janeiro, usa computador desde os 6 anos de idade).

"(...) Eu naum gosto de escrever, porem digitar é o paraíso!!!" (sexo masculino, 15 anos, estudante do 1º ano do 2º grau, mora no Rio de Janeiro, usa computador desde os 12 anos de idade).

Vale destacar, ainda, um trecho do depoimento de um menino de 13 anos de idade, que levanta outro importante ponto de diferença entre escrever e teclar:

"(...) agora estou começando a conversar com os meus amigos por E-mail" (sexo masculino, 13 anos, estudante da 6ª série, mora no Rio de Janeiro, usa computador desde os 9 anos de idade).

O depoimento apresentado acima parece demonstrar que, apesar de muitos ainda utilizarem o computador como um mero substituto da antiga máquina de escrever, para os sujeitos de nossa pesquisa o teclar praticamente virou sinônimo de comunicação, tendo ficado famosa a expressão: "você quer tc⁵⁶ comigo?". Tal expressão, muito utilizada nos canais de bate-papo da Internet, traz consigo a idéia do teclar como algo maior do que datilografar. O teclar passa a ser algo que coloca pessoas em contato umas com as outras, adquirindo um caráter de comunicação e de interação talvez jamais percebido em qualquer forma de escrita. Ele passa a ser uma maneira de conversar por escrito.

Como acredito ser possível perceber pelos trechos e colocações acima, com o advento do computador pessoal e da Internet parece estar, de fato, surgindo uma nova escrita. Assim como alguns povos presenciaram o surgimento da escrita sobre pedras e outros presenciaram o surgimento da escrita em papiros, pergaminhos ou papel, parece que estamos agora presenciando o nascimento da escrita na tela. Baseada no ato de teclar, esta escrita seria uma atividade completamente diferente do "antigo" escrever à mão - como indicam os depoimentos apresentados acima.

⁵⁶ Tc - teclar.

De acordo com Jay David Bolter, a escrita no computador seria a "quarta grande técnica de escrita, que irá ocupar seu lugar ao lado do antigo rolo de papiro, do códex medieval e do livro impresso" (minha tradução).⁵⁷ Segundo Bolter, a "Escrita Digital" possui uma fluidez e um dinamismo jamais encontrados em qualquer técnica precedente:

"Processadores de texto demonstram a flexibilidade da escrita eletrônica ao permitirem que escritores copiem, comparem, e descartem texto com o toque de alguns botões. Palavras em um computador são finalmente corporificadas no comportamento coletivo de bilhões de elétrons, que voam pela máquina a velocidades inimagináveis. Mudança é a regra no computador, estabilidade a exceção, e é a regra da mudança que torna o processador de texto tão útil" (minha tradução).⁵⁸

Que transformações esta nova "técnica de escrita" - com todas suas peculiaridades - poderá gerar, ainda não se sabe ao certo. Mas algumas reações à escrita no computador talvez já possam ser percebidas...

2.2 - Meio novo = Escrita nova?

No capítulo anterior, apresentei ao leitor um breve resumo da história da escrita e de seu processo de desenvolvimento. Durante esta exposição destaquei, entre outros aspectos, o importante papel desempenhado pelo surgimento, ao longo do tempo, de novos espaços de escrita, apontando as transformações que novos materiais trouxeram para a forma de se escrever.

Foi citado como exemplo o uso do papiro, que teve como um de seus principais resultados o fato de ter tornado a escrita egípcia cada vez menos parecida com as imagens hieroglíficas estilizadas tradicionalmente utilizadas

⁵⁷ "[This new medium is] the fourth great technique of writing, that will take it's place beside the ancient papyrus roll, the medieval codex, and the printed book". Bolter, Jay David, *Writing Space - The Computer, Hypertext, and the History of Writing*, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1991, p. 6.

⁵⁸ "Word processors do demonstrate the flexibility of electronic writing in allowing writers to copy, compare, and discard text with the touch of a few buttons. Words in the computer are ultimately embodied in the collective behavior of billions of electrons, which fly around in the machine at unimaginable speeds. Change is the rule in the computer, stability the exception, and it is the rule of change that makes the word processor so useful". Bolter, Jay David, 1991, p. 5.

para a escrita em pedras. Com o surgimento do papiro, a escrita egípcia tornou-se, progressivamente, cada vez mais cursiva.

O surgimento do códex foi outro marco na história do desenvolvimento da escrita. Apesar de, como colocado anteriormente, os primeiros livros deste tipo apresentarem inúmeros problemas de pontuação e separação de palavras, é certo que o códex revolucionou a escrita, abrindo, tanto para autores quanto para leitores, um vasto leque de possibilidades.

Diante destas constatações, parece natural pensarmos que, assim como outras formas de escrita fizeram antes, a "Escrita Digital" trará enormes mudanças para a cultura escrita. Quais serão essas mudanças, ainda não sabemos. Contudo, já aparecem aqueles que não parecem dispostos a aceitá-las.

Como exemplo podemos citar Wendell Berry, que, ao abordar o uso do computador como instrumento de escrita em seu artigo "Against PCs", afirma que, como escritor, trabalha com um lápis ou uma caneta e uma folha de papel. Diz Berry:

"(...) Minha esposa datilografa meu trabalho em uma máquina de escrever Royal standard comprada nova em 1956, e tão boa agora quanto então (...) Um grande número de pessoas, até agora, me disse que eu poderia melhorar bastante as coisas se eu comprasse um computador. Minha resposta é que eu não irei fazê-lo. Tenho inúmeras razões, e elas são boas (...) Minha última e talvez a minha melhor razão para não possuir um computador é a de que não desejo enganar a mim mesmo. Não acredito, e por isso discordo fortemente, da noção de que eu ou qualquer outra pessoa pudesse escrever, com um computador, melhor ou com mais facilidade do que com um lápis (...) Quando alguém tiver utilizado um computador para escrever um trabalho que seja demonstravelmente melhor do que o de Dante, e quando esse melhor for demonstravelmente atribuível ao uso de um computador, então eu falarei sobre computadores com um tom de voz mais respeitável, mas ainda assim não comprarei um" (minha tradução).⁵⁹

⁵⁹ "My wife types my work on a Royal standard typewriter bought new in 1956, and as good now as it was then (...) A number of people, by now, have told me that I could greatly improve things by buying a computer. My answer is that I am not going to do it. I have several reasons, and they are good ones (...) My final and perhaps my best reason for not owning a computer is that I do not wish to fool myself. I disbelieve, and therefore strongly resent, the assertion that I or anybody else could write better or

Demonstrando grande preocupação com a preservação do meio ambiente e enorme desprezo por corporações que considera responsáveis por sua degradação - como as de fornecimento de energia e as produtoras de computadores -, Berry diz, em seu artigo, ter feito a opção de fazer a sua parte para acabar com a crise ambiental que o mundo atravessa.

Com esse intuito, resolveu diminuir ao máximo sua dependência dessas corporações. Diz Berry: "Se o uso de um computador é uma idéia nova, então uma idéia ainda mais nova é não usar um" (minha tradução).⁶⁰

Publicado inicialmente em revistas, o artigo de Berry gerou forte reação. Muitos leitores escreveram cartas para a redação destas revistas demonstrando sua indignação com as palavras do autor. Para eles, Wendell Berry seria um homem de pensamento ultrapassado. Os leitores defendiam o uso do computador e sua importância para o processo de escrita.

O surgimento da "Escrita Digital", todavia, parece estar gerando uma grande preocupação no que concerne ao destino da cultura escrita.

2.3 - Reagindo ao novo: "Isto vai matar aquilo?"

Ao que parece, mais uma vez nos deparamos com diferentes formas de lidar com o novo. Para Jay David Bolter, vivemos atualmente um momento especial, momento este que deixa no ar uma dúvida:

"Hoje vivemos o final da era da imprensa (...) E quando olhamos para cima do teclado de nossos computadores para os livros em nossas estantes, devemos perguntar a nós mesmos se 'isto irá destruir aquilo'. A tecnologia do

more easily with a computer than with a pencil. (...) When somebody has used a computer to write work that is demonstrably better than Dante's, and when this better is demonstrably attributable to the use of a computer, then I will speak of computers with a more respectful tone of voice, though I still will not buy one". Berry, Wendell, "Against PCs", in Hunt, Douglas & Perry, Caroline (org.), *The Dolphin Reader*, Boston: Houghton Mifflin Company, 1993, pp. 526-527.

⁶⁰ "If the use of a computer is a new idea, then a newer idea is not to use one". *Idem*, p. 532.

computador (...) está começando a tomar o lugar do livro impresso (...) Computadores estão sendo usados para todos os tipos de escrita (...)” (minha tradução).⁶¹

Na passagem acima, Bolter recorda a preocupação de Claude Frollo, transportando-a para a atualidade. Frollo, segundo história relatada anteriormente, teria sido o autor da frase: “ceci tuera cela”. Apontando para um livro e depois para as imagens e torres de sua catedral, o padre teria profetizado: “isto vai matar aquilo”. Seu temor era de que o surgimento do livro impresso representaria a morte das imagens, o livro assassinaria a catedral.

Podem, de fato, ser percebidas agora reações positivas e reações negativas a esta nova tecnologia de escrita. Assim como ocorreu em ocasião do surgimento da escrita convencional e, posteriormente, da imprensa - e, me arriscaria a acrescentar, em ocasião do surgimento de qualquer inovação tecnológica capaz de provocar uma verdadeira revolução na experiência e no conhecimento humanos -, o que assusta alguns, anima outros.

Creio, porém, que não cabe, no momento, fazer qualquer juízo de valor. Desta forma, não pretendo julgar se a “Escrita Digital” é algo “positivo” ou “negativo”. Gostaria apenas de enfatizar a importância de estarmos atentos às mudanças que esta inovação tecnológica certamente trará.

Apesar de alguns defenderem a idéia de que a escrita no computador é uma atividade que vai contra a “natureza humana”, penso ser esta apenas uma nova possibilidade trazida pelo desenvolvimento tecnológico - assim como foi um dia a escrita com caneta e papel. Retornando a Bolter:

“(...) no caso da escrita como em qualquer outro, não é possível colocar a tecnologia de lado. Escrever com caneta e papel não é em nada mais natural,

⁶¹ “Today we are living in the late age of print (...) And as we look up from our computer keyboard to the books on our shelves, we must ask ourselves whether ‘this will destroy that’. Computer technology (...) is beginning to displace the printed book (...) Computers are being used for all kinds of writing (...)”. Bolter, Jay David, 1991, p. 2.

ou menos tecnológico do que escrever em uma tela de computador. É verdade que o computador é um dispositivo mais frágil e complicado do que uma caneta. Mas nós não podemos nos isolar da tecnologia revertendo a métodos mais antigos de escrita (...) a complexidade dos dispositivos não é tão importante quanto o estado de espírito técnico, que é comum a todos os métodos de escrita. O antigo Sumério inscrevendo tabletes de argila com marcas em forma de cunha estava adotando a mesma atitude técnica em relação a seus materiais que um escritor contemporâneo sentado em um terminal de computador: ambos estão criando um espaço de escrita através de seu preenchimento com sinais visuais" (minha tradução).⁶²

Concordo com a visão apresentada por Bolter. Destacaria, contudo, que, ainda mais importante do que o aspecto técnico da escrita, ou do que o tipo de tecnologia de que nos utilizamos para escrever, são as diferentes possibilidades que diferentes materiais e espaços de escrita nos oferecem. É, a meu ver, a estas diferentes possibilidades de escrita que devemos estar atentos.

Uma crítica muitas vezes feita a esta nova forma de escrita diz respeito à noção de que os computadores estariam promovendo homogeneidade em nossa sociedade. A máquina é acusada de estar produzindo uniformidade através da automação.

A "Escrita Digital", porém, parece-me ter efeito exatamente oposto. Em contraste com a cultura da imprensa, que, como foi exposto no capítulo anterior, é considerada a grande homogeneizadora da escrita, a tecnologia digital parece ter a capacidade de tornar os textos particularmente individuais. De acordo Bolter:

"A escrita eletrônica enfatiza a falta de permanência e a capacidade de mudança do texto (...) O computador está reestruturando a economia da escrita corrente. Ele está mudando o status cultural da escrita assim como o

⁶² "(...) in the case of writing as elsewhere, it is not possible to put away technology. Writing with pen and paper is no more natural, no less technological than writing at a computer screen. It is true that the computer is a more complicated and more fragile device than a pen. But we cannot isolate ourselves from technology by reverting to older methods of writing (...) it is not the complexity of the devices that matters so much as the technical state of mind, which is common to all methods of writing. The ancient Sumerian inscribing clay tablets with wedge-shaped marks was adopting the same technical attitude toward his materials as the contemporary writer seated at a computer terminal: both are shaping a writing space by filling it with visual signs". *Idem*, 1991, p. 37.

método de produzir livros. Ele está mudando a relação do autor com o texto (...)” (minha tradução).⁶³

As novas possibilidades trazidas para a criação de textos pelo uso do computador, como a facilidade de se corrigir ou alterar o que foi escrito, parecem estar, de fato, abalando em vários aspectos a nossa relação com a escrita.

Na colocação acima, por exemplo, destaca-se a noção de que uma importante relação estaria sofrendo transformações a partir da entrada em cena dos recursos hipertextuais, trazidos pelo texto digital: a relação do autor com o próprio texto.

A respeito da influência que estes novos recursos podem estar tendo sobre aquele que escreve o texto, Ana Maria Nicolaci-da-Costa coloca:

“Tentemos agora estabelecer um *link* (que não é de hipertexto) entre a leitura/escrita *online* e a leitura/escrita *offline*. Se o ato de ler um texto convencional - que por mais inconventional que seja o estilo de um autor, ainda é um texto bidimensional e seqüencial - pode exercer importante influência sobre a nossa forma de escrever e pensar um texto *on* ou *offline*, o ato de ler um texto *online*, que usa recursos tão novos que permitem uma leitura multidimensional e em várias direções, pode ter uma influência ainda maior. A diferença é que, no texto *offline*, o que nos influencia são as técnicas de construção e redação do argumento, da narrativa, etc. Já nos textos *online*, o que nos influencia não são exatamente os recursos estilísticos usados pelo autor, mas sim os recursos tecnológicos tornados disponíveis pelo hipertexto. Sei, por experiência própria e por observações, o quanto o tipo de leitura possibilitado pelos *links* de hipertexto deixa suas marcas sobre aqueles que escrevem qualquer tipo de texto” (grifos da autora).⁶⁴

Parece cada vez mais claro que, apesar de todas as críticas, o computador - agora “aliado” à Internet - representa uma revolução na escrita. Ele surge como uma nova tecnologia que ainda está procurando encontrar seu espaço no atual cenário da produção de textos. Talvez quando este espaço for

⁶³ “Electronic writing emphasizes the impermanence and changeability of text (...) The computer is restructuring our current economy of writing. It is changing the cultural status of writing as well as the method of producing books. It is changing the relationship of the author to the text (...)”. *Idem*, 1991, p. 3.

⁶⁴ Nicolaci-da-Costa, Ana Maria, 1997, pp. 189-190.

encontrado, o computador possa complementar ou substituir antigas tecnologias - assim como o códex substituiu o rolo, o papiro foi substituído pelo pergaminho e pelo papel e a máquina de escrever substituiu a escrita à mão para propósitos de trabalho.

Analisando algumas características da "Escrita Digital", talvez possamos, inclusive, nos dar conta de que o impacto que o uso do computador terá sobre a escrita irá muito além de um mero "upgrade" tecnológico.

2.4 - Teclando ou falando (?): A escrita enquanto fala no "universo virtual"

Retomando os depoimentos das crianças e adolescentes que participaram da pesquisa *As crianças estão bem (?): Um estudo sobre a Internet e a Nova Geração*, podemos perceber haver, para estes jovens, uma considerável diferença entre escrever e teclar. Para nossos sujeitos, digitar é mais fácil, rápido, limpo e menos cansativo do que escrever à mão. Estes estão entre os motivos para preferirem um teclado e a tela de um computador aos tradicionais lápis, caneta e papel. Escrever à mão, segundo um desses jovens, é algo "quase pré-histórico".

Como destaquei ao apresentar as "falas" de alguns de nossos sujeitos, contudo, o aspecto que mais nos chamou atenção nesta diferença marcada por eles foi outro: a questão do prazer que estaria envolvido no teclar. Este prazer não estaria envolvido no ato de escrever à mão, aparentemente considerada uma tarefa chata pelas crianças e os adolescentes que responderam ao nosso questionário.

Qual seria a fonte desse prazer ainda não se sabe ao certo. Entretanto, se tivermos a intenção de encontrá-la, creio ser necessário que estejamos atentos a um importante aspecto da "Escrita Digital": o caráter de comunicação presente no teclar.

Antes de entrar nesta questão, porém, vale destacar que não penso que formas mais "tradicionais" de escrita não constituem uma forma de comunicação. A meu ver, a escrita, desde o seu surgimento até os dias de hoje, sempre teve como função principal ser uma forma de comunicação e de transmissão de conhecimento.

Parece-me, todavia, que a "Escrita Digital" possui uma proximidade nunca antes vista em qualquer outra forma de escrita com aquela que continua sendo considerada a maior forma de comunicação que conhecemos: a fala. Esta "oralidade" presente na escrita no computador será o tema da próxima seção.

2.5 - Falando através do computador

A oralidade e o caráter de comunicação presentes no teclar, é bom esclarecer, não se referem exclusivamente à possibilidade trazida pela Internet de conversarmos com outras pessoas via teclado, como talvez pudesse se supor. Penso serem características da "Escrita Digital" de forma geral.

Ao que parece, mesmo a tarefa de escrever um trabalho acadêmico apresentará muitas diferenças dependendo do meio de que nos utilizarmos para empreendê-la: caneta e papel ou um editor de texto. Tais diferenças talvez se devam a um aspecto da "Escrita Digital" por mim mencionado anteriormente: sua aparente proximidade em relação à fala.

Creio que o leitor concordaria comigo que o ato de escrever requer maior sistematização do que o ato de falar. Penso, ainda, que o leitor também concordaria comigo que, pelo menos para uma grande maioria, falar constitui tarefa mais fácil do que escrever - o que talvez explique o fato de serem

poucos aqueles que se atrevem a colocar suas idéias no papel para que todos possam ler.

Com o surgimento do computador e, mais recentemente, da Internet, porém, esta realidade parece estar se transformando. A "Escrita Digital", aparentemente, surge como algo menos assustador do que a escrita "tradicional".

O grande esforço no sentido de encadear seu raciocínio de forma clara e fluida - a fim de que seu leitor possa compreendê-lo -, esforço este que um escritor se vê obrigado a fazer quando criando um texto com caneta e papel, parece se tornar algo desnecessário quando o teclado e a tela de um computador entram em cena. A possibilidade de copiar, colar, mover trechos de um texto de um local para outro, e os demais recursos presentes na escrita no computador, parecem trazer para aquele que escreve maior liberdade de criação.

Sentados diante de uma tela "em branco", não precisamos nos preocupar em ter nosso raciocínio totalmente encadeado antes de começarmos a escrever. A "Escrita Digital", diferentemente do que ocorre com a escrita com caneta e papel, traz a possibilidade de darmos forma ao nosso raciocínio ao longo do processo de criação do texto. Ao produzirmos no computador, podemos colocar todas as nossas idéias na tela de acordo com a ordem em que forem surgindo, encadeando nosso raciocínio de forma similar a como fazemos quando falamos.

Com o intuito de melhor ilustrar esta questão, tomo a liberdade de reproduzir um texto de autoria de minha colega Daniela Romão-Dias. Em uma coluna escrita para a "revista virtual" Aqui!,⁶⁵ ela aborda o tema da seguinte maneira:

⁶⁵ <www.aqui.com.br>

"O Lápis, o Papel e o Editor de Texto
por Daniela Romão-Dias - 12 de Abril de 1999

Você já parou para pensar sobre como atualmente sente diferença ao fazer qualquer tipo de coisa à mão, sem usar o computador? Fala a verdade, sua letra à mão ficou tão horrível que você tem vontade de voltar a fazer caligrafia, não é? E aqueles borrões, rabiscos e riscos não te incomodam profundamente? Aquela falta de agilidade também é um terror, certo?

Esses eventos são comuníssimos, mas acredito que há coisas ainda mais impressionantes que acontecem depois que você passa a usar editor de texto. Digamos, assim, que você tenha um artigo, uma matéria ou um trabalho qualquer para entregar. Você está sem um computador por perto. Pânico! Diante do papel e da caneta, nem uma linhazinha sequer se atreve a aparecer. Que raios de máquina é essa?, aposto que é o que você pensa.

Fuçando um pouquinho aqui e ali, você descobre que há idéias interessantes sobre essa dificuldade estranhíssima de voltar a escrever. Se você tem idade para ter feito todos seus trabalhos escolares sem sequer imaginar usar um computador, deve achar esquisito ser tão difícil voltar fazer aquilo que você fez da mesma forma durante, pelo menos, uns 10 anos de sua vida.

A idéia a esse respeito que eu gosto é aquela que pensa sobre o jeito que a gente fala. Como a gente fala? Estou aqui, conversando com um amigo, contado um caso sobre a senhora que vi cair do ônibus, e, de repente, abro um parênteses para dizer que o vestido dela é igual ao da minha avó, que por sinal costura muito bem. Você interrompe e lembra do lindíssimo vestido que viu na vitrine e mandou sua costureira copiá-lo, o que saiu muito mais barato. Volto ao ônibus e lembro que a companhia em que a velhinha estava foi aquela em que houve um acidente outro dia - como tem havido acidentes! - Você lembra que sua tia outro dia viu um terrível na estrada e ficou impressionadíssima. E por aí o papo vai até que, enfim, entre um assunto e outro, a história se conclui ou se emenda em outra.

Esses 'parênteses' que você abre quando está falando com alguém são muito comuns e perfeitamente cabíveis na conversação. Mas, se vai escrever, não pode ser assim tão solto, senão ninguém entende nada e o texto fica sem pé-nem-cabeça. Quando você escreve, tem que fazer aquele IMENSO esforço de colocar início, meio e fim, encadear as idéias, não deixar as coisas fragmentadas. Só que, quando está usando o computador, essa difícil tarefa para alguns e nem tanto para outros, fica mais fácil.

Por quê? Porque você pode copiar e colar! Se quer escrever tudo que vem à sua cabeça para depois ir vendo o quê se encaixa onde, em que lugar um parágrafo fica melhor, ou se simplesmente quer escrever a conclusão antes da argumentação é fácil. Não precisa fazer setinhas, rabiscar tudo, jogar o papel fora. É só ir digitando, deixar aquilo lá para depois ver se vai servir. Simples, não? Você pode escrever como fala! E, convenhamos, fora uns poucos "iniciados", falar é bem mais fácil do que escrever..."

De forma bem-humorada e clara, o texto de minha colega toca, a meu ver, em um ponto importante: a "Escrita Digital" nos permite, de certa forma, fazer uso da "livre associação" ao escrever um texto, ao contrário do que geralmente ocorre quando usamos caneta e papel. Até podemos utilizar a mesma metodologia de escrita no segundo caso, mas, considerando o número de vezes que precisaríamos reescrever o que já havíamos escrito, a tarefa de produzir um texto certamente se tornaria mais árdua e cansativa.

Esta possibilidade, trazida pela escrita no computador, de aproximar o raciocínio utilizado para a escrita àquele de que fazemos uso quando falamos, parece de fato facilitar a vida daqueles que não nasceram com o "dom" da redação.

Em concordância com a noção acima, Bolter coloca:

"O contraste entre textos orais e escritos é importante para a compreensão da escrita eletrônica, porque de algumas maneiras o novo meio mais claramente lembra o discurso oral do que a convencional escrita à mão ou impressa (...) Como a poesia oral e o ato de contar histórias, a escrita eletrônica é altamente associativa (...) O texto eletrônico é, como um texto oral, dinâmico (...) a flexibilidade da apresentação oral (...) emerge mais uma vez como uma qualidade definidora do texto no computador" (minha tradução).⁶⁶

Esta diferença no raciocínio exigido para cada uma destas duas formas de escrita seria, a meu ver, um dos possíveis motivos pelos quais, uma vez tendo tido contato com a "Escrita Digital", muitos jovens relatam enorme dificuldade para voltar a escrever usando lápis e papel. Esta dificuldade, porém, não parece ser exclusividade das crianças e adolescentes que participaram de nosso estudo, podendo ser percebida em muitos outros usuários de editores de texto - às vezes não tão jovens assim.

⁶⁶ "The contrast between oral and written texts is important for an understanding of electronic writing, because in some ways the new medium more closely resembles oral discourse than it does conventional printing or hand-writing (...) Like oral poetry and storytelling, electronic writing is a highly associative writing (...) Electronic text is, like an oral text, dynamic (...) [the] flexibility of oral presentation (...) emerges once again as a defining quality of text in the computer". Bolter, Jay David, 1991, pp. 58-59.

Some-se a esta já existente diferença entre a escrita à mão e a "Escrita Digital" a possibilidade trazida pelo advento da Internet de nos comunicarmos com outras pessoas através do computador e o resultado será o surgimento de uma nova forma de "fala". Esta fala ganha voz através do teclado, que é o instrumento que nos coloca em contato com aquele outro que se encontra longe de nós.

Analisando trechos de uma conversa *on-line* podemos facilmente perceber como esta "Escrita Digital" via Internet se assemelha em suas características à fala. A título de ilustração, reproduzo abaixo um pequeno fragmento de uma conversa gravada através de um programa de bate-papo:⁶⁷

Luana - oi guga..quero te mandar um presente..aceita??
Guga - Oi Luana, tudo bem? Que presente e' esse que vc quer me mandar?
Luana - uma foto!!! scaneei 5 fotos!!! e um barato!!!
Guga - Entao manda!
Luana - e ai?? recebeu meu presente:??
Guga - Recebi, mas ainda nao vi... Espera ai'... Nossa! Que chique... A foto esta' otima, ne'? legal!
Luana - que bom que vc gostou!!! estou adorando esse negocio de mandar fotos e receber!!
Guga - Ficou boa mesmo! Mas quer dizer que agora vc ta' nessa de trocar fotos pela Internet, e'??
Luana - nao e bem isso...e que ja falo com algumas pessoas ha um bom trmpo e nao tinha como ter a foto e um amigo meu tem scenner e ele scaneou 5 fotos legais!!
Guga - E', mas toma cuidado com esse negocio de ficar mandando foto pra qq um, hein?
Luana - ta relax...eu nao to mandando pra qqr um...afinal de contas..vc nao e qqr um ; ne??? :))))))
Guga - Obrigado!
Luana - guga...um cara me mandou uma foto eu abri mas queria ver acarã do sujeito de novo....onde eu vou...ja fui no arquivo de programs icq receive files ...e ele nao esta la... onde esta wally??
Guga - Ue', nao sei. Depende de onde vc gravou o arquivo que ele te mandou...
Luana - sei l..acho que perdi o cara..e agora com esse negocio de abrir arquivi vi afoto deum cara que nao tenho a minima ideia de quem seja...mo gatinho...pena que eu ja nao sei quem e....vida de internauta e um problema!!
guga... ja vou sair vou pra ginastica beijjos
Guga - Vai la'... Boa ginastica... Beijjos.

⁶⁷ A transcrição mantém as características com que chegou a mim. Foram mantidos erros de Português e abreviações.

No diálogo apresentado acima, dois amigos conversam sobre aquele que é um "hobby" de muitos usuários da Internet: trocar fotos pela Rede. Penso que o leitor não estranharia caso esta conversa fosse apresentada como a transcrição de um bem-humorado bate-papo via telefone. O diálogo em questão, porém, não se deu através do telefone. Como mencionado anteriormente, a conversa acima foi gravada em um programa de *chat* da Internet.

Creio que através da simples observação do diálogo de Guga e Luana, poderemos perceber como esta escrita através do teclado possui características diferentes de qualquer outra forma de escrita conhecida antes do surgimento da Rede. Aspectos como a aparente falta de preocupação com regras ortográficas e gramaticais, as estratégias utilizadas para insinuar pausas - como o uso de reticências -, entonações - como o uso de três pontos de exclamação ou de interrogação ao final de uma frase - e emoções - como o uso das já famosas "carinhas" -, e, principalmente, a naturalidade da escrita chamam atenção. Em nenhum momento durante seu longo processo de desenvolvimento, a escrita parece ter estado tão próxima da fala.

Inúmeros outros casos, como o da escrita utilizada em *e-mails* e *homepages*, por exemplo, poderiam ser discutidos com a finalidade de ser ainda melhor ilustrada a questão relativa aos novos e diferentes usos de linguagem que parecem estar surgindo a partir das possibilidades trazidas pela Internet.⁶⁸ Todavia, não creio ser necessária no momento uma análise mais aprofundada a respeito deste tema.

Tantas possibilidades trazidas pela escrita no computador nos levam a pensar nos impactos que estão sendo sentidos por aqueles que fazem uso dessa nova tecnologia. Com o intuito de ilustrar esta questão, recorro, uma última vez, às palavras de Bolter:

⁶⁸ Para uma visão mais aprofundada sobre o tema, ler: Nicolaci-da-Costa, Ana Maria, *Na Malha da Rede: os impactos íntimos da Internet*, Rio de Janeiro: Campus, 1997.

"No ato de escrever, o escritor externaliza os seus pensamentos. O escritor entra em uma relação reflectiva e reflexiva com a página escrita, uma relação em que pensamentos são passados adiante. Torna-se difícil dizer onde acaba o pensamento e começa a escrita, onde a mente acaba e o espaço de escrita tem início. Com qualquer técnica de escrita - em pedra ou argila, papiro ou papel, e particularmente em uma tela de computador - o escritor acaba por considerar a própria mente como um espaço de escrita. O espaço de escrita se torna uma metáfora (...) para a mente humana" (minha tradução).⁶⁹

O trecho acima levanta uma inevitável pergunta: como será a mente humana gerada por este novo espaço de escrita que é a tela de um computador? Se a tecnologia da tipografia gerou homogeneidade, o que gerará a tecnologia da "Escrita Digital"?

Para estas perguntas ainda não se tem qualquer resposta, e é provável que apenas o tempo possa respondê-las. É outra pergunta, porém, que nos interessa no momento...

2.6 - Mas, afinal, de onde vem o prazer do teclar?

Retornando uma vez mais ao que disseram as crianças e os adolescentes que participaram da pesquisa *As crianças estão bem (?): Um estudo sobre a Internet e a Nova Geração*, foi possível perceber que a escrita à mão, muitas vezes associada a entediadas tarefas escolares, é algo "chato". Já o teclar é apontado como sendo algo divertido e, até mesmo, prazeroso.

Por não ter havido oportunidade de investigar mais a fundo essa questão durante a pesquisa, não nos foi possível afirmar com certeza por que essa preferência se dá. Pudemos apenas fazer algumas reflexões e lançar

⁶⁹ "In the act of writing, the writer externalizes his or her thoughts. The writer enters into a reflective and reflexive relationship with the written page, a relationship in which thoughts are bodied forth. It becomes difficult to say where thinking ends and writing begins. With any technique of writing - on stone or clay, papyrus or paper, and particularly on the computer screen - the writer comes to regard the mind itself as a writing space. The writing space becomes a metaphor (...) for the human mind". Bolter, Jay David, 1991, p. 11.

hipóteses a respeito. Para tal, nos utilizamos do que disseram os próprios sujeitos.

Afirmaram os jovens que participaram do estudo, entre outras coisas, que teclar é mais fácil e mais rápido do que escrever. Penso que existe uma grande probabilidade de que qualquer pessoa que tenha maior contato com computador, e já tenha adquirido alguma destreza no ato de teclar, concorde com isso.

Além desse, outro ponto mencionado pelos sujeitos foi o aspecto estético. Parece irrefutável o argumento de que, na maior parte das vezes - se não sempre -, a letra do computador é mais bonita e mais fácil de ser lida.

Como mencionado anteriormente, entretanto, foi um terceiro fator destacado pelos jovens que colaboraram na pesquisa que nos chamou mais a atenção: o aspecto prazeroso envolvido no teclar. Escrever, quando é no computador e não à mão, parece tornar-se algo divertido. Quando realizada no computador, mesmo uma tarefa inicialmente vista como entediante pode se tornar algo lúdico.

Todas as colocações feitas até o momento, porém, não parecem suficientes para explicar qual seria a real fonte do prazer envolvido no teclar. De onde vem o prazer presente no teclar? Esta é uma pergunta para a qual ainda não se tem uma resposta definitiva.

Não é, contudo, a única. As ponderações feitas acima também não respondem a uma segunda pergunta: seria a preferência pela "Escrita Digital" uma característica exclusiva de crianças e adolescentes?

É com a intenção de buscar respostas para estas indagações que me proponho, no momento, a dar prosseguimento à minha investigação sobre a "Escrita Digital". Espero, portanto, que o atual estudo possa gerar uma maior

compreensão acerca dos motivos que parecem estar levando muitos a "aposentarem" suas canetas e blocos de papel para se tornarem "adeptos" dos teclados.

3 - TECLANDO COM OS SUJEITOS

"Não é fácil estudar o novo. E não é fácil porque o velho tende a atrapalhar, principalmente quando já temos formas consolidadas de ver e interpretar o que nos cerca. O novo sempre requer um novo olhar e novos olhares geralmente geram insegurança naqueles que olham sem fazer uso de referenciais conhecidos, ao mesmo tempo em que provocam a ira daqueles que não querem abandonar a segurança desses referenciais. Partir do que já é conhecido é sempre mais confortável. O problema é que, em se tratando de algo completamente novo, quando se parte do conhecido tende-se a encaixar o novo no velho, o que é uma forma de não enxergar. Mas o que é velho hoje já foi novo um dia e alguém teve a coragem de, mesmo enfrentando obstáculos e preconceitos, estudá-lo".⁷⁰

É enfim chegada a hora de abordar a pesquisa efetuada em busca de respostas para as indagações expostas no capítulo anterior. Com o propósito apresentar ao leitor a metodologia por mim adotada, traçarei, a seguir, o trajeto que percorri durante a realização de meu estudo sobre a "Escrita Digital".

3.1 - Sujeitos

Na pesquisa *As crianças estão bem (?)*: Um estudo sobre a Internet e a Nova Geração, Daniela Romão-Dias e eu tínhamos em mente realizar um estudo com a geração que convive com o computador e a Internet desde muito cedo em sua vida. Por essa razão, foi delimitada a faixa etária de 10 a 15 anos para nossos sujeitos. Foi, portanto, esse grupo que levantou a questão do "escrever x teclar".

⁷⁰ Nicolaci-da-Costa, Ana Maria, 1997, p. 7.

Este fato talvez tornasse indicado delimitar a mesma faixa etária para o presente estudo. Todavia, não segui tal "indicação". Ao invés de desenvolver outra pesquisa tendo crianças e adolescentes como sujeitos, optei por investigar uma faixa etária mais elevada - acima de 18 anos.

Tal opção foi motivada, em parte, pelo fato de ser um dos meus interesses verificar se a preferência pela "Escrita Digital" era uma exclusividade de crianças e adolescentes ou se ela poderia ser verificada também em um grupo mais velho de usuários de computadores e da Internet.

Além deste, outro aspecto levado em conta para que tal escolha fosse feita foi o fato de considerar importante para a minha metodologia que os sujeitos tivessem tido também algum contato com a escrita à mão e pudessem traçar comparações entre esta e a "Escrita Digital" - algo que as crianças e adolescentes que participaram da pesquisa anterior talvez não tenham sido capazes de fazer.

Como foi possível perceber a partir dos resultados da pesquisa *As crianças estão bem (?)*: *Um estudo sobre a Internet e a Nova Geração*, alguns dos sujeitos sequer escreviam à mão - exceto quando não tinham alternativa. Contudo, considerei que, diferentemente do que acontece com jovens com idades variando entre 10 e 15 anos - jovens estes que tiveram acesso a computadores e à "Escrita Digital" desde muito novos -, sujeitos de uma faixa etária mais elevada fazem parte de um grupo que passou - ou está passando - por um período de transição de um tipo de escrita para outro.

Desta forma, creio que tenham passado - ou estejam passando - por um processo de "adaptação" a esta nova forma de expressão, processo este que poderia se mostrar rico em experiências. Considerarei que tais experiências poderiam gerar importantes informações acerca do prazer que estaria envolvido no ato de teclar, prazer este que o discurso das crianças e

adolescentes apontou - sem, porém, mostrar a fonte - e que parece ser o principal responsável pelo "sucesso" da "Escrita Digital".

Finalmente, destacaria que não delimitei, de antemão, sexo, localização geográfica, nível de instrução ou outros dados que geralmente fazem parte do recorte da amostra. Isso se deu pelo fato de que, tendo as entrevistas sido feitas através da Internet - via *ICQ*⁷¹ - muitas vezes tive pouco acesso prévio a dados de identificação que iam além de um nome e um *UIN*⁷². Para o recrutamento, portanto, era imprescindível apenas que os sujeitos fossem brasileiros e tivessem contato com computador e Internet há pelo menos um ano, tempo considerado suficiente para que houvesse sido adquirida alguma familiaridade com a "Escrita Digital". Na coleta dos dados individuais dos entrevistados, todavia, não deixei de pedir informações sobre sexo, localização geográfica, escolaridade, profissão, tempo de acesso à Internet, etc.

3.2 - Instrumento para a coleta de material

A fim de coletar material para posterior análise, foi feito uso de entrevistas semi-estruturadas. Este tipo de entrevista se caracteriza pela utilização de um roteiro que pode ser dividido em dois blocos distintos: o primeiro, estruturado, tem como função coletar dados objetivos e individuais acerca do entrevistado - sexo, idade e outros dados que sejam pertinentes à identificação do sujeito são incluídos nesta parte do roteiro. O segundo bloco,

⁷¹ *ICQ* ("I seek you", "Eu procuro você") - "é um instrumento da Internet revolucionário e de fácil utilização, que informa você quem está online à qualquer hora e permite que você contate quem está online, de acordo com a sua vontade (...) Com o ICQ, você pode bater-papo, enviar mensagens, arquivos e URL's, jogar jogos ou simplesmente ficar com os seus companheiros da Internet, enquanto você estiver surfando nela. O ICQ deixa você escolher o modo de comunicação que você quer usar. Apesar da aplicação, seja no bate-papo, na voz, no quadro de mensagem, na conferência de dados, na transferência de arquivo ou nos jogos da Internet, o ICQ vai pegar toda a sua mensagem em tempo real (...) Todas estas funções estão consolidadas em um programa fácil-de-usar, que integra facilmente os sistemas da área de trabalho" (fonte: <<http://www.icq.com/products/whaticq-bra.html>>).

⁷² *UIN* (*Universal Internet Number*) - "Na hora em que você instala o ICQ, o programa pede para você se registrar num servidor, o qual está conectado a uma Rede ampla de servidores responsáveis pela Internet. Na hora do cadastro, você recebe um número único do ICQ, conhecido como UIN (Número Universal da Internet). Em adição disto, o ICQ dá para você a opção de anotar a informação pessoal junto com o seu nº do ICQ. Isto permite que outros usuários reconheçam você, quando você se conectar" (fonte: <<http://www.icq.com/products/whaticq-bra.html>>).

por sua vez, é organizado de forma semi-estruturada. Consiste de itens que "substituem" as perguntas prontas utilizadas em questionários, itens estes que servem de guia ao entrevistador durante a entrevista. Tal procedimento tem como objetivo principal permitir ao pesquisador formular as perguntas ao longo da entrevista, de modo a manter a naturalidade da mesma.⁷³

Deve-se destacar que é indispensável que todos os itens da parte semi-estruturada constem de todas as entrevistas. Contudo, não é necessário que sejam abordados na mesma ordem. Caso considere que o entrevistado já respondeu determinada pergunta espontaneamente, o entrevistador pode, inclusive, deixar de fazê-la novamente. Esta "flexibilidade" na realização da entrevista tem o intuito de criar um clima descontraído, o que pode favorecer a interação entre o pesquisador e o entrevistado.⁷⁴

Ressaltaria, por fim, que a escolha desse instrumento foi motivada pela maior profundidade que considero ser possível alcançar através de uma entrevista. O contato em "tempo real" com o entrevistado traz ao pesquisador a possibilidade de esclarecer quaisquer respostas dúbias e acrescentar perguntas que se apresentem no momento - o que não é possível quando lançamos mão de questionários e outros instrumentos de coleta de dados -, enriquecendo, desta forma, o processo de coleta de material.

3.3 - Procedimento

Primeiramente foi elaborado um roteiro semi-estruturado, que serviu de base para a realização de duas entrevistas piloto, gravadas em ambiente informal. Os locais das entrevistas foram escolhidos pelos próprios sujeitos, de forma a

⁷³ O leitor interessado em conhecer mais sobre a técnica de construção de um roteiro de entrevista semi-estruturada pode consultar os seguintes trabalhos: Nicolaci-da-Costa, Ana Maria e cols., "Ansiedades e conflitos psicológicos do homem do século XXI", Projeto de pesquisa apoiado pelo CNPq, 1998a e Nicolaci-da-Costa, Ana Maria e cols., "A Internet e os brasileiros: testemunhos de uma transformação", Projeto de pesquisa apoiado pelo CNPq, 1996.

⁷⁴ A respeito de técnicas de entrevista que se assemelham a conversas, ver: Labov, W., "The logic of nonstandard English", in Keddie, N. (org.), *Tinker, tailor... The myth of cultural deprivation*, Harmondsworth: Penguin, 1973 e Nicolaci-da-Costa, Ana Maria, *Sujeito e Cotidiano: um estudo da dimensão psicológica do social*, Rio de Janeiro: Campus, 1987.

deixá-los mais à vontade e possibilitar uma interação mais produtiva entre estes e o entrevistador.

Estas entrevistas tiveram o intuito de "testar" o roteiro, haja vista que a fase de construção deste é de extrema importância na elaboração de uma entrevista semi-estruturada - nesta ocasião devem ser levantadas as principais questões a serem abordadas durante a interação com os sujeitos.

Após analisadas, tais entrevistas deram origem a um novo roteiro, utilizado para a realização de outras duas entrevistas piloto. Estas, porém, foram feitas via Internet. Para tornar tais entrevistas possíveis, foram procurados sujeitos que, além de possuírem os "pré-requisitos" estipulados acima, fizessem uso do *ICQ* - o que não constituiu tarefa difícil, visto ser este um dos programas atualmente mais utilizados pelos usuários da Rede.

Uma vez alcançada a versão final do roteiro - que consistiu de quatro blocos principais, além dos dados de identificação ⁻⁷⁵, foi realizado um total de quinze entrevistas, todas via *ICQ*. Os sujeitos para estas entrevistas foram contactados através da indicação de amigos e/ou conhecidos. Todas as entrevistas foram individuais e realizadas em horários propostos pelos entrevistados de acordo com sua conveniência.

No que concerne à opção pela utilização da Internet como ferramenta e ambiente para a coleta de material, esta se deu em virtude de algumas das características que a Rede poderia trazer para a pesquisa. Foi levado em consideração, entre outros aspectos, o fato de as entrevistas realizadas utilizando o *ICQ* se darem via teclado e através da utilização prática da "Escrita Digital", tema central do presente estudo. Que maneira melhor de analisar as características de uma nova forma de expressão do que as vendo se manifestar em tempo real?

⁷⁵ Caso o leitor tenha interesse em conhecer o roteiro utilizado para a realização das entrevistas, poderá encontrá-lo nos *Anexos*.

Foi considerado também o fato de entrevistas via Rede aparentemente possibilitarem o estabelecimento de um "clima" de maior informalidade do que as tradicionais entrevistas olho-no-olho.⁷⁶ A preocupação em realizar as entrevistas em ambientes informais - apontada anteriormente como uma tentativa de criar um clima descontraído - deixa de existir a partir do momento que se utiliza a Internet como ferramenta, visto que o sujeito sequer precisa sair de casa para ser entrevistado. Pode, inclusive, dar uma entrevista em seu próprio quarto, vestido da forma que quiser... A preocupação em utilizar estratégias para deixar o sujeito à vontade parece não ser mais tão importante. Maior informalidade do que a alcançada através da Rede parece ser impossível.

Merece destaque, ainda, o fato de ter sido considerado que a realização das entrevistas através da Internet daria à pesquisa maior amplitude e alcance do que se estas fossem feitas olho-no-olho, outro motivo que me levou a optar pelo uso de tal ferramenta. O uso do *ICQ* tornou possível que minha amostra não se limitasse a sujeitos residentes no Rio de Janeiro, apesar destes terem constituído grande maioria.

3.4 - Análise dos dados

Foi realizada uma análise qualitativa do material coletado, a partir da análise de discurso,⁷⁷ baseada nas categorias recorrentes nas respostas dadas pelos sujeitos. Tal análise foi norteada pelos itens do roteiro de entrevistas, sendo a fala dos entrevistados submetida tanto à análise inter-sujeitos - visando encontrar tendências centrais assim como divergências freqüentes - quanto à

⁷⁶ Este caráter de informalidade presente na comunicação via Internet é alvo de atenção de inúmeros pesquisadores da Rede. Para uma visão mais aprofundada sobre o tema, ver: Nicolaci-da-Costa, Ana Maria, *Na Malha da Rede: os impactos íntimos da Internet*, Rio de Janeiro: Campus, 1997; e Turkle, Sherry, *Life on the screen: identity in the age of the Internet*, New York: Touchstone, 1997.

⁷⁷ A respeito dessa metodologia de análise de dados, ver, de autoria de Ana Maria Nicolaci-da-Costa, os seguintes artigos: "Questões metodológicas sobre a análise de discurso", *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 4, números 1/2, 1989; "Análise de discurso e pesquisa qualitativa", *Anais da 18a. Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto*, 1989; e "A análise de discurso em questão", *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 10, número 2, 1994.

intra-sujeitos - a fim de se buscar quaisquer inconsistências nas falas individuais de cada sujeito.

No caso das análises inter-sujeitos, todas as respostas dadas por todos os sujeitos foram inicialmente organizadas de acordo com os itens do roteiro de entrevista. Desta forma, todas as respostas de todos os entrevistados ao primeiro item do roteiro foram analisadas como um bloco. Tal procedimento foi adotado com todos os demais itens, até que todas as respostas de todos os sujeitos tivessem sido devidamente analisadas.

No que concerne à análise intra-sujeitos, esta se baseou na comparação de respostas dadas pelo mesmo sujeito a perguntas diferentes. Através dela, foi possível, em alguns casos, encontrar contradições dentro do discurso do entrevistado, contradições estas que forneceram importantes informações ao pesquisador.

Após o discurso explícito e implícito de todos os sujeitos ter sido "alvo" de uma "escuta" minuciosa, alcançada através da realização de todos os entrecruzamentos possíveis, tanto inter quanto intra-sujeitos, foram criadas as categorias de análise do material coletado. Estas, extraídas das falas dos próprios sujeitos, tornaram possível a criação de blocos em que puderam ser englobadas colocações semelhantes de diferentes entrevistados - este processo foi adotado para cada uma das perguntas feita nas entrevistas.

Penso que, deste modo, foi possível investigar as características da "Escrita Digital" de forma mais aprofundada e, conseqüentemente, alcançar maior compreensão acerca do papel que ela está desempenhando na formação de um novo "tipo" de homem.

3.5 - Resultados

Procurei, na análise do material coletado, fazer uma divisão por categorias baseada nas colocações recorrentes encontradas nas respostas a cada item, conforme explicado acima.

Apresentarei, a seguir, alguns trechos considerados mais representativos de tais categorias. Antes, porém, creio ser interessante fornecer ao leitor um perfil dos jovens por mim entrevistados.

Os sujeitos da pesquisa⁷⁸

Foram entrevistados 15 jovens brasileiros usuários de computador e da Internet, sendo oito do sexo feminino e sete do sexo masculino. Os sujeitos estavam na faixa etária de 18 a 26 anos, tendo a média de idade dos entrevistados sido de 22 anos e 10 meses.

No que diz respeito à escolaridade/profissão dos sujeitos, a distribuição se deu da seguinte forma: três estudantes de Psicologia; dois estudantes de Engenharia; um estudante de Direito; uma estudante de Comunicação Social; uma estudante de Veterinária; uma estudante de Tecnologia em Processamento de Dados; dois psicólogos; um engenheiro; um advogado; um analista de marketing; e um designer.

Os jovens entrevistados fazem uso de computadores há, em média, 7 anos e 6 meses, podendo ser divididos em três grupos: os que utilizam a máquina há menos de cinco anos, 20%; aqueles que o fazem há mais de cinco, porém menos de dez anos, 47%; e, por fim, os que travaram seu primeiro contato com um computador há mais de dez anos, 33%.

⁷⁸ O leitor interessado em ter acesso aos dados de identificação fornecidos pelos jovens entrevistados no presente estudo deve consultar os *Anexos*.

No que concerne ao tempo de acesso à Internet, também é possível distribuir os sujeitos em três grupos: aqueles que entraram em contato com a Rede há menos de três anos, 20%; os que acessam a Rede há mais de três, porém menos de seis anos, 53%; e aqueles que já o fazem há, pelo menos, seis anos, 27%. Em média, os jovens entrevistados tiveram sua primeira experiência com a Internet há aproximadamente 4 anos e 4 meses.

O primeiro contato desses sujeitos com o computador e com a Rede foi, inclusive, o primeiro tópico abordado nas entrevistas, e é a ele que me dedicarei abaixo. Vale ressaltar que por ter sido dada garantia de completo anonimato aos jovens que colaboraram com o estudo, seus nomes verdadeiros foram substituídos por outros, fictícios.

Primeiro contato com o computador e com a Internet

No intuito de traçar um histórico do uso de computadores por parte dos meus sujeitos, o início das entrevistas foi dedicado a conhecer os motivos que levaram meus colaboradores a entrar em contato com a máquina.

Como foi possível perceber, o computador, para muitos deles, representou, em um primeiro momento, um avanço no mundo dos videogames. Este ponto é destacado por Fernanda Rocha, estudante de Psicologia que, aos 21 anos de idade, já convive com o computador há aproximadamente dez:

"o computador chegou aqui em casa em 93, para meu pai trabalhar. Nessa época eu gostava de jogar e de brincar com o paint brush, so isso mesmo."⁷⁹

Fernanda, contudo, não foi a única que travou contato com a máquina a partir dos jogos. Assim como ela, Alberto Camy, psicólogo de 25 anos de idade e usuário de computadores desde 1988, também começou por este caminho:

⁷⁹ Destaco que os trechos a serem apresentados a seguir respeitam as características da "Escrita Digital". Foram mantidos erros de Português e abreviações.

"Com o TK 85 deve ter sido em 1988/89 era mais para jogos, ao invés de disquetes se usa tapes, era arcaico. (...) Como meu irmão sempre usou o computador para jogos, eu às vezes, usava tb, mas sempre achei q era um tempo muito grande para um simples jogo."

Parece, porém, ser o depoimento de Bernardo Matos (25 anos, advogado, usuário de computadores há aproximadamente 15 anos) o que melhor explicita o pensamento de muitos daqueles que iniciaram suas incursões no mundo digital através dos videogames:

"hmmm [uso computador] há muuuiitoo tempo... tipo, em 85/86 ganhei meu primeiro computador... um mc1000... em 86/87 ganhei um MSX, e daí fui trocando até hoje ;) (...) foi meio que uma evolucao natural de quem gostava de video game... eu tinha um odyssey, depois um atary (2 dos primeiros videogames... ;)), daí alguns amigos tinham TK que era um clone do ingles Synclair... computador pessoal mesmo e tal o MSX era melhor do que o melhor videogame na época (o q atraía qq criança/adolescente), e ainda te dava as vantagens de um computador pessoal.."

Apesar de muitos terem chegado ao computador seduzidos pelos jogos, não demorou para ser percebido o fato de que este poderia oferecer muito mais a seus usuários. A possibilidade de realizar os trabalhos acadêmicos de uma forma nova, por exemplo, foi o que motivou Alberto a fazer uso constante da máquina:

"Em 1994 eu comecei a faculdade e usava o computador basicamente para produzir trabalhos com o Word."

Os editores de texto - como o Word, destacado por Alberto em sua fala - são apontados pela maior parte dos entrevistados como um dos principais motivos para terem passado a utilizar computadores com maior freqüência. Muitos deles começaram seu uso por este caminho. Este é o caso de Carla Gomes, 22 anos de idade, que estuda para ser tecnóloga em processamento de dados. Usuária de computadores há aproximadamente oito anos, Carla afirma ter travado contato com a máquina através do Word:

"eu fazia os trabalhos da faculdade no word..."

Bruno Donati, engenheiro de 26 anos de idade, relata ter percorrido caminho semelhante:

"hum.... eu acho que [comecei a usar computador] tem uns 5 anos já.... foi quando eu comprei este comp aqui..... eu nao tinha. (E pra que vc usava nessa época?)⁸⁰ trabalhos da faculdade.. e tambem estudante de engenharia e com meu irmao fazendo informatica.... precisavamos saber algo relacionado."

Ana Claudia Alves (psicóloga, 24 anos) é outra que, após conhecer as facilidades trazidas por um editor de texto, há dois anos, passou a fazer uso freqüente da máquina para os mais diversos fins:

"usava word basicamente (...) para digitar textos, relatorios, fazer listas, ter controle das contas pra pagar e dos cheques usados."

Como foi possível perceber pela fala dos jovens por mim entrevistados, todavia, ainda que o surgimento dos editores de texto tenha representado um passo adiante no que diz respeito ao uso dos computadores, parece ter sido apenas com o surgimento da Internet que a máquina passou a constituir parte importante de seus cotidianos.

Michel Jordão, estudante de Engenharia, 24 anos de idade, usuário de computadores desde os dez:

"NO PC Eu uso pra trabalhar e pra acessar a internerd"

Nina Scanela, 20 anos de idade, estudante de Veterinária:

"[Comecei a usar computador] A mais ou menos uns 4 anos atrás. (...) Para fazer trabalhos escolares e Internet..."

João Schmidt, estudante de Direito de 24 anos de idade:

"[Comecei a usar computador] a cerca de 6 anos atrás...o primeiro foi um 486 dx2 66 da compaq....depois um pentium 2 200 e agora um pentium 3 500 (...) Na aquisição do cpu era só para editor de texto.....depois, a internet"

⁸⁰ Os trechos que aparecem sublinhados entre parênteses são intervenções do entrevistador.

Existem ainda pessoas que passaram a usar computador exclusivamente por conta da Internet, como é o caso de Celeste Ribeiro. Estudante de Psicologia de 18 anos de idade, Celeste travou contato com a máquina há apenas um ano, tendo esse contato inicial sido motivado principalmente pela possibilidade trazida pela Rede de mantermos contato com pessoas que se encontram fisicamente longe de nós:

"[Comecei a usar computador] Há 1 ano. (...) Principalmente pra internet. Pesquisar e me corresponder com amigos q estavam viajando."

Percebendo o importante papel desempenhado pela Internet no que concerne ao uso que é dado aos computadores nos dias de hoje, procurei investigar de forma mais aprofundada como se deu o contato inicial de meus sujeitos com a Rede. Foi possível constatar que a curiosidade e a necessidade de atualização pessoal/profissional estão entre os principais responsáveis pelo primeiro "encontro" com a Internet.

Michel Jordão (estudante de Engenharia, 24 anos), que acessa a Rede há aproximadamente três anos, coloca:

"[Comecei a acessar] naquela época que começaram a divulgar bastante a internet, aí Eu tive interesse em descobrir o que era. Eu não entendia nada de internet e entrei pra ver como era. (...) Eu gostei. Vc poder acessar sites no mundo todo é bastante útil. Vc pode saber notícias, buscar informações com a maior facilidade. Coisas que antes seriam bem mais difíceis de se conseguir."

Ana Claudia Alves (24 anos de idade, psicóloga), que acessa a Internet há aproximadamente um ano e meio, menciona a importância de manter-se sempre atualizada:

"logo depois que comprei o cpu e comecei a mexer e me "enturmar" com ele ja estava querendo colocar internet aqui pois não achava muita graça....alias eu meio que me esforçava pq sabia que seria importante me atulaizar. mas me empolguei mesmo qdo coloquei internet...ain sim vinha todo dia ate algumas vezes para usar o cpu..basicamente a internet."

A estudante de Engenharia Elétrica, Rosane Pimentel (23 anos de idade), que diz ter travado seu primeiro contato com a Rede no início de 1997, e

Francisco Branco (designer, 24 anos), que acessa a Internet desde os dezenove, respectivamente, tocam em outra questão importante:

"[Comecei a acessar a Internet] porque já muita gente q eu conhecia tinha em casa e eu me sentia "de fora" e também porque a minha melhor amiga da faculdade foi morar fora do Brasil e entao começamos a trocar emails , assim como conversar em chats , não só eu como os outros amigos da faculdade."

"[Comecei a acessar a Internet porque] Achei incrível a tecnologia para isso, a ideia de poder conversar com pessoas distantes pelo computador, trocar dados, fazer conferências, e fora que isso me ajudaria a manter um contato mais próximo com meu tio que mora nos EUA."

A possibilidade de estar em contato com outras pessoas e o aspecto de comunicação trazido ao computador pela Rede são mencionados pela maioria dos sujeitos como os principais atrativos da Internet. Bruno Donati (26 anos de idade, engenheiro), que acessa a Rede há aproximadamente cinco, destaca:

"sou sempre curioso.. e via meus colegas usando o computador para bater papo... e também ver fotos (acho q muitos dos jovens começam na internet por aqui [pelo bate-papo])."

Em concordância com esta idéia, Fernanda Rocha (estudante de Psicologia, 21 anos) relata sua experiência:

"hmmm foi em final de 96 que eu mexi a primeira vez [com Internet]. Mas foi no meio do ano que a gente colocou aqui em casa, mas so meu pai usava porque era uma "extensão" do provedor da empresa que ele trabalhava. Tinhamos poucas horas (20) e so ele usava mesmo. So que no final do ano.. teve um reuniao aqui em casa com amigos do colegio e ele liberou uma hora p uns amigos meus me mostrarem o chat da uol. (...) a partir disso aprendi a mexer, e entrava as vezes p bater papo mesmo.... antes nem sabia q tinha q fazer uma ligação p entrar na net."

Nina Scanela, estudante de Veterinária de 20 anos de idade, foi outra que disse ter começado a acessar a Rede devido à sua vontade de manter contato com os amigos:

"Comecei a acessar [a Internet] a 3 anos atras... (...) Eu comecei a acessar porque todos os meus amigos estavam se comunicando só via e-mail e contavam coisas que viam na net então, resolvemos assinar.."

Outro que afirma ter passado a utilizar a Internet com frequência por causa dos e-mails é João Schimidt (24 anos, estudante de Direito):

"[Comecei a acessar a Internet] a cerca de uns 3 anos (...) Por causa da faculdade e por causa dos e-mails.....principalmente."

Parece claro que a busca pelo contato com outras pessoas foi o que moveu estes jovens em direção à Internet. O que será, porém, que eles mais fazem e mais gostam de fazer na Rede atualmente? Por que continuam acessando? Estas foram perguntas inevitáveis. As respostas para elas reforçaram a importância da Internet como fonte de pesquisa e, principalmente, como meio de colocar pessoas em contato umas com as outras.

Michel Jordão (24 anos, estudante de Engenharia):

"Na verdade Eu utilizo mais [a Internet] por causa do e-mail, mas Eu também visito vários sites. Tipo pra saber notícias de esportes , pra ver oportunidades de estágio. É mais fácil e mais rápido. A quantidade de informações é bem maior."

Antônio Jingles (analista de marketing, 21 anos):

"E-mail - ICQ - Navegar em sitezinhos legais..."

Daniela Ramalho (estudante de Comunicação Social de 24 anos de idade):

"Hj, troco muita informação pela web viamail.. Faço pesquisas e até orço trabalho! (O que seria essa troca de informação?) em geral! e-mails de amigos e trabalho! é muito difícil eu sair de casa, por exemplo, p/ resolver algo se isso pode ser feito pela net."

Francisco Branco (24 anos, designer):

"Hoje ela tem uma posição especial em meu sistema organizacional de trabalho e pela rede que eu envio arquivo menores às graficas com as quais trabalho, peço orçamentos, faço uploads e lanço as home-pages de meus clientes sem ter que sair de casa... É praticamente meu principal meio de comunicação com

meus fornecedores e clientes (...) Quando não estou trabalhando costumo passar meu tempo pesquisando as novidades do meu ramo, descendo fontes novas e programas que possam me auxiliar”

Bernardo Matos (advogado, 25 anos de idade):

“email: assino 200 milhoes de listas sobre Direito ;) e algumas sobre política. web: estou sempre catando alguma coisa de meu interesse... acompanhando processos pela internet, etc... IRC: falo com menos frequencia, mas sempre q estou conectado estou no irc... meio que como ligar a televisão porque chegou em casa, mesmo q não veja, entende? ;) (...) Se vc me perguntar o que é essencial, eu digo que o email... realmente é o que há de mais essencial pra mim hoje... mas dependendo do momento pode ser o irc, ou a web... enfim... normalmente eu faço tudo ao mesmo tempo. Agora mesmo, estou aki conversando contigo. Estou no IRC falando com um pessoal... estou pegando um disco de uma banda chamada Grandaddy em FTP, e estou na web tb... (o email eu já chequei ;))”

Há também aqueles que são adeptos confessos dos programas de bate-papo - e estes não são poucos. Entre eles, podemos destacar Carla Gomes (22 anos, estudante de Tecnologia em Processamento de Dados):

“atualmente [o que eu mais faço, e gosto de fazer, na Internet] é mirc :) e um programa de bate papo”

Fernanda Rocha (estudante de Psicologia de 21 anos de idade):

“sem duvida nenhuma [o que eu mais faço, e gosto de fazer, na Internet] eh o irc :) entro todos os dias....”

E Nina Scanela (20 anos, estudante de Veterinária):

“Ultimamente ando apenas verificando meus e-mails, batendo papo pelo ICQ e quando sobra um tempinho gosto de ver notícias sobre ciência nas revistas.. (...) [o que eu mais gosto de fazer na Internet é] Bater papo com meus amigos no ICQ.. É uma forma de desligar das preocupações... Eheheh...”

Alberto Camy, psicólogo de 25 anos de idade, chega a arriscar uma explicação para o fascínio exercido pelos programas de bate-papo:

"Quando estou carente, bate papo é uma cachaça, vc está em casa sexta à noite, solitário, já leu um pouco, já viu TV aí vc acessa a rede e fica horas conhecendo gente, é diferente, mas eu não sei se gosto mais de bate papo, eu uso quando preciso, mas é interessante conhecer gente, inclusive no mundo virtual, com as especificidades desse espaço."

Foi curioso perceber ainda que a Internet tem servido para que meus sujeitos mantenham contato não apenas com pessoas que se encontram longe, mas também com amigos próximos com os quais não têm intimidade suficiente para telefonar com frequência. Este parece ser o caso de Ana Cláudia Alves (psicóloga, 24 anos):

"uso o ICQ bastante. Posso conversar com pessoas que não via faz tempo ou que não teria muita intimidade para ficar ligando toda hora.. (...) sim..isso e entrar nas homepages para descobrir novidades ah! ler emails tambem..saber que alguens lembraram de mim!"

Vivência semelhante é relatada por João Schimidt (estudante de Direito de 24 anos de idade):

"[O que eu mais faço na Internet é trocar] e-mails (...) [para] Manter contato com pessoas que eu não teria a manha de telefonar, surpreender os amigos.....é muito bom receber e-mails dos amigos."

Rosane Pimentel, 23 anos, estudante de Engenharia Elétrica, relata que a Internet a ajuda a manter contato com pessoas que sequer usam telefone - estas ainda (ou seria já?) existem! Rosane anuncia também o surgimento de uma nova tendência no que diz respeito ao uso da Rede:

"hj em dia checo email 1 vez ou 2 vezes por dia , envio email , pesquiso , leio algumas coisas , e converso no icq com os amigos e tb tenho alguns amigos q só posso falar por icq pq nao usam telefone (...) esqueci de uma coisa q gosto muito de fazer na internet no finais de semana , há 1 ano + - (...) eu pego muita música."

Colecionar músicas através da Internet parece ser algo que vem se tornando cada vez mais comum. Os discursos de Bernardo Matos (25 anos, advogado) e Celeste Ribeiro (estudante de Psicologia de 18 anos de idade),

respectivamente, revelam que este é um novo hábito entre os usuários da Rede:

"hmmm, ah, e claro... meu novo esporte: pegar músicas na internet =)))"

"Pesquisei coisas pra faculdade, pego músicas e às vezes fico "vagando" por aí de bobeira [essas são as coisas que eu mais faço na Internet]."

Parece claro que a entrada em cena da Internet mudou enormemente a forma com que esses jovens se relacionam com os seus computadores, tendo estes passado a ter usos antes inimagináveis. A fim de compreender o que a Rede acrescentou à noção de computador pessoal, o segundo bloco das entrevistas foi dedicado à investigação da visão atual que os meus sujeitos têm de suas máquinas.

O computador no "pós-Internet"

A chegada da Internet transformou o uso que meus sujeitos fazem de seus computadores. Não apenas estes jovens estão dando usos anteriormente impensáveis para suas máquinas, como o próprio tempo gasto diariamente diante do computador aumentou consideravelmente. Estas foram a conclusões mais contundentes deste bloco.

Fernanda Rocha, estudante de Psicologia, 21 anos, é uma das que aponta as mudanças na sua forma de lidar com seu computador a partir de sua entrada em contato com a Rede:

"sem duvida [o meu uso do computador mudou com a entrada em cena da Internet]... a principio era os joguinhos e o programinha de desenhar assim q entrei p a faculdade o computador assou a ser p trabalhos da faculdade, alguns jogos, e internet ... assim como hj em dia fico no minimo duas horas on line por dia batendo papo, respondendo e-mails, navegando qdo quero procurar algo por ae (...) [o meu uso do computador] aumentou sim.... sem duvida :)"

Outro que destaca algumas das novas características trazidas pela Internet para os computadores pessoais é Bernardo Matos (advogado de 25 anos de idade), que diz:

"[Com a entrada em cena da Internet, o meu uso do computador mudou] totalmente.... eu sou um home user, só uso pra lazer e alguma coisa de trabalho como editor de textos, etc. A internet expandiu as possibilidades tanto de lazer quanto de trabalho, a partir da possibilidade de pesquisas, acompanhamento processual, troca de informações com gente da mesma área, enfim..."

Visão similar é apresentada por Alberto Camy (psicólogo, 25 anos):

"Sem dúvida [o meu uso do computador mudou com a entrada em cena da Internet], o computador antes para mim era um misto de phantom com máquina de escrever, jogos e produção de trabalhos. Com a rede eu ligo o computador diariamente, seja para uma mera leitura de e-mails, seja para dar um recado a alguém da minha lista, mesmo q seja alguém q eu conheça e poderia ligar, além é claro da busca de informação, é um vasto espaço. (...) O meu tempo na rede aumentou muito recentemente e vejo isso pela conta telefônica :) (...) talvez simplesmente pq é inevitável, a net é um grande e admirável novo mundo, um jogo de linguagem incrível e não há como estar fora, aliás, há, mas eu estou dentro."

Computador, nos dias de hoje, parece ter definitivamente se tornado, ao menos para os meus sujeitos, sinônimo de Internet. Isto fica claro pelos depoimentos de Michel Jordão (24 anos, estudante de Engenharia):

"Com certeza [o meu uso do computador mudou com a entrada em cena da Internet]. Antes Eu só usava pra jogar e fazer trabalhos pra faculdade. Agora Eu passo a maior parte do tempo na internet. (...) [o meu uso do computador] Aumentou com certeza."

Daniela Ramalho (estudante de Comunicação Social, 24 anos):

"A cpu serve p/ a conexão na net! sem ela fico 1/2 q perdida! e p/ o office! (...) [fora da Internet, utilizo] s'o office...mas 80% das vezes é p/ web (...) [o meu uso do computador] aumntou e muito! uma das ferramentas que fez parte deste crescientsnto foi este icq!"

Antônio Jingles (analista de marketing de 21 anos de idade):

"Claro [que o meu uso do computador mudou com a entrada em cena da Internet]. (...) comprei um [computador novo]. No começo, tive problemas em acessar a Internet. Dava uma sensação imensa de limitação (...) Esse lance de poder acessar qualquer site do mundo revoluciona sua visão sobre o computador. Do tipo: "Precisa de um antivírus, vai no site tal....." Fica mais funcional."

E João Schimidt (24 anos, estudante de Direito):

"[Com a entrada em cena da Internet, o meu uso do computador mudou] totalmente...agora, só uso o cpu para internet (...) so ligo o cpu para internet...até no trabalho (...) agora devo gastar cerca de 3 horas diárias antes só gastava o tempo de digitar o meu trabalho"

A maior prova de que computador e Internet vêm sendo vistos como uma unidade, contudo, não se encontra em nenhum dos depoimentos expostos acima. O veredicto final foi alcançado quando fiz aos meus sujeitos uma simples pergunta: *Qual a primeira coisa que você faz ao ligar o computador?*

Tendo em vista o fato de as falas dos jovens que entrevistei terem sido muito parecidas, me limitarei a apresentar ao leitor algumas das colocações de meus sujeitos, sem especificar quem as fez:

"entro na Internet."

"Conectar a Rede."

"No trabalho, clico no ícone do Outlook. Em casa, clico no ícone do Explorer. Entro nesses programas, seja para acessar a Rede ou para checar e-mail."

"ligo a internet!"

"Normalmente Eu entro na internet."

"me conecto"

"Hummm.. nessa vc me pegou...eu costumo realmente me conectar para checar meus e-mails..."

"conecto"

"Fecho as janelinhas do chato do antivírus q deixa o computador lento e cncto a internet p cheacr e-mails, e dependendo da hora do dia fico no icq ou no irc :)"

Não satisfeito, perguntei aos jovens entrevistados qual era a primeira coisa em que pensavam quando pensavam em seus computadores. A Internet, mais uma vez, esteve presente no depoimento da grande maioria:

"em Internet."

"internet (...) faço tudo por ela! banco, trabalhos p/ professores, pesquisas, trabalho mesmo, correio, pedido de compras, etc, etc (...) não consigo [ver o computador sem a Internet].. p/ mim é um ferramente indispensável! acho que o computador sem internet é obsoleto(...)"

"Internet (...) Impossível [ver o computador sem a Internet]... Eu entro mais por causa da Internet.."

"Computador pra mim é quase sinônimo de Rede. (...) cpu é rede."

Creio que as falas expostas até o presente momento nos apresentam uma nova forma de compreender o computador pessoal, forma esta que vem sendo adotada por aqueles que fazem uso constante da Rede.

É possível, porém, que ainda não esteja clara, para o leitor, a importância desta "investigação preliminar" por mim realizada. Todavia, creio ser ela de fundamental importância, visto que uma mudança na concepção de computador pessoal implicaria igualmente, a meu ver, em uma mudança na concepção de escrita no computador - interesse maior deste estudo e assunto da próxima seção.

A questão da escrita I - O começo

É chegado o momento de começarmos a tratar do tema central da presente exposição: a "Escrita Digital". Como forma de abordar o assunto com meus sujeitos durante as entrevistas, introduzi o tema perguntando se eles saberiam me dizer quantos e-mails, em média, escrevem por dia.

Apesar de esta ter sido uma pergunta despreziosa, que tinha como função principal servir como elo de ligação entre os dois primeiros blocos da entrevista e como forma de introduzir o tema de maior interesse para a pesquisa, algumas constatações puderam ser alcançadas através dela.

A principal foi a de que, apesar de muitos afirmarem que o número de *e-mails* que recebem é geralmente maior do que o que escrevem - algo, a meu ver, compreensível -, escrever *e-mails* é um hábito dos jovens que entrevistei. Alguns dizem chegar a escrever de vinte a trinta por dia. O *e-mail* parece estar tomando, definitivamente, o lugar das "antigas" cartas, como testemunha Nina Scanela (estudante de Veterinária, 20 anos):

"Com certeza [tenho o costume de escrever e-mails].. Eu tenho mais amigos fora de SP e antes da Internet só nos correspondíamos por carta, agora, com a net, só nos correspondemos via e-mail.. Uma vez ou outra eu mando uma cartinha para fazer uma surpresinha dos Flinstones.. Eheheh..."

Uma vez introduzido o tema, passei a investigar o sentimento de meus sujeitos em relação à escrita, perguntando a eles o que acham de escrever. A primeira constatação a que pude chegar foi a de que a grande maioria entendeu "escrever" como "teclar", respondendo à minha pergunta falando sobre o que pensam da escrita no computador.

Poderíamos supor que isto fosse uma consequência do fato de estar sendo anteriormente debatido o número de *e-mails* que meus sujeitos escrevem por dia. Creio, contudo, que não tenha sido este o motivo principal para que os jovens que entrevistei tenham feito tal associação, como acredito que ficará claro mais adiante.

Antes de retomarmos esta discussão, porém, gostaria de apresentar ao leitor algumas das colocações de meus sujeitos quando lhes foi perguntado o que acham de escrever.

Ana Claudia Alves (psicóloga, 24 anos):

"Adoro!!!! receber emails...fico esperando-e por isso tbm respondo todos, são raros os que não respondo. Gosto de escrever e tentar achar pessoas que não via ha tempos."

Bernardo Matos (advogado de 25 anos de idade):

"eu gosto... é um hábito que desenvolvi na época de BBS... gosto de escrever... as vezes falta é tempo pra acompanhar o volume de msgs qdo uma discussao envolve muita gente... ai fico perdido porque nunca consigo responder todas as msgs. Tenho q filtrar algumas e responder numa única msg, enfim... mas eu gosto (Mas esse escrever que vc tá falando é escrever no computador?) sim, digitar..."

Bruno Donati (engenheiro, 26 anos):

"eu acho legal... da para teclar com pessoais que estao distantes.. agora mesmo tou mandando um mail para uma ex colega de trabalho que tá em Sampa// (Mas então esse escrever de que vc tá falando é escrever no computador?) mandar e-mails."

Alguns dos jovens por mim entrevistados chegaram a falar sobre a existência de diferentes tipos de escrita. Todos, porém, no computador. Esse foi o caso de Gabriela Sá (21 anos de idade, estudante de Psicologia):

"Por email eu acho meio chato... gosto mais de algo real time, como icq ou irc."

Alberto Camy, psicólogo de 25 anos de idade, é outro que diz haver diferentes tipos de escrita no computador. Alberto é também o primeiro a lembrar da escrita no papel, apontando alguns momentos em que esta é utilizada por ele:

"Adoro escrever, mas acho q há várias escritas, no bate papo é uma, no e-mail é outra, no ICQ outra e claro, quando escrevo trabalhos ou poesias é outra. (...) Desabafo e arte eu normalmente escrevo à mão, mas gosto de escrever em qq lugar, se tiver q escrever um texto acadêmico não vou escrever à mão para depois digitar como fazia no passado, mas nunca escrevi uma poesia no CPU, a primeira foi essa no ICQ q falei. Ainda tenho uma relação com o papel q me é importante, tb acho q digito devagar e às vezes no calor da escrita seria

impossível acompanhar o fluxo de palavras num teclado. (...) Mas, escrever à mão é lento para nossos dias, eu reconheço.”

Assim como Alberto, Daniela Ramalho (estudante de Comunicação Social de 24 anos de idade) traça comparações entre a escrita à mão e a escrita no computador:

“adoro! (...) gosto de escrever à mão, mas acabei pegando o hábito de escrever no teclado! (Mas então, quando vc falou que adora escrever, vc estava falando de escrever à mão ou de teclar?) os dois! hj teclo mais rápido (penso melhor como teclado na mão).”

A colocação de Daniela de que, apesar de gostar de escrever, pegou o hábito de teclar e pensa melhor com o teclado na mão, é sem dúvida muito interessante. Comparar estes dois tipos de escrita foi algo que solicitei aos jovens entrevistados que fizessem. Antes, porém, sentindo a necessidade de buscar maior compreensão acerca da visão deles em relação à escrita no papel, fiz-lhes uma pergunta específica: *O que você acha de escrever à mão?*

As respostas recebidas para esta indagação começaram a dar forma ao confronto “escrever x teclar”. Foram elas também que começaram a revelar o que levou meus sujeitos a falarem sobre o teclar quando lhes perguntei o que achavam de escrever.

Dos quinze jovens que entrevistei, João Schmidt (estudante de Direito de 24 anos), que se considera uma pessoa “erudita”, e Celeste Ribeiro (18 anos, estudante de Psicologia), talvez por ser a mais nova e a que há menos tempo utiliza computadores - apenas um ano -, foram os únicos que disseram ainda preferir escrever à mão do que teclar. Apesar de estarem sozinhos neste grupo, é exatamente por serem exceções que creio ser interessante apresentar seus depoimentos:

“adoroescrevo muito a mão (...) é muito mais gostoso,,,,receber uma carta escrita a mão é muito mais legal do que receber um e-m,ail (...) Acho mais pessoal..talvez seja porque eu prefira receber cartas do que e-mails (...) acho mais divertido escrever do que teclar.....vc acaba escrevendo bem mais (...)

Eu me empolgo mais escrevendo do que teclando (...) acho que porque sou meio erudito, gosto muito de ler e sempre gostei de escrever.....”

“Eu gosto mais de escrever à mão no q no cpu. Mas não q eu escreva muito... (...) Escrevo pouco. Quando escrevo, gosto mais de fazê-lo à mão. No cpu, apenas bato os textos e escrevo e-mails. (...) Acho à mão mais gostoso, mais fluido, além de ser mais bonito e pessoal tb (para cartas) (...) tem a letra da pessoa, que é única. (...) Não sei explicar... (...) Parece que a "coisa" rola mais solta, não sei, flui mais. Essa é a palavra. (fluir).”

Celeste, porém, apresenta explicação interessante para sua preferência pela escrita à mão:

“A gente cresceu (talvez a minha geração tenha sido a última) assistindo as pessoas escrevendo à mão e isso pode vir daí. Tb tem a coisa sensorial. Qdo se escreve à mão, sente-se o papel, tem cheiro... tem até aquela história de beijo de batom... (...) qdo eu era pequena, via todos os adultos escrevendo e aquilo pra mim era o máximo, um sonho... Lembro do primeiro dia de aula do CA, q eu sabia q ia aprender a escrever... era demais.”

A geração de Celeste, contudo, parece já começar a se dividir entre a escrita no papel e a escrita na tela. Francisco Branco (designer, 24 anos), Ana Claudia Alves (24 anos de idade, psicóloga) e Fernanda Rocha (estudante de Psicologia, 21 anos), apesar de admitirem teclar mais do que escrevem à mão, explicam o motivo pelo qual acreditam que, em algumas situações, ainda se deve fazer uso da escrita à mão. Para estes jovens, a decisão pela utilização de um ou outro tipo de escrita estaria relacionada à questão “pessoalidade x impessoalidade”, apontada por João. Em seus depoimentos, Francisco, Ana Claudia e Fernanda, afirmam, respectivamente:

“Eu consdero [teclar] uma maneira rapida e eficiente de ter um texto bem organizado, sem ter que me preocupar com minha caligrafia, forma e espaçamento, afinal o computador clacula tudo perfeitamente para você, mesmo assim eu sempre assino meus textos a caneta no final, para dar um toque pessoal e intimo neles, senão ficaria muito impessoal (...) A linguagem do compuatdor é muito fria e impessoal, um texto impresso não tem o mesmo valor de um texto escrito a mão, mas como para poupar tempo prefiro digitar meus textos eu sempre os assino a mão, as vezes até escrevo um PS a mão mesmo...para dar um toque mais pessoal, para quem receber saber que fui mesmo quem mandei... Talvez para deixar a coisa mais na intimidade”

"acho muito bom [escrever à mão]. So que me parece que escrever a mao e algo bem mais especial..... (Como assim?) nunca te mandari um cartão de aniversario ou qqr outra data que nao fosse a mao... acho que qdo se encreve a mao da pra colocar melhor o sentimento.....quer dizer..teclando tbm da..mas e mais impessoal (Mas por que vc acha isso?) sie la..talvez resquicios da era pre computaodr....hahaha."

"hj em dia escrevo a mao qdo nao tem um computador, na maior parte das vezes pór exempo antes se eu tivesse que fazer um rascunho de uma carta faria a amo.. hj faço no computador imprimo e ai passo a mao se for p dar p alguem, namorado por exemmplo para nao ficar tao impessoal... (...) nao deixo de passar a limpo a mao pois fica mais pessoal.. mais com a minha cara....afinal arial eh arial em tudo qto eh carta mas a minha letra eh pessoal ... :)"

Em sua fala, Ana Claudia - que faz uso de computadores há apenas dois anos - se refere a "resquícios da era pré-computador", dizendo que seriam eles os responsáveis pela sua forma de encarar a escrita na tela. Aponta a "Escrita Digital" como algo "impessoal", em contraste com a "pessoalidade" da escrita com caneta e papel. Francisco e Fernanda parecem concordar com Ana Claudia neste ponto. Entretanto, isto não impede Fernanda de utilizar o computador mesmo quando quer escrever uma carta para o namorado - desde que depois a carta seja devidamente passada a limpo, à mão!

Francisco, Ana Claudia e Fernanda parecem ainda não ter aderido totalmente à escrita no computador, ao contrário de outros jovens que me concederam entrevistas. Alguns dizem ser muito chato e trabalhoso escrever à mão.

Carla Gomes (22 anos, estudante de Tecnologia em Processamento de Dados):

"[Escrever à mão é] muito chato e trabalhoso."

Michel Jordão (estudante de Engenharia, 24 anos de idade):

"Escrever a mão nunca. Eu odeio. (...) Não tenho saco pra escrever. (...) Teclar é fácil.Não dá trabalho nenhum , agora escrever a mão é muito chato."

Gabriela Sá (21 anos, estudante de Psicologia):

"Atualmente eu acho [escrever à mão] meio chato pq eu sou mais lerda escrevendo do que digitando... tipo, pra faculdade, em caderno, eu escrevo numa boa, sem me incomodar... agora, se e' pra fazer algum trabalho, algo do gênero, eu prefiro digitar direto... (...) eu acho chato escrever à mão... teclar eu acho tranquilo... e acho mais facil, pq vc pode apagar, inserir um paragrafo no meio, sem ter que rabiscar tudo ou passar a limpo.."

A maior velocidade da "Escrita Digital", destacada por Gabriela, é apontada também por Bernardo Matos como um dos principais fatores para ele não ver mais motivos para continuar escrevendo com caneta e papel:

"nao vejo porque escrever a mao... voce perde muito mais tempo... enquanto escrevo 1 palavra, digito 5... e hoje em dia voce só precisa escrever a mao na escola/faculdade/cursos, etc... onde voce nao pode levar o seu computador =) (...) gosto mais de digitar, pela velocidade, facilidade de correção, estética, enfim... acho que nem o Jorge Amado escreve mais a mao hoje em dia =)"

Quando indagados sobre as diferenças entre a escrita no papel e a escrita na tela, a maior parte dos sujeitos concordou com Bernardo, que, em sua fala, menciona, além da maior velocidade, a facilidade de correção e a estética como outras importantes diferenças entre a escrever e teclar.

Michel Jordão (estudante de Engenharia, 24 anos):

"Po a mão vc erra ou escreve algo que não gostou tem que voltar e apagar. É bem mais complicado. Teclando se vc errar vc apaga em 1 segundo. É mais rápido e mais prático."

Carla Gomes (22 anos de idade, estudante de Tecnologia em Processamento de Dados):

"com certeza [existem diferenças entre escrever à mão e teclar]... primeiro.. a afcilidade de correcao dos erros, a rapidez, a praticidade (...) tipo assim... NO comput. vc tem maior agilidade... vc corrige os erros.. com mas rapidez... tem um resiltado final mas bonito.. e uma serie de recursos a mao.. vc fica com o pulso doendo.. se em determinada altura a letra r=ta feia vc ta ferrado, se vc erra.. piorou... dependendo do que seja... tem que refazer a pagina."

Francisco Branco (designer, 24 anos de idade):

"Se você estiver bem treinado em datilografia...você é capaz de escrever umas 7 páginas ortograficamente corretas e bem legíveis em menos de 4 minutos, isso no computador pois ele lhe poupa o tempo de se preocupar em mudar de linha, abrir parágrafos, se preocupar se a sua caligrafia está legível, espaçamento entre palavras e linhas, enfim todos os meios técnicos que permitem um texto ser consideravelmente legível, já escrevendo à mão você não possui essa agilidade natural de seus dedos e ainda precisa se preocupar com todos esses itens que levantei acima, um trabalho de 7 minutos pode levar 3 ou 4 vezes mais dependendo da pessoa, isso se ela não errar, pois em certos casos um erro invalida toda aquela folha, no computador sempre podemos contar com o backspace e delete, e se mesmo assim errarmos, sempre podemos corrigir o erro e reimprimir a folha em questão de segundos apenas"

Nina Scanela (20 anos, estudante de Veterinária):

"acho [teclar] mais fácil.. Se erramos alguma palavra ele mesmo corrige não temos que recorrer ao dicionário e tb é legal porque dá para arrumar o texto de uma maneira legal, mudar para uma letra diferente e mais de acordo com o que vc escreveu.. (...) Eu acho mais prático.. Eu sou mais rápida teclando do que escrevendo.. Eu penso muito ao colocar no papel.. No cpu eu escrevo rapidinho e depois eu dou uma revisada vendo se tem algo errado.."

No último depoimento apresentado acima, Nina Scanela insinua ter maior facilidade para organizar suas idéias quando escreve algo na tela. Essa maior facilidade de organização propiciada pela "Escrita Digital" foi outra das diferenças apontadas com frequência pelos jovens que entrevistei.

Ana Claudia Alves (24 anos de idade, psicóloga):

"[Escrever à mão e teclar] são coisas completamente diferentes mesmo pq para escrever vc desenha as letras (...) a mão as pessoas demoram mais a escrever (lógico que varia de pessoa pra pessoa, mas que com regularidade vai tender a ser bem rápido) e organização...no sentido de ter algo montado que te ajude a fazer os trabalhos bater relatórios, etc..ter esqueletos. mas acho que um trabalho, pra mim, batido passa muito mais um aspecto de limpeza que um escrito à mão....nada muito especial.. um trabalho normal de escola.entende?"

Fernanda Rocha (estudante de Psicologia, 21 anos):

"teclando eu escrevo mais rapido apesar de cometer mais erros mas tenho o corretor p me ajudar por exemplo. Teclando eu tenho a possibilidade de ir e vir com amis praticidade que no papel. me organizo melhor dentro da minha desorganização escrevendo a mao.... pode ser besteira mais tem coisa pior que aqueels corretores liquidos?? (...) se tivesse que escolher uma palavra p definir a diferença seria praticidade de organização de ideias e ate de visual mesmo."

Gabriela Sá (estudante de Psicologia, 21 anos de idade):

"Vejo [diferenças entre escrever à mão e teclar]... à mão é mais demorado, e, como eu ja disse, e' menos pratico pq pra sair tudo bonitinho vc tem que passar a limpo.. eu pelo menos sempre resolvo mudar algo, e ai' se for um trabalho, algo mais sério, tem que passar a limpo.. digitar e' mais práctico, pra mim e' mais rapido e eu posso acrescentar o que quiser no meio, etc."

Outro depoimento que merece destaque é o do analista de marketing Antônio Jingles, 21 anos:

"Claro [que existem diferenças entre escrever à mão e teclar]. A própria rapidez maior da escrita teclada permite um tipo de comunicação diferente. Acabam se configurando como duas linguagens diferentes (...) Acho que linguagem escrita e linguagem teclada são duas coisas diferentes. No meio d euma frase escrita eu pensa 10 vezes sobre o significado dela. Teclando, meu filtro de permissividade é menor.... Eu acho... (...) A velocidade é a principal diferença. O resto é consequência disso. (E qual seria esse "resto"? Vc pode explicar isso um pouco melhor?) O resto são essas duas linguagens diferenciadas que acabam nascendo. Essa diferença de permissividade. A linguagem teclada somada ao meio em que ela acontece (cpu) são propícias a uma série de coisas a que a linguagem escrita não se dá."

Antônio é o primeiro de meus sujeitos a apontar um dos possíveis resultados dessa maior velocidade do teclado. Insinuando que a escrita no papel e a escrita na tela são regidas por lógicas diferentes, o jovem aponta o surgimento de uma nova linguagem como consequência da utilização do computador como espaço para produção de textos. A análise da diferença entre a lógica da escrita no papel e a lógica da escrita na tela, porém, será deixada para mais adiante.

No presente momento, merece destaque o fato de ser cada vez mais comum esses jovens optarem pelo teclado quando querem escrever algo. Como fica

claro pelo uso constante de editores de texto e pelo número de *e-mails* escritos por dia, digitar já se tornou um hábito para os meus entrevistados.

É curioso notar, também, que, entre os motivos apontados por estes jovens para preferirem o teclado e a tela do computador à caneta e o papel, estão muitos dos mencionados pelas crianças e adolescentes que participaram da pesquisa *As crianças estão bem (?): Um estudo sobre a Internet e a Nova Geração* - o que pode ser percebido pelos depoimentos apresentados no segundo capítulo. Maior velocidade, maior praticidade e um resultado final mais bonito: essas parecem ser, de fato, três das principais vantagens que a escrita no computador tem sobre a escrita à mão. Existiria, porém, uma grande desvantagem: a "Escrita Digital" é considerada por muitos dos jovens que entrevistei como algo impessoal, ao contrário da escrita tradicional.

A "impessoalidade" da escrita no computador, contudo, parece não estar sendo motivo suficiente para que a caneta e o papel não sejam deixados de lado. Escrever à mão, como afirmam os jovens que participaram da pesquisa, é algo cada vez mais raro e difícil. De acordo com alguns, o teclado e a tela de um computador favorecem, inclusive, o processo de organização do pensamento - o que será discutido de forma mais aprofundada abaixo.

Apesar desta "familiaridade" que atualmente parece existir com o teclado, para muitos dos entrevistados a transição da escrita à mão para a escrita no computador não foi algo tão simples. Investigar como se deu, para os meus sujeitos, a passagem da escrita no papel para a escrita na tela foi o passo seguinte em minhas entrevistas.

A questão da escrita II - E agora?

Celeste Ribeiro, estudante de Psicologia de 18 anos de idade, que apenas recentemente travou contato com a "Escrita Digital", e que parece ainda estar atravessando uma fase de adaptação à escrita no computador, fala sobre

uma dificuldade que muitos dos meus sujeitos encontraram em algum momento:

"Geralmente, quando preciso fazer algo pra facu, por exemplo, faço primeiro à mão e depois bato no cpu. (...) (Mas então vc nunca escreve algo direto no computador?) Raramente, só qdo eu tô com mt pressa, não tenho tempo... Até q as vezes q eu precisei fazer isso funcionou direitinho... mas prefiro ainda assim fazer primeiro à mão."

O rascunho escrito à mão, que depois seria passado a limpo no computador, foi algo de que a maioria dos jovens que me concederam entrevista fez uso. Para quase todos eles, levou algum tempo até que fosse possível sentar diante da tela e começar a escrever.

Rosane Pimentel (estudante de Engenharia Elétrica, 23 anos de idade):

"(...) no início eu digitava devagar, não comecei a escrever direto (...) eu escrevia à mão ou então escrevia pouco no cpu (...) hj às vezes, qdo tenho q visualizar uma coisa q seja grande (...) por ex , um trabalho q tenha muitas paginas , eu penso mais ou menos como vai ser (...) pra visualizar mesmo , saber o q eu quero , ter possibilidade de rabiscar [eu faço um rascunho à mão] (...) levei um ano +- [para conseguir escrever direto no computador]."

Gabriela Sá (21 anos, estudante de Psicologia):

"[Demorei] uns 2 anos e poucos, 3 anos talvez [para conseguir escrever direto no computador]... (...) [antes eu] escrevia à mão e depois passava pro computador.. (Por que vc acha que hoje em dia vc não precisa mais do rascunho?) não sei, acho que atualmente eu já consigo esquematizar as coisas na cabeça pra escrever direto no computador... além de ser mais rápido e menos trabalhoso, pq eu só escrevo as coisas uma vez... não sei, eu não consigo entender muito porque."

Daniela Ramalho (estudante de Comunicação Social, 24 anos):

"[Minha transição da escrita à mão para a escrita no computador foi] gradativa e normal! no início rolava um rascunho em punho, mas acabei fazendo direto no computador mesmo. (...) [Isso levou] uns 5 meses..... (...) tava acostumada a pensar com papel e caneta na minha frenet!"

Fernanda Rocha (21 anos, estudante de Psicologia):

"tem coisas q ainda nao consigo fazer sem ser a mao (...) mas finalmente os trabalhos da faculdade ja faço direto no computador... mas as vezes os 1 paragrafos tem q ser a mao eh estranho isso (...) antes eu fazia TUDO a mao e depois passava p o computador (...) Demorou mas hj ja consigo começar e terminar um trabalho no computador direto. Mas ainda me vejo algumas vezes pegando uma folhinha em branco p começar um trabalho!"

Antônio Jingles (analista de marketing, 21 anos de idade):

"[A minha transição da escrita à mão para a escrita no computador foi] Como toda transição desse tipo, no começo você utiliza a tecnologia nova com os propósitos da antiga. (...) Primeiro rolava um rascunho ESCRITO em papel, que era transposto pra computador depois. Como eu e disse, a técnica e o propósito eram antigos. Só a tecnologia mudou. (...) Agora eu acho que absorvi a técnica nova. acho até que a grande maioria do pessoal da nossa geração absorveu esse lance de digitar, de pensar direto para o computador, sem precisar rascunhar em papel. Porém, ainda é comum vermos pessoas mais velhas rascunhando e "Passando a limpo". Passar a limpo é análogo a uma tradução. Do velho pro novo. Ainda que se mantenha o conteúdo e a linguagem. Passar a limpo é o elo perdido!!!!!!!!!"

Alberto Camy (25 anos, psicólogo):

"Isso acontece muito atualmente com minhas poesias ou textos literários q eu não consigo teclar, então escrevo e depois digito. Na faculdade acontecia muito isso, escrevia à mão e depois digitava, apesar de que no final eu já estava conseguindo fazer direto no Word, até por uma necessidade de tempo. O ideal seria aprender a escrever direto, mas quando sinto bater a inspiração para escrever uma poesia corro pro papel e caneta, deve ser condicionamento :)"

Alberto possui uma interessante teoria para explicar sua atual maior familiaridade com o teclado:

"(...) agora acho q seria natural iniciar um trabalho teórico direto no micro. (...) Demorei uns quatro anos [para conseguir escrever algo direto no computador]. (...) talvez eu tenha percebido com minhas conversas online q eu podia produzir direto no teclado. Talvez houvesse um medo de q no teclado eu não fosse criativo ou bem articulado como no papel e ao começar a digitar em bate papo e ICQ e ver q eu podia ser um "bom escritor" assim tb. (...) Na rede o teclado é fundamental, ele é a sua língua, ele é os sons, os ruídos. Então vc precisa acreditar nele."

Apesar de, a meu ver, a explicação encontrada por Alberto fazer bastante sentido, ela não parece responder às perguntas levantadas pelas falas apresentadas acima. Qual seria a real função do rascunho? Por que alguns sujeitos dizem que, ainda hoje, às vezes precisam de uma folha em branco e um lápis para começar a escrever um texto? Qual seria, afinal, a diferença existente no processo de criação de um texto à mão e de um texto na tela?

Com o intuito de encontrar respostas para estas indagações, procurei, em minhas entrevistas, investigar a possível existência de diferenças no que diz respeito ao raciocínio utilizado para cada um destes tipos de escrita. A este respeito, as opiniões de meus sujeitos se dividiram. Um primeiro grupo disse não ver qualquer diferença entre pensar um texto no papel ou no computador.

Carla Gomes (estudante de Tecnologia em Processamento de Dados, 22 anos de idade):

"bem... achu ke nao [existe diferença no tipo de raciocínio empregado em cada tipo de escrita]."

Daniela Ramalho (24 anos, estudante de Comunicação Social):

"não [existe diferença no tipo de raciocínio empregado em cada tipo de escrita]... (...) acredito que se clocar um txt escrito à 20 anos atras e um escrito ontem, não há diferencás."

Bruno Donati (engenheiro, 26 anos):

"o tipo de raciocinio e o mesmo (...) a forma que é diferente.....quando voce secrreve a mao é de uma forma.. no computador é de outra.. na maquina de ecrever é de outra.. (...) a foma de pensar nao muda (O Raciocicinio é o mesmo) a forma de expressao é que muda."

Outro grupo, apesar de também considerar não haver diferença no tipo de raciocínio que se emprega para a escrever algo à mão ou teclar algo, fez colocações, a meu ver, um tanto contraditórias.

Ana Claudia Alves (psicóloga, 24 anos):

"não [existe diferença no tipo de raciocínio empregado em cada tipo de escrita]. Mas prefiro criar no papel."

Rosane Pimentel (23 anos, estudante de Engenharia Elétrica):

"acho q não [existe diferença no tipo de raciocínio empregado em cada tipo de escrita]...apesar de ser mais facil de visualizar os parágrafos, a centralização, no computador."

Michel Jordão (estudante de Engenharia, 24 anos de idade):

"Não [existe diferença no tipo de raciocínio empregado em cada tipo de escrita] acho que dá no mesmo. Só acho que aumenta a agilidade."

A maior agilidade que estaria presente na "Escrita Digital", mencionada por Michel, foi bastante destacada também por um terceiro grupo de sujeitos: aqueles que dizem haver nítidas diferenças entre criar um texto no papel ou na tela. É precisamente por trás dessa maior agilidade do teclado que parece ser encontrada uma das principais diferenças entre a escrita à mão e a escrita no computador.

João Schimidt (24 anos, estudante de Direito):

"sem dúvida [existe diferença no tipo de raciocínio empregado em cada tipo de escrita]...o teclado te da menos tempo para pensar (...) O papel não permite erros , o cpu pode ser apagado, por isso vc tem a tendencia de escrever mais rapido no cpu (...) na tela eu sou mais prático.....no papel eu sou prolixo (Vc pode falar mais sobre isso?) Vamos lá.....o teclado e o cpu dão uma idéia de modernidade e praticidade que não combinam com a prolixidade.... (...) eu gosto de digitar bem rápido, quanto mais rápido melhor, por isso as vezes vc escreve como se estivesse fazendo um brain storm...depois é que vc vai ver o que escreveu e o que vai ficar.....comigo funciona assim...se eu quiser fazer

alguma coisa bem pensada e organizada, eu vou usar o papel primeiro e depois vou passar para o computador."

Nina Scanela (estudante de Veterinária, 20 anos de idade):

"Acho que ao teclar um texto não ficamos pensando muito em concordância verbal e etc.. Teclamos e depois ao darmos uma revisada, arrumamos o que estava errado.. Já ao escrever, ficamos muito tempo raciocinando com isso e perdemos um pouco do raciocínio, ou seja, perdemos um pouco as idéias.. Acho que o cpu tem a vantagem de escrevermos despreocupado não parando muito deslançando mais as idéias.. (...) Quando escrevo o texto a mão, eu paro muito para arrumá-lo, ou seja, perco muitas idéias imediatas que eu estava encontrando para o texto ficar melhor.. Já no cpu, eu vou escrevendo, não paro com tanta frequência e assim não perco muito as minhas idéias e consigo redigir um texto mais bem elaborado."

Alberto Camy (25 anos, psicólogo):

"Quando vou escrever um trabalho à mão é preciso que eu tenha o texto do início ao fim na cabeça, pelo menos a sequência de assuntos, no computador as coisas me parecem mais maleáveis (...) não sei se passa por raciocínio apenas, nessa questão da sequência do texto, passa tb por uma postura mais flexível diante da construção de um texto."

Gabriela Sá (21 anos de idade, estudante de Psicologia):

"acho que [existe diferença no tipo de raciocínio empregado em cada tipo de escrita] sim.. pq quando eu vou escrever à mão eu tento arrumar antes na cabeça o que eu quero escrever, tentando arrumar em uma sequencia logica, etc... digitando nao tem muito isso, pq vc pode escrever tudo o que vc quiser e depois arrumar na sequencia que achar melhor... fica mais livre... (...) Digitando eu nao preciso de muita preocupacao se a sequencia ta logica, se ta fazendo sentido, etc... pq eu sei que eu posso inserir algo depois..."

Antônio Jingles (analista de marketing, 21 anos):

"Acho que raciocino mais no texto escrito (...) Acho que é a questão do tempo de cada texto. Na escrita eu penso mais sobre o que vou escrever. Tenho mais tempo pra isso. Acho até que existe uma preparação maior pra isso, do tipo "Vou sentar e escrever". Mas também disperso mais facilmente... (...) Acho que [na escrita na tela] tem uma preparação psicológica menor. A escrita é mais automática, vou pensando e meus dedos - quase- conseguem acompanhar o ritmo do meu pensamento. Como exatamente agora, nesse instante."

As falas acima parecem reforçar uma noção proposta anteriormente: a "Escrita Digital" vem trazendo maior liberdade de criação para aquele que produz um texto.

De acordo com os depoimentos de João, Nina, Alberto, Gabriela e Antônio, a caneta e o papel exigem que o autor organize seu pensamento antes de começar a escrever. Segundo eles, a preocupação com questões como a correção ortográfica e gramatical, a estética do texto e a seqüência lógica a ser seguida acabam atuando como um freio para o raciocínio de quem escreve, impedindo as idéias de "deslançarem" - como afirma Nina.

O computador, por sua vez, possibilitaria ao escritor maior maleabilidade ao produzir um texto. A velocidade do teclado, aliada à despreocupação com ordem, beleza e correção - trazida pelos editores de texto com seus inúmeros recursos -, favorecem, de acordo com esses jovens, que o fluxo de idéias do autor seja melhor captado. Sem ter que se preocupar em ter o texto montado em sua cabeça antes de colocá-lo no papel ou em ter que escrever de forma legível e correta, aquele que escreve pode dar asas à sua imaginação e liberdade ao seu raciocínio, embarcando totalmente no processo de criação.⁸¹ A "lapidação" do texto parece agora poder ser deixada para uma segunda etapa.

Considerando esta diferença no tipo de raciocínio empregado em cada tipo de escrita, porém, um novo questionamento se coloca: como é, para esses jovens, escrever à mão hoje em dia? Essa foi outra pergunta que fiz aos meus sujeitos. Apesar de boa parte deles ter afirmado que é "normal", é possível perceber que alguns traços da "Escrita Digital" já vêm sendo incorporados aos textos no papel.

⁸¹ O leitor que possua interesse em ter acesso a mais material acerca deste tema deve consultar o seguinte artigo: Zaremba, Raphael; Abreu, Rosane de A. dos S. & Nicolaci-da-Costa, Ana Maria, "Escrita Digital: a nova pedra no sapato da escola", *Anais do III Workshop de Fatores Humanos em Sistemas Computacionais*, Porto Alegre: Impa Artes Gráficas Ltda, 2000 (pp. 196-202).

Ana Claudia Alves (24 anos de idade, psicóloga):

"igual a antes, So que as vezes me pego fazendo carinhas como aqui :) e escervendo hahahaha."

O analista de marketing Antônio Jingles, 21 anos, e Daniela Ramalho, 24 anos de idade, estudante de Comunicação Social, relatam experiências interessantes para demonstrar a crescente influência que a lógica da escrita no computador vem exercendo sobre a maioria dos jovens por mim entrevistados:

"Passei por isso anteontem. Fui escrever o cartão de 1 ano pra minha namorada. Não deu. Ficou xoxo. Meu raciocínio era mais rápido que minhas mãos. Aí enjoei. Não ficou como eu queria. Mas digitar eu também não queria. Temos aí um paradoxo..."

"normal..! 10% das vezes rola um "bloqueio" mas nada demais (Vc disse que vc pensa melhor com um teclado na mão. Por que vc diz isso?) acho que hábito! tomei ciência disso qdo tive que fazer uma prova de seleção/ Fundação Roberto Marinho e de repente me vi pensando.. "bem q podia ser em pc" (...) me vi mexendo com os dedos enquanto pensava (sabe qdo vc vai começar a digitar e fica sentindo o teclado?)... eu tava assim.."

Alberto Camy, psicólogo de 25 anos de idade, apesar de ainda não ter experimentado tal vivência, é outro que se questiona se ainda seria capaz de realizar uma prova à mão:

"Não escrevo muito à mão, poesias e bilhetes de recados, o q mais escrevo à mão, nunca mais fiz uma prova, será q ainda saberia :) Talvez eu vá perdendo essa capacidade de visualizar um texto e vá ganhando por outro lado uma maior flexibilidade. (...) Saber [fazer uma prova à mão] eu saberia, não sei se estaria com o mesmo estilo, a mesma capacidade de ler uma pergunta e de imediato visualizar a resposta inteira, citações, argumentação, acho q seria mais difícil, pois no computador esse improvisado fechado pode tornar-se uma construção mais maleável."

Nas palavras de Alberto, podemos novamente perceber a maleabilidade da "Escrita Digital". O jovem, porém, talvez por ser psicólogo, não se contenta em apenas apontar esta característica da escrita na tela. Alberto procura fazer

uma análise sobre o tipo de raciocínio que a incorporação dessa nova lógica poderá vir a gerar, um raciocínio, segundo ele, menos fechado e mais flexível.

Esta nova forma de raciocinar talvez já seja, inclusive, uma característica perceptível em um outro grupo: o daqueles que sequer cogitam escrever algo à mão. Esse grupo é liderado por Carla Gomes (22 anos, estudante de Tecnologia em Processamento de Dados) e Gabriela Sá (estudante de Psicologia, 21 anos de idade), que dizem, respectivamente:

"[Escrever à mão é] horrível... prefiro digitar e (...) imprimir e da um jeito de colar... (Por que é tão horrível assim?) pq nao tenho mas o habito de escrever a mao (...) eu nao escrevbio a um bom tempo (...) 6 meses (Quando vc senta na frente de uma folha de papel com uma caneta, o que acontece? As idéias vêm "naturalmente"?) sim elas comecam a vim naturalmente... mas dai eu ligo o computador... abro o word... as digito e imprimo:)"

"Se por um acaso meu computador quebrasse (e eu nao tivesse outro no mundo) e eu tivesse que fazer um trabalho extenso, seria ruim, pq eu iria demorar muito, tirando o que eu tava falando de passar a limpo. (...) eu levo mais tempo escrevendo à mao... se fosse pra fazer essa entrevista à mao, eu ainda estaria na 3a frase... (...) Pela velocidade e pelo fato de ter que organizar o pensamento antes de comecar a escrever (Vc disse antes que "se por um acaso meu computador quebrasse (e eu não tivesse outro no mundo) e eu tivesse que fazer um trabalho extenso, seria ruim", então deixa eu te perguntar uma coisa: se vc tivesse que escrever algo e tivesse acesso a um cpu, vc escreveria à mão ou teclaria?) em geral eu teclaria.."

Como pude perceber, a escrita à mão é algo muito pouco utilizado pelos jovens que entrevistei. Mas, afinal, em que circunstância eles ainda escrevem algo à mão? Ao que parece, caneta e papel, hoje em dia, são utilizados somente para anotações em sala de aula, provas, bilhetes ou coisas consideradas pessoais, como cartas e cartões:

Rosane Pimentel (23 anos, estudante de Engenharia Elétrica):

"[Escrevo à mão em] caderno , bilhete , q eume lembre."

Gabriela Sá (estudante de Psicologia, 21 anos de idade):

"[Escrevo à mão] Em caderno (em aula), bilhetes em geral.. cartoes... rascunhos feitos em sala de aula... basicamente isso."

Antônio Jingles (21 anos de idade, analista de marketing):

"[Escrevo à mão] Coisas que eu não possa depender de impressora; Coisas em que eu quera parecer eu mesmo (eu acho minha letra super característica...)."

Daniela Ramalho (estudante de Comunicação Social, 24 anos):

"escrevo [à mão] em notas, bilhetes, cartões...coisas mais pessoais neste estilo!"

Desabafos pessoais também seriam alvo da caneta e do papel, como afirma João Schimidt, 24 anos, estudante de Direito:

"O papel é mais intimista, mais humano...acho que é mais fácil vc se abrir escrevendo a mão do que teclando.....já fiz isso tantas vezes- escrever a mão e depois passar para o computador.....mas primeiro procuro o papel (...) Em situações de desabafo e problemas pessoais..... (...) acho que quando escrevemos no papel somos mais sinceros, temos mais comprometimento com aquilo que estamos escrevendo."

Escrevendo tão pouco à mão, como será que anda a letra desses jovens? Isso foi o que indaguei a eles em seguida. Apesar de todos haverem afirmado que suas letras continuam as mesmas, recebi da estudante de Veterinária, Nina Scanela, 20 anos, uma resposta que creio merecer destaque:

"[Minha letra está] Bonita.. Eheheh.. Sabe que eu ando reparando que estou escrevendo mais rápido e minha letra está mais corrida... Não sei se é por causa do cpu.. (...) Ultimamente eu estou escrevendo mais rápido, minha letra não está mais tão redondinha como era.. Não sei se é normal ou é efeito do cpu..."

Meus sujeitos acreditam que não são eles os únicos a estarem utilizando mais a "Escrita Digital" do que a escrita à mão. Segundo os jovens que entrevistei, muitos seriam aqueles que estão aposentando suas canetas e blocos de papel.

Rosane Pimentel (23 anos de idade, estudante de Engenharia Elétrica):

"acho q está acontecendo muito (...) pq as pessoas têm usado o comp mais , vejo sempre pessoas com palmtop fazendo anotações tb , q poderiam fazer à mão."

Nina Scanela (estudante de Veterinária, 20 anos):

"Depende, tirando uma boa parte do Brasil que não pode ter cpu, acho que quem pode comprar um, deixa um pouco de lado a escrita a mão.."

Francisco Branco (designer, 24 anos de idade):

"Pela qualidade dos textos que tem batido em minhas mãos acho que hoje predomina o teclado"

Michel Jordão (24 anos, estudante de Engenharia):

"Acho que está acontecendo com todo mundo. Poucas pessoas devem preferir escrever a mão. (...) pelo menos as pessoas que Eu conheço estão teclando muito mais que escrevendo a mão."

Alguns dos jovens que participaram da pesquisa lançaram olhares para o futuro, procurando prever o destino da escrita à mão.

Gabriela Sá (estudante de Psicologia, 21 anos de idade):

"Acho que aos poucos vai acontecendo... quem usa mais computador acaba se habituando a digitar tudo direto... (...) e a tendencia eh cada vez mais se usar computador... tipo, quando eu fazia trabalhos no ginasio eu escrevia tudo à mão... hoje isso nao existe mais.... (...) Com o passar das geracoes, acho que cada vez vai se digitar mais.. claro que tem coisas que nao vao acabar tao cedo, tipo caderno em colegio e faculdade... mas eu acho que a tendencia eh ir-se escrevendo a mão cada vez menos.."

O psicólogo Alberto Camy, 25 anos, faz previsão ainda mais sombria:

"Claro [que as pessoas estão escrevendo menos à mão]. é inevitável. essa geração q vem aí vai começar a achar a escrita inútil e depois ela vai começar

a sumir. (...) eu sou daqueles q acham q a escrita à mão irá morrer. (...) não vejo um uso para a escrita no futuro, as assinaturas serão eletrônicas, senhas, leituras de retina, etc. Os trabalhos, provas, laudos, o q for serão feitos no computador, a escrita à mão será uma arte, um conhecimento inútil, sem finalidade prática e vai morrer lentamente. O próprio Saramago usa o computador para escrever seus livros, pra q a caneta, a alfabetização será num teclado, qq emprego hoje exige saber digitar e não saber escrever. (...) As pessoas chamarão digitar de escrever e quem for nascendo não vai saber q havia escrita a não ser nas aulas de história, vai ser naturalizado como qq discurso disciplinador, será a verdade de uma época, não vejo problema não, o garoto q aprender a digitar vai usar isso no mundo dele e se o avô dele mostrar para ele o q é escrita à mão ele vai achar trabalhoso, engraçado, talvez até goste, mas não será a necessidade dele, a verdade dele."

Talvez ainda seja cedo para sabermos se as previsões de Gabriela e Alberto se confirmarão. Creio, contudo, que nunca é cedo demais para pensarmos nas conseqüências que a passagem da escrita do papel para a tela poderá ter. Para a maior parte dos jovens que entrevistei, as conseqüências serão, em sua maioria, negativas. O primeiro perigo apontado por meus sujeitos diz respeito ao processo de alfabetização.

Daniela Ramalho (24 anos de idade, estudante de Comunicação Social):

"acho que o Bill gates tem um fundinho de razão qdo fala que as crianças serão alfabetizadas no pc."

Daniela, porém, acredita que essa realidade ainda demorará a chegar ao Brasil e que, mesmo chegando, não representará o fim da escrita à mão:

"mas acredito que isto inda vá demorar a chegar aqui no brasil... assimcomo nos EUA, as escolas té ensinm computação desde cedo, mas continuam a ensinar a alfabetizaçãoi na mão, normalmmente! (Mas e se de fato o Bill Gates tiver razão e as crianças passarem a ser alfabetizadas no pc. Que conseqüência(s) vc acha que isso pode ter para elas? Alguma?) talvez.... se o mundo inteiro mudar e tudo realmente virar digital como ele sonha.....mas acho que a escrita Não vai acabar! é algo milenar e cultural! (Mas vc disse que se o mundo se tornar digital como ele sonha... O que vc acha que aconteceria?) ele sonha com geladeira que dão receita via web, microondas com web... um mundo meio "Jetsons"..... lembra daquele desenho? (...) mas é uma coisa muito hipotética! nem mesmo eles deixaram de escrever! =)"

A estudante de Engenharia Elétrica, Rosane Pimentel, 23 anos, parece ter uma visão um pouco mais negativa:

"acho q a consequência é q ninguém vai se preocupar em ter letra legível ou não à mão, pq vão usar mais os computadores mas acho q pode ser perigoso na alfabetização, no aprendizado (...) [as pessoas] não vão saber escrever fora do comp."

O medo de Rosane é compartilhado por outros sujeitos, entre eles, Francisco Branco (24 anos de idade, designer), Ana Claudia Alves (psicóloga, 24 anos), Bruno Donati (26 anos, engenheiro) e Celeste Ribeiro (estudante de Psicologia, 18 anos de idade), que dizem, respectivamente:

"tenho visto muito que essa linguagem coloquial da internet tem sido passada cada vez mais para a escrita a mão... já é comum vermos abreviações como vc ao invés de você p/ no lugar de para e a mais absurda na minha opinião é o no no lugar de não (...) Eu acho que essas pessoas vão acabar desaprendendo o uso correto de nossa língua..."

"acho que a criançada perderia mUITO até mesmo em habilidade motora..não saber escrever? putz...isso é mal!"

"bom pode ter [conseqüências] sim .. dificuldades para escrever. (...) perder a forma de escrever.."

"Q tipo de consequência? Não se ensinar mais as crianças a escrever à mão, por exemplo? (...) Talvez... Que isso, de escrever à mão vá se perdendo com o tempo... (...) Tomara q não... Talvez não tão radicalmente... não vai ser extinto... Mas a prática pode diminuir..."

Celeste prossegue, apontando outro temor de grande parte dos meus sujeitos:

"talvez as pessoas possam ficar mais frias..."

A impessoalidade da "Escrita Digital", destacada por muitos dos jovens por mim entrevistados, teria, segundo estes, o poder de isolar as pessoas. Essa preocupação é vivida por Antônio Jingles (21 anos, analista de marketing), Nina Scanela (estudante de Veterinária, 20 anos de idade) e João Schimidt (24 anos, estudante de Direito), que colocam:

"[Eu acho que a passagem da escrita do papel para a tela pode gerar] Mais lógica nos textos. Menos lirismo. Menos personalidade. Textos mais impessoais. Não no que se refere a literatura. Mas a comunicação interpessoal."

"Apesar de ser bem mais prático, o cpu traz algo de ruim. As pessoas estão cada vez mais se isolando e ao invés de dar um telefonema ou uma visita acabam mesmo entrando no cpu e escrevendo um texto como lembrança. As relações humanas vão ficar cada vez mais distante e o "calor humano" vai começar a se perder com o tempo.."

"A impessoalidade da sociedade..... (...) [as pessoas poderão ficar] mais autônomas..talvez..... (...) talvez uma maior frieza no trato com os outros,,,,pode acontecer, sim.... (...) pessoas cada vez ficam acostumadas a responder às máquinas...vão perdendo o trato com as pessoas....já dizia o sr myaggi....que adianta vc socar a parede se ela n~`ao reage???"

Existe um grupo, porém, que consegue encontrar conseqüências positivas na passagem da escrita do papel para a tela, grupo este representado pelo advogado Bernardo Matos, de 25 anos:

"[Vejo conseqüências] sim... diminuir a destruição das florestas heheh => acho q tirando isso, nenhuma => (...) Na prática eu acho que só vai facilitar a vida, aumentar a produção, a qualidade do que se faz relacionado a texto, etc... internamente acho q não muda nada... (...) acho que a passagem da escrita no papel pra escrita no computador não vai ter nenhuma influência na estrutura interna do indivíduo, acho q não vai afetar grandes coisas... digo, vejo como mera questão cultural. As pessoas vão simplesmente um dia começar a usar mais computador q escrever e pronto, sem nenhum 'trauma'."

Alberto Camy, psicólogo de 25 anos de idade, parece discordar ligeiramente da última colocação de Bernardo, falando sobre a possibilidade da escrita no computador gerar um "sexto sentido":

"acho q se desenvolverá uma nova percepção, um novo sentido para podermos ter um feeling sobre as pessoas q conhecemos na rede, um "olfato virtual"."

Dentre tantas previsões, quem estará com a razão? Talvez ainda seja um pouco prematuro tentarmos responder essa e outras perguntas que as falas de meus sujeitos levantam, mas me arriscarei a fazê-lo no próximo capítulo...

Creio ter apresentado acima os principais resultados de minha pesquisa. Espero ter, a partir de sua exposição, fornecido ao leitor base para compreender a discussão que se segue.

4 - DA GALÁXIA DE GUTENBERG À GALÁXIA DE GATES

"Avanços tecnológicos e científicos confrontam a raça humana com questões imediatas e profundas. A importância das máquinas e das inovações reside no impacto que elas têm sobre o ser humano - em seu papel de agentes causadores de mudanças sociais. Elas afetam não apenas os meios, mas também os fins de ações individuais e sociais. Nossa era é caracterizada pela rapidez cada vez maior das mudanças baseadas na ciência e na tecnologia, particularmente aquelas trazidas pelos avanços nas tecnologias computacional e das comunicações. A informação está no centro da sociedade e o seu uso afeta profundamente tanto a geração atual quanto a futura. Indivíduos e instituições estão sendo colocados sob enorme pressão e cabe a nós procurar identificar as causas e direções dessa pressão. Assim poderemos esperar alterar nossas instituições a fim de atender às necessidades do homem em uma época de mudanças tão rápidas e fundamentais" (minha tradução).⁸²

Antes de dar início à discussão, creio ser interessante, de forma a facilitar a tarefa do leitor, apresentar um quadro geral dos principais resultados por mim obtidos durante meu estudo. Com esta intenção, traçarei, a seguir, um breve "perfil" dos jovens que participaram da pesquisa.

⁸² "Scientific and technological advances present mankind with immediate and profound questions. The importance of machines and innovations resides in the impact they have on human beings - in their roles as agents for social change. They affect not only the means but also the ends of individual and societal actions. Our age is characterized by the accelerating rapidity of scientifically and technologically based changes, particularly those brought about by advances in computer and communications technologies. Information is at the heart of society, and its use profoundly affects this and future generations. Individuals and institutions are being put under enormous pressures, and we must seek to identify the causes and the directions of these pressures. Then we can hope to alter our institutions to meet the needs of man in a time of rapid and fundamental change". Diebold, John, 1969, pp. 1-2.

4.1 - Conhecendo o jovem "internauta"

O primeiro contato com o computador foi muitas vezes travado a partir dos videogames. Não demorou, contudo, para que novos usos começassem a ser dados à máquina, e os editores de texto foram a segunda escala da jornada.

O surgimento da Internet gerou uma enorme curiosidade, curiosidade esta que, aliada à necessidade de atualização - pessoal e/ou profissional - e ao desejo de manter contato com amigos distantes - ou não! -, tornou inevitável a aproximação.

Uma vez travado contato com a Rede, a relação com o computador nunca mais seria a mesma. O uso da máquina aumentou consideravelmente, passando ela a ser utilizada basicamente como meio de conseguir acesso à Internet. Computador e Rede passaram a ser praticamente sinônimos, e passou a ser impossível pensar nele sem lembrar dela.

Se o teclado era utilizado quase que exclusivamente para a produção de trabalhos acadêmicos, o *e-mail* fez da escrita na tela um hábito. O teclado tornou-se algo tão familiar que a escrita à mão parece ter ficado em segundo plano. Mais rápido, mais prático e mais bonito do que a escrever com caneta e papel, teclar ganhou preferência sobre a escrita tradicional. Caneta e papel passaram a ser utilizados apenas para anotações, bilhetes, cartas, cartões e outras coisas apontadas como mais "pessoais".

A transição do papel para a tela, porém, não foi algo simples. Muitas vezes foi necessária a utilização de rascunhos escritos à mão antes do texto poder ir para o computador. Algum tempo foi preciso até ser possível sentar diante de uma tela e produzir um texto, o que talvez seja explicado pela diferente lógica existente na "Escrita Digital". Mais maleável e flexível do que a escrita à mão, a escrita no computador aparentemente exige outro tipo de raciocínio - a

regra agora parece ser a do "brainstorm", em oposição ao encadeamento e ordenação de pensamento requeridos pela caneta e o papel.

A "Escrita Digital", e a nova lógica que ela vem instaurando, como tudo que é novo, gera, ao mesmo tempo, preocupação e esperança. Perda da habilidade motora para escrever à mão e perigos para a alfabetização, impessoalidade e frieza no relacionamento com os outros são algumas conseqüências negativas temidas. Aumento da produção e de sua qualidade e o desenvolvimento de novas estruturas de pensamento, algumas das positivas.

Entre tantas possibilidades, uma constatação: como já indicavam as falas das crianças e dos adolescentes que colaboraram na pesquisa *As crianças estão bem (?)*: *Um estudo sobre a Internet e a Nova Geração*, o teclado vem, cada vez mais, assumindo o lugar da caneta e do papel. Escrever à mão - algo que os jovens por mim entrevistados certamente fizeram durante a maior parte de suas vidas - passou a ser, inclusive, uma tarefa difícil.

Todas as colocações acima, contudo, parecem ainda não ser suficientes para responder a pergunta deixada no ar pelos depoimentos de crianças e adolescentes que participaram de nosso estudo anterior. Qual seria, afinal, a fonte do prazer envolvido no teclar? Tendo as falas dos jovens que entrevistei na presente pesquisa me fornecido algumas dicas, penso ser agora possível arriscar uma resposta, o que será feito a seguir.

4.2 - Por que teclar é mais prazeroso do que escrever?

Como é possível perceber através da comparação dos depoimentos dados pelas crianças e adolescentes que foram sujeitos da pesquisa *As crianças estão bem (?)*: *Um estudo sobre a Internet e a Nova Geração* com os dos jovens por mim entrevistados no atual estudo, alguns dos motivos para o teclado estar se tornando a primeira opção na hora de escrever algo são basicamente os mesmos para os dois grupos. Que a "Escrita Digital" é mais

veloz, mais prática e a mais bonita do que a escrita à mão, ambos concordam. Mas por que ela é considerada mais divertida e mais prazerosa?

Aparentemente o motivo principal para essa "debandada" rumo ao computador, o prazer presente no teclar foi inicialmente apontado pelas crianças e pelos adolescentes. Revelar sua fonte, porém, foi algo que apenas sujeitos de uma faixa etária um pouco mais elevada parecem ter sido capazes de fazer.

Foi, portanto, nas falas dos jovens que entrevistei durante a presente pesquisa que encontrei aquela que creio ser a principal fonte do prazer presente na "Escrita Digital": a lógica pela qual esta escrita é regida, lógica esta caracterizada por uma maior maleabilidade e por um caráter de oralidade.

Penso ser a oralidade característica da "Escrita Digital" um dos principais fatores a ser levado em conta quando está em pauta a questão do prazer envolvido no ato de teclar. A semelhança existente entre esta forma de escrita e a fala - já abordada no capítulo destinado à apresentação das principais características da escrita no computador - volta a merecer destaque a partir dos depoimentos de meus sujeitos, recheados de erros de Português, abreviações, símbolos e estratégias para insinuar emoções e entonações. A "Escrita Digital" parece trazer para a escrita o caráter coloquial e a falta de compromisso característicos da fala.

Como ressaltado anteriormente, porém, esta oralidade da "Escrita Digital" não se faz presente apenas em programas de bate-papo via Rede. Apesar de talvez se manifestar mais claramente nesses ambientes - visto que neles existe um interlocutor "presente" e a troca de mensagens se dá em tempo real, não havendo, portanto, a utilização de corretores ortográficos e de outros recursos disponíveis em um editor de texto -, ela é, na verdade, uma das principais características da escrita na tela em geral.

Deve ser lembrado, aqui, o fato de computador e Internet terem de tal maneira se fundido que, como afirmam meus sujeitos, hoje em dia não é mais possível pensar os dois separadamente. Desta forma, se a Rede fez do teclado uma ferramenta para nos comunicarmos com o mundo, e se escrever *e-mails* ou teclar com outras pessoas em um programa de bate-papo são coisas consideradas divertidas, a fusão computador-Internet parece fazer com que esse prazer presente na versão *online* da "Escrita Digital" - representada especialmente pelos programas de correio eletrônico e de *chat* - acabe "transbordando" para sua versão *offline* - que tem nos editores de texto seu principal representante.

Seja na Internet ou fora dela, o computador vem aproximando a lógica da escrita à da fala, e, com isso, fazendo com que escrever se torne mais fácil e prazeroso do que costumava ser quando éramos obrigados a raciocinar com caneta e papel. Mais maleável, a escrita na tela torna menos trabalhosa a tarefa de criar um texto. Ao dar maior liberdade para aquele que escreve e facilitar o processo de criação, o computador parece estar tornando o ato de escrever algo mais divertido. Penso ser precisamente este o ponto onde reside o prazer presente no teclar.

Se talvez tenhamos encontrado respostas para nossas perguntas iniciais, durante a busca da fonte do prazer presente na "Escrita Digital" muitas outras questões se colocaram. As principais dizem respeito ao futuro: Quais serão as conseqüências da passagem da escrita do papel para a tela? Que tipo de homem será gerado pela lógica da "Escrita Digital"? O que podemos esperar do futuro?

Como destaquei anteriormente, creio que apenas o tempo poderá responder de forma definitiva essas perguntas. Nada nos impede, porém, de, assim como fizeram os jovens por mim entrevistados, arriscar algumas previsões...

4.3 - "Homem tipográfico" x "Homem digital"

Ao longo da presente exposição, apresentei ao leitor um raciocínio baseado na noção de que o homem é construído socialmente. Desta forma, defendi que alterações no cenário social, geralmente - e especialmente - resultantes do surgimento de inovações tecnológicas, teriam impactos sobre as mais diversas esferas da vida humana.

Com o propósito de reforçar esta idéia, fiz referência a grandes revoluções vividas pela humanidade ao longo de sua história, apontando algumas das conseqüências de tais revoluções. Dentre estas revoluções, foi dado especial destaque àquela desencadeada pela invenção da imprensa.

Abordando alguns dos impactos que a tecnologia da tipografia teve sobre o homem, apresentei ao leitor obras de autores como Elizabeth Eisenstein, Anísio Teixeira e Marshall McLuhan. No trabalho de cada um deles, foi possível encontrar alguns dos resultados do contato do homem com a imprensa. Questões como o aumento de produção, o aprimoramento das formas de levantamento de dados, métodos de medição e modos de registro das observações, o surgimento das culturas vernáculas, e a universalização da máquina, apontadas como as primeiras conseqüências da entrada em cena dessa nova tecnologia, estão entre os temas abordados por estes três estudiosos.

Os impactos mais fundamentais provocados pela tecnologia da tipografia, contudo, somente puderam ser sentidos e percebidos em um segundo momento, e, como destacam Eisenstein, Teixeira e McLuhan, estariam relacionados à vida mental do homem.

Ao elevar o comportamento visual do *sensorium* humano, romper o equilíbrio de relacionamento entre os sentidos e, com isso, possibilitar a destribalização do indivíduo, a invenção de Gutenberg impactou de tal forma a subjetividade

humana que McLuhan, em uma tentativa de classificar o homem criado pela imprensa, cunhou a expressão "homem tipográfico". Este homem, segundo o autor, teria sido produzido pela mudança na consciência provocada pela tecnologia da palavra impressa.

A ruptura entre a cabeça e o coração, o espírito e o sentimento, resultado do isolamento do aspecto visual da palavra trazido pela tipografia, teria feito do "homem tipográfico" um homem extremamente racional. De acordo com McLuhan, o "homem tipográfico" absorveu a lógica da tecnologia da imprensa, tendo desenvolvido como principal característica um raciocínio linear e altamente mecanizado.

Ao estudo das características desse homem produzido pela tecnologia da palavra impressa, porém, já foi dedicado um bloco da presente exposição, de forma que não creio ser necessário me estender e, com isso, correr o risco de tornar o texto repetitivo e cansativo para o leitor. Minha intenção ao apresentar novamente as colocações de Eisenstein, Teixeira e McLuhan foi apenas a de reforçar a proposta de que estamos, neste momento, presenciando o nascimento de um novo homem. Se ao homem criado pela tipografia McLuhan deu o nome de "homem tipográfico", talvez pudéssemos batizar o homem criado pela "Escrita Digital" de "homem digital".

É importante ressaltar, porém, que, assim como aconteceu com o "homem tipográfico", que só pôde ter suas características devidamente analisadas e descritas por autores que o estudaram muito tempo após o seu surgimento, o "homem digital" provavelmente também só poderá ter seu perfil traçado dentro de alguns anos.

Através de uma análise do material ao qual tive acesso durante a realização do presente estudo, no entanto, penso ser possível levantar algumas hipóteses a respeito da organização subjetiva desse novo homem que deve nascer a partir do contato com a lógica da "Escrita Digital".

Sendo uma das principais características da escrita na tela a sua velocidade, talvez pudéssemos supor que o "homem digital" venha a apresentar uma maior agilidade de pensamento como uma de suas características. Ao que parece, a velocidade de raciocínio estimulada pela "Escrita Digital" já vem mostrando, inclusive, alguns de seus resultados. Isto fica claro pela fala de um dos jovens que colaboraram com a minha pesquisa, que afirma que seu raciocínio está mais rápido do que suas mãos.

Parece ser outra característica da "Escrita Digital", contudo, aquela que deverá provocar os maiores impactos sobre a organização subjetiva do homem: sua maleabilidade. Ao instaurar uma nova lógica de escrita, a flexibilidade da "Escrita Digital", trazida pelos recursos disponibilizados pelos editores de texto - que fazem com que escrever no computador seja apontado como sendo mais prático do que escrever à mão -, será, a meu ver, a principal fonte de transformações no que diz respeito à organização do pensamento humano.

Se o "homem tipográfico", como destacado acima, se caracterizava por seu pensamento linear e mecânico, o "homem digital" deverá ser identificado exatamente pelo oposto. A flexibilidade por trás da lógica da "Escrita Digital" deverá ter o poder de tornar o raciocínio desse novo homem também mais flexível.

Maior velocidade de raciocínio, maior espontaneidade e uma forma de pensar mais flexível e menos fechada: essas poderão ser algumas características fundamentais do "homem digital". Certamente, porém, não serão as únicas.

Outras conseqüências - segundo os jovens por mim entrevistados, não tão positivas - do contato com a "Escrita Digital" devem ser esperadas. Entre elas se encontrariam: menor habilidade motora, dificuldade para escrever e

impessoalidade no trato com as pessoas. Creio ser a última delas a que merece maior atenção de nossa parte.

Sendo a escrita na tela apontada como algo impessoal, teme-se que o "homem digital" possa apresentar também a maior frieza no relacionamento interpessoal como uma de suas características. Devo admitir, todavia, que, ao contrário de meus sujeitos, não tenho tal preocupação.

A meu ver, a noção de que a escrita à mão é algo mais pessoal do que a escrita no computador está baseada no fato da geração da qual fazem parte esses jovens ter convivido durante a maior parte de sua vida com lápis, caneta e papel. Como pode ser percebido pelos depoimentos que forneceram durante a pesquisa *As crianças estão bem (?): Um estudo sobre a Internet e a Nova Geração*, crianças e adolescentes que estão crescendo em frente a teclados e telas de computador, sequer fazem menção a esse caráter de impessoalidade que seria característico da "Escrita Digital".

Por fim, creio merecer destaque a hipótese levantada por um dos jovens que entrevistei de que o "homem digital" poderia vir a desenvolver um "sexto sentido": um "olfato virtual", como definiu meu sujeito. Esta nova percepção, segundo esse jovem, poderia ser um dos frutos do contato com a "Escrita Digital" característica de programas de bate-papo via Internet, onde, como diz o meu sujeito: "o teclado (...) é a sua língua, ele é os sons, os ruídos. Então, você precisa confiar nele".

É impossível afirmar com certeza que qualquer uma das previsões acima se confirmará. Penso, contudo, ser fundamental fazê-las, visto que isso nos leva a refletir acerca das mudanças pelas quais o homem vem passando, assim fazendo com que estejamos melhor preparados para entender e lidar com as conseqüências que elas trarão para todos nós. A dúvida fundamental, porém, permanece...

4.4 - Aonde podemos chegar?

Se durante muitos anos fomos habitantes da "Galáxia de Gutenberg", talvez hoje estejamos vivendo na "Galáxia de Gates". O computador pessoal - agora associado à Internet - parece ser, de fato, o grande agente de transformação de nossa época, assim como foi um dia a imprensa.

Apesar de as conseqüências trazidas pela criação de Johann Gutenberg hoje já serem bem conhecidas por nós, o mesmo não pode ser dito a respeito da máquina de Bill Gates. "Você sabe aonde pode chegar?". A pergunta *slogan* de um dos mais utilizados programas de software do mundo na atualidade parece resumir a preocupação e a curiosidade de todos aqueles que se aventuram a estudar as transformações pelas quais estamos passando em virtude do contato com as novas tecnologias.

A resposta para essa pergunta é simples: não. Não sabemos aonde podemos chegar. Creio, porém, que não devemos esperar de braços cruzados pelos resultados desta nova revolução que estamos vivendo.

Como fizeram outros estudiosos diante de outras revoluções, penso que é nosso papel buscar observar e compreender as mudanças que vêm acontecendo diariamente a partir da entrada em cena de novas tecnologias. Desta forma, procurei, através do presente estudo, prestar minha pequena contribuição para essa incessante busca de respostas que move a humanidade.

Espero que a pesquisa por mim desenvolvida com jovens brasileiros usuários de computadores e da Internet tenha prestado sua colaboração no sentido de encontrarmos respostas para algumas das inúmeras perguntas que se fazem presentes nesse momento de transformações fundamentais. Ter apenas sido capaz de colocá-las, porém, já faz desse estudo uma bem-sucedida jornada. Que venham outras pela frente!

5 - APÊNDICE

Como prometido, o leitor poderá encontrar abaixo maiores informações acerca dos diferentes estágios atravessados pela escrita durante sua história. Terá, ainda, a oportunidade de conhecer mais sobre a vida de Johann Gensfleisch Gutenberg, criador da imprensa com tipos móveis.

O percurso da escrita ao longo do seu desenvolvimento

Pictografia (escrita figurativa) - Utilizada por muitos dos povos pré-históricos - como os da África, da América, da China, da Espanha, da Fenícia, de Creta, do Egito, da Mesopotâmia e do sul da França - e utilizada nos tempos modernos por habitantes da Sibéria, da África Central e da Ásia, entre outros, a Pictografia representou a verdadeira escrita em seu estágio mais rudimentar. O seu surgimento marca o primeiro passo no sentido de um afastamento das formas embrionárias de escrita. A escrita figurativa era capaz de representar uma narrativa simples - através da apresentação de uma seqüência de idéias ou planos -, não se limitando à reprodução de imagens simples e sem qualquer conexão, como acontecia até então. Uma série de quadros descrevem a ação, sendo cada um deles um "pictograma". Pelo fato de pinturas não serem representadas por meio de sons específicos, as escritas em forma de desenho podem ser expressadas de maneira oral em qualquer língua, sem alteração do conteúdo - ainda não existe o fonetismo intrínseco.

Escrita Ideográfica - Apesar de parecer um desenvolvimento da escrita pictográfica, a Escrita Ideográfica vai muito além desta. Seu surgimento - por volta de 3.100 a. C. - traz consigo, pela primeira vez, a capacidade da escrita transmitir sutilezas, abstrações e associações múltiplas. Assim como antigamente, os pictogramas podem, nos dias de hoje, significar apenas

aquilo que representam. Contudo, possuem também a capacidade de sugerir conceitos ou idéias a que estas coisas estão ligadas. Como exemplo poderíamos citar a figura de um círculo: enquanto na escrita figurativa um círculo seria entendido como Sol, na escrita ideográfica, ele poderia ter outros sentidos, como luz, calor, dia... Além disso, os "ideogramas", símbolos individuais deste tipo de escrita, podem descrever animais, por exemplo, não por sua representação completa, mas por um esboço da cabeça, pois na escrita ideográfica o todo é lembrado pelas partes. Destaca-se também que, ainda que estas estejam separadas no tempo e no espaço, os ideogramas apresentam grandes semelhanças em muitas escritas rudimentares. Entre habitantes indígenas do centro da África e da América do Norte, da Austrália e da Polinésia, assim como do nordeste da Sibéria, entre os Yukaghirs, é possível encontrar a escrita ideograficamente "pura". Neste momento de seu desenvolvimento, vale ressaltar, a escrita não alcançara ainda os "sistemas completos".

Escritas analíticas de transição - Apesar de as escritas dos hititas, egípcios, cretenses e mesopotâmios serem freqüentemente classificadas como ideográficas, tal classificação é incorreta. Na verdade, mesmo que possam ter tido sua origem na escrita ideográfica, os exemplos mais antigos de que se tem conhecimento são apenas em parte ideográficos, possuindo também um elemento fonético que se combina ao aspecto ideográfico de várias formas. Foi exatamente por estarem situadas entre a escrita fonética e a escrita puramente ideográfica que estas formas de escrita foram classificadas como "de transição". Todavia, por alguns destes sistemas de escrita existirem por até três mil anos, o conceito de "escrita de transição" só pode ser pensado nas mais ampliadas perspectivas históricas. O termo "analítico" se refere ao fato de este tipo de escrita possuir palavras como unidades básicas, não tendo tanta importância o modo como estas palavras são representadas.

Escritas Fonéticas - Enquanto na escrita ideográfica "pura" não existe qualquer conexão entre determinado símbolo desenhado e o nome oral que

lhe é atribuído - o que significa dizer que tal símbolo pode ser lido em qualquer língua com a mesma facilidade -, na escrita fonética, pela primeira vez, há a contrapartida gráfica da fala. Nesse sistema de escrita, a cada som, ou sons, na língua em que é representado, corresponde um elemento gráfico. Dessa forma, é necessário o estabelecimento de uma relação direta e inseparável entre as linguagens falada e escrita, sendo esta última lida ou explicada a partir do conhecimento da outra. Na escrita fonética não é necessário haver qualquer ligação entre um som que um símbolo representa e sua forma externa, de maneira que os símbolos podem possuir qualquer forma. Tal questão nos conduz a uma última, e maior, divisão do tema: a escrita fonética - não apenas como um elemento da escrita de transição, mas em sua forma "pura" - pode ser silábica ou alfabética. Os silabários, ou formas silábicas da escrita, têm como base o fato de a sílaba constituir a menor unidade em que pode ser subdividida qualquer série de sons ou qualquer palavra falada. Tal idéia, de usar apenas um símbolo para representar uma sílaba parece ter surgido em muitas partes do mundo e por várias vezes, mesmo que poucas escritas tenham se transformado em silabários "puros", através da abolição total dos ideogramas da fase mais antiga.

Escrita Alfabética - Embora tecnicamente seja uma subdivisão da escrita fonética, a escrita alfabética assumiu tal importância nos últimos três mil anos que fez por merecer a designação de categoria. Por ser este tipo de escrita aquele de que maior parte da humanidade faz uso nos dias de hoje, não parece haver necessidade de uma exposição prolongada de suas características. O alfabeto é considerado o método de escrita mais útil e mais flexível jamais inventado. Com seus 22, 24 ou 26 sinais, tornou-se, desde que surgiu no Próximo Oriente, a base universal das escritas utilizadas pelos povos civilizados, se adaptando às diferentes línguas com extrema facilidade.

Quem foi Gutenberg?

Nascido em 1397 na cidade de Móguncia (Alemanha), no seio de uma família bastante próspera, Johann Gensfleisch Gutenberg, a quem é atribuída a criação do processo de impressão com caracteres móveis - a "tipografia" -, provavelmente aprendeu a arte da precisão em trabalhos de metal com seu pai e seu tio, ambos funcionários da Casa da Moeda do Arcebispo de Móguncia.

Em 1428, partiu para Estrasburgo onde fez suas primeiras tentativas de imprimir com caracteres móveis. Contudo, quando começou a construir sua prensa em 1436, dificilmente Gutenberg se deu conta de que estava dando à luz uma forma de arte que iria ocupar o lugar central nas revoluções social e industrial que viriam em seguida.

Provavelmente em 1442, ainda em Estrasburgo, sua prensa original teve seu primeiro exemplar impresso - um pedaço de papel, com onze linhas. Gutenberg voltou à sua cidade natal em 1448, onde, dois anos mais tarde, conheceu Johann Fust. Fust, homem de dinheiro, teria se tornado sócio de Gutenberg, emprestando-lhe a quantia de oitocentos ducados em troca da participação nos lucros da empresa que formariam. À empresa deram o nome de "Das Werk der Buchei" (Fábrica de Livros).

Pouco tempo depois, ganharam um novo sócio: Pedro Schöffer. Schöffer teria sido o responsável pela descoberta de um modo de fundir e fabricar caracteres combinando antimônio e chumbo.

É, todavia, atribuído a Gutenberg o mérito principal pela invenção da imprensa, o que se deve não apenas à idéia dos tipos móveis, mas também ao fato de ter aperfeiçoado a prensa. Antes da criação da imprensa, a maior parte dos livros era produzida pela e para a Igreja, sendo feito uso de um processo de gravuras em madeira. Para tal, era necessário que um

especialista moldasse o fundo de um bloco de madeira, deixando em alto relevo a área que deveria ser impressa.

Este processo era utilizado tanto para textos quanto para ilustrações, consumindo muito tempo. Quando uma página - que geralmente consistia de uma série de blocos posicionados um ao lado do outro - ficava pronta, esta era molhada com tinta, sendo, então, uma folha de papel pressionada sobre ela a fim de se fazer uma impressão.

Um dos problemas desse sistema era o tempo limitado de duração do material por ele adotado. A madeira, que já se deteriorava naturalmente com o passar dos anos, tinha seu tempo de uso ainda mais reduzido pelo efeito do uso de tinta sobre ela. O tipo de metal, porém, mudaria tudo isso.

Entre os primeiros materiais produzidos por esta invenção de Gutenberg encontra-se a célebre Bíblia de quarenta e duas linhas, que teria começado a ser impressa no início da década de 1450. O trabalho de impressão era sem dúvida muito árduo, pois cada letra deveria ser composta à mão e cada página laboriosamente colocada na impressora, tirada, seca e depois impressa no verso.

Gutenberg, contudo, aceitou o desafio e acredita-se que, utilizando seis impressoras, conseguia imprimir trezentas folhas por dia. Ao final do trabalho, teriam sido feitas em torno de trezentas cópias - das quais existem cerca de quarenta - da Bíblia, que possuía 641 páginas. É verdade que nem todas as cópias eram idênticas, sendo possível se encontrar algumas letras pintadas à mão na abertura de novos capítulos.

Os peritos defendem que a Bíblia teria sido impressa em dez partes, o que significaria dizer que Gutenberg possuía tipos suficientes para produzir em torno de 130 páginas de cada vez.

Ao ser completada essa impressão, por volta de 1455, por diferenças de direitos e interesses, a sociedade com Fust foi desfeita. As divergências entre os dois foram parar nos tribunais e Gutenberg acabou perdendo sua impressora, os tipos e as bíblias já completas para o sócio.

6 - BIBLIOGRAFIA

BAUDRILLARD, Jean, *Tela Total: mito-ironias da era do virtual e da imagem*, Porto Alegre: Sulina, 1997.

BENJAMIN, Walter, *Magia e técnica, arte e política* (Obras Escolhidas - Volume I), São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____, *Rua de mão única* (Obras Escolhidas - Volume II), São Paulo: Brasiliense, 1995.

BERRY, Wendell, "Against PCs", in HUNT, Douglas & PERRY, Caroline (org.), *The Dolphin Reader*, Boston: Houghton Mifflin Company, 1993.

BOLTER, Jay David, *Writing Space - The Computer, Hypertext, and the History of Writing*, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1991.

CHARTIER, Roger, *A aventura do livro: do leitor ao navegador*, São Paulo: UNESP, 1998.

CÍRCULO DO LIVRO, *Pequeno Livro de Instruções para a Vida*, São Paulo: Best Seller, 1994.

DE CERTEAU, Michel, *A Escrita da História*, Rio de Janeiro: Forense, 1982.

DERRIDA, Jacques, *A escritura e a diferença*, São Paulo: Perspectiva, 1995.

DIRINGER, David, *A escrita*, Rio de Janeiro: Editorial Verbo, 1985.

EISENSTEIN, Elizabeth L., *A revolução da cultura impressa - Os primórdios da Europa Moderna*, São Paulo: Ática, 1998.

GNERRE, Maurizio, *Linguagem, Escrita e Poder*, São Paulo: Martins Fontes, 1987.

KATO, Mary A., *No mundo da escrita - Uma perspectiva psicolinguística*, São Paulo: Ática, 1986.

LABOV, W., "The logic of nonstandard English", in KEDDIE, N. (org.), *Tinker, tailor... The myth of cultural deprivation*, Harmondsworth: Penguin, 1973.

LÉVY, Pierre (1990), *As tecnologias da inteligência - o futuro do pensamento na era da informática*, São Paulo: Editora 34, 1998.

_____ (1995), *O que é o virtual?*, São Paulo: Editora 34, 1996.

MARCONDES, Danilo, *Filosofia, Linguagem e Comunicação*, São Paulo: Cortez, 1992.

MCLUHAN, Marshall (1962), *A galáxia de Gutenberg - A formação do homem tipográfico*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

NEGROPONTE, Nicholas, *A vida digital*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria, *Na Malha da Rede: os impactos íntimos da Internet*, Rio de Janeiro: Campus, 1997.

_____ "Ansiedades e conflitos psicológicos do homem do século XXI", Projeto de pesquisa apoiado pelo CNPq, 1998a.

_____ "A Internet e os brasileiros: testemunhos de uma transformação", Relatório de pesquisa apresentado ao CNPq no ano de 1997.

_____ "Virtualidade em tempo real: a realidade dos relacionamentos virtuais nas novas gerações", Projeto de pesquisa apresentado ao CNPq no ano de 1996.

_____ "A análise de discurso em questão", *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 10, número 2, 1994.

_____ "Questões metodológicas sobre a análise de discurso", *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 4, números 1/2, 1989.

_____ "Análise de discurso e pesquisa qualitativa", *Anais da 18ª Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto*, 1989.

Sujeito e Cotidiano: um estudo da dimensão psicológica do social, Rio de Janeiro: Campus, 1987.

NISBET, Robert A., *The Sociological Tradition*, New York: Basic Books, Inc., 1966.

OLSON, David R. & TORRANCE, Nancy, *Cultura escrita e oralidade*, São Paulo: Ática, 1995.

ROMÃO-DIAS, Daniela & ZAREMBA, Raphael, "As crianças estão bem (?): Um estudo sobre a Internet e a Nova Geração", Trabalho de Conclusão de Curso elaborado para o Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1998.

SNYDER, Ilana, *Page to Screen - Taking literacy into the eletronic era*, New York: Routledge, 1998.

TAPSCOTT, Don, *Growing up digital*, New York: McGraw-Hill, 1998.

TEIXEIRA, Anísio, *Cultura e Tecnologia*, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Documentação, 1971.

TURKLE, Sherry, *Life on the screen: identity in the age of the Internet*, New York: Touchstone, 1997.

VATTIMO, Gianni (1985), *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*, São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VISCONTI, Maria Cristina & JUNQUEIRA, Zilda A., *Escrita: Das paredes ao computador*, São Paulo: Ática, 1998.

ZAREMBA, Raphael, ABREU, Rosane de A. dos S. & NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria, "Escrita Digital: a nova pedra no sapato da escola", Anais do III Workshop de Fatores Humanos em Sistemas Computacionais, Porto Alegre: Impa Artes Gráficas Ltda, 2000 (pp. 196-202).

ZAREMBA, Raphael, ROMÃO-DIAS, Daniela & NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria, "Simples como uma torradeira: um estudo sobre o computador no cotidiano da Nova Geração", Artigo em fase de análise para publicação na revista "Psicologia: Ciência e Profissão", 2000.

7 - FONTES DE PESQUISA NA INTERNET

DE LA MARE, Pierre, "An Industry Born", 1997.

- <http://www.dotprint.com/fgen/history1.htm>

Eco, Umberto, "From Internet to Gutenberg" (partes I a VI), 1996.

- <http://www.italynet.com/columbia/internet.htm>

- <http://www.italynet.com/columbia/internt2.htm>

- <http://www.italynet.com/columbia/internt3.htm>

- <http://www.italynet.com/columbia/internt4.htm>

- <http://www.italynet.com/columbia/internt5.htm>

- <http://www.italynet.com/columbia/internt6.htm>

KEEP, Cristopher & McLAUGHLIN, Tim, "Marshall McLuhan and the Gutenberg Galaxy", 1995.

- <http://web.uvic.ca/~ckkeep/hfl0232.html>

MUSEU VIRTUAL DA IMPRENSA

- <http://www.imultimedia.pt/museuvirtpress>

ROMÃO-DIAS, Daniela, "O Lápis, o Papel e o Editor de Texto", 1999.

- <http://www.aqui.com.br>

STEPHENSON, Wen, "The Message Is the Medium: A Reply to Sven Birkerts and *The Gutenberg Elegies*", 1995-6.

- <http://www2.theatlantic.com/atlantic/atlweb/aandc/gutenbrg/wschirev.htm>

8 - ANEXOS

O leitor interessado encontrará, abaixo, o roteiro utilizado para realização das entrevistas. Terá acesso, ainda, a um quadro com os dados de identificação dos quinze sujeitos que participaram da pesquisa.

Roteiro de entrevistas

I - Dados de Identificação

Sexo:

Idade:

Escolaridade:

Ocupação/Profissão:

Há quanto tempo usa computador?

Há quanto tempo acessa a Internet?

II - Temas/tópicos

PRIMEIRO CONTATO COM O COMPUTADOR E COM A INTERNET

- 1 - Quando começou a utilizar computador / Que uso fazia na época
- 2 - Quando e por quê entrou em contato com a Rede
- 3 - O que mais faz (ou gosta de fazer) na Internet (que programas mais usa)

COMPUTADOR NO PÓS-INTERNET

- 4 - A chegada da Internet mudou em alguma coisa o uso que faz do computador (aumentou / diminuiu) / Para que utiliza o computador atualmente (utiliza para muitas coisas fora da Internet)
- 5 - Qual a primeira coisa que faz ao ligar o computador (se vê o computador sem a Internet hoje em dia)

A QUESTÃO DA ESCRITA I - O COMEÇO

- 6 - Quantos e-mails escreve por dia
- 7 - O que acha de escrever (à mão)
- 8 - O que acha de teclar
- 9 - Se vê diferenças entre escrever à mão e teclar. Qual(ais)

A QUESTÃO DA ESCRITA II - E AGORA?


- 10 - Como foi a transição da escrita à mão para a escrita no computador
- 11 - Quanto tempo levou até conseguir escrever direto no computador (Como se dá o processo de escrita no computador atualmente)
- 12 - Se existem diferenças no que diz respeito ao processo de criação de um texto escrito à mão e um texto digitado (se acha que existe alguma diferença no tipo de raciocínio empregado nos dois tipos de escrita - papel e tela)
- 13 - Como se dá o processo de escrita à mão atualmente (Ao sentar com uma folha de papel e uma caneta, as idéias saem 'naturalmente'?)
- 14 - Atualmente, em que circunstância escreve à mão
- 15 - Como está a letra hoje em dia
- 16 - Se acha que hoje em dia as pessoas estão escrevendo menos à mão
- 17 - Qual(ais) consequência(s) acha que poderá ter a passagem da escrita do papel para a tela

Dados de identificação dos sujeitos da pesquisa

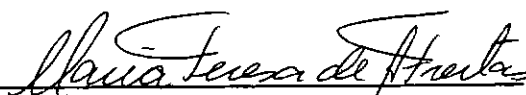
	Idade	Escolaridade/Profissão	Usa computador há*	Acessa a Internet há*
Alberto Camy	25	Psicólogo	12 anos	3 anos
Ana Cláudia Alves	24	Psicóloga	2 anos	1 ano e meio
Antônio Jingles	21	Analista de Marketing	8 anos	8 anos
Bernardo Matos	25	Advogado	13 anos	6 anos
Bruno Donati	26	Engenheiro	5 anos	5 anos
Carla Gomes	22	Es. de Tec. em Proc. de Dados	8 anos	4 anos
Celeste Ribeiro	18	Estudante de Psicologia	1 ano	1 ano
Daniela Ramalho	24	Es. de Comunicação Social	14 anos	7 anos
Fernanda Rocha	21	Estudante de Psicologia	10 anos	2 anos e meio
Francisco Branco	24	Designer	5 anos	5 anos
Gabriela Sá	21	Estudante de Psicologia	8 anos	8 anos
João Schimidt	24	Estudante de Direito	6 anos	3 anos
Michel Jordão	24	Estudante de Engenharia	7 anos	3 anos
Nina Scanela	20	Estudante de Veterinária	4 anos	3 anos
Rosane Pimentel	23	Estudante de Engenharia	10 anos	4 anos

*Valores aproximados.


Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pelo aluno Raphael Sachi Zaremba, intitulada "Escrevendo (ou seria 'teclando' ?!): O homem do século XXI", e aprovada pelo Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



Profa. Ana Maria Nicolaci-da-Costa
PUC-Rio (Orientadora)



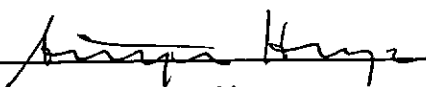
Profa. Maria Tereza Assunção de Freitas
UFJF



Profa. Clarice Sieckenius
PUC-Rio

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, ...19.1.07.12001.



Prof. Jurgen Heye
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas